

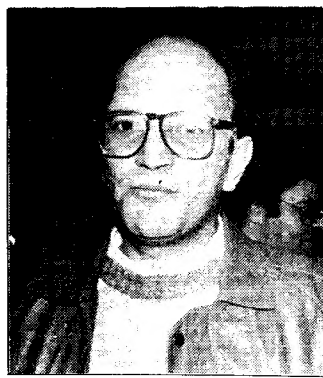
Diário de Lisboa

ANO 67

N.º 22 429

Terça-feira, 4 de Agosto de 1987

Preço 45\$00



**Morreu Manuel
Beça Múrias**

Pág. 5

**Alegado
incendiário
em
declarações
ao "DL":**

**"Eu até sou
sócio dos
bombeiros..."**

«Não estava a deitar fogo, pela minha rica saúde, eu sou contra isso, e até sou sócio dos bombeiros de Pombal», declarou ao «DL» Lopes Rodrigues, emigrante em França, acusado por populares de ter atestado um incêndio em Pombal. Ferido com uma enxada na cabeça, suturado no Hospital, o emigrante de 37 anos, foi ouvido ao fim da manhã de hoje no posto da GNR. Pág. 9

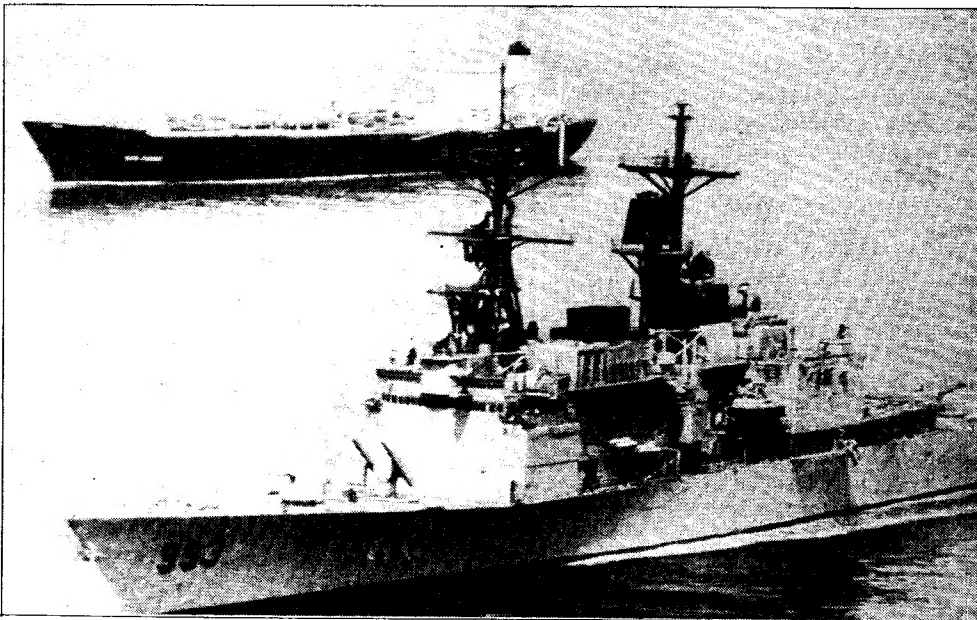
TENSÃO NO GOLFO REFLECTE-SE NOS PREÇOS

PETRÓLEO AUMENTA E OURO ACOMPANHA

... e também o dólar começa a registar movimento ascendente

Os preços do petróleo nos mercados internacionais acusaram ontem um movimento de subida pouco pronunciado mas que desencadeou imediatamente um nervosismo crescente entre os operadores. Paralelamente, as cotações do dólar e dos metais preciosos sofreram uma pressão no sentido da alta, chegando o ouro a subir mais de dez dólares por onça «troy» nos mercados europeus.

Continua na pág. 11



O petroleiro Kuwaitiano «Gás Prince», escoltado pelo «destroyer» americano «Kidd» foi o primeiro a atravessar ileso o estrito de Ormuz, nos dois sentidos.



ELES PARTEM, OS JOVENS, mas vão de férias, em comboio especial que os levará a conhecer uma boa parte Portugal e de Espanha. E o Comboio Ibérico, no qual, embarcam 250 jovens, entre os que ontem à noite entraram em Santa Apolónia e os que, mais tarde, já em território espanhol, tomarão o seu lugar nesta experiência que todos consideram interessante.

Pág. 10

**Serafim
Vieira
(Sporting)
venceu
a etapa
desta
manhã**

Pág. 17



**O "DL" na volta a Portugal em Bicicleta,
com o patrocínio de**



PENSAR A EUROPA

Carlos Adrião Rodrigues

Edgar Morin publicou recentemente um livro, sob o título que é também o deste artigo, onde tenta definir uma nova consciência europeia, que se baseia numa comunidade de destino (1).

«A nova consciência europeia, diz Morin, é a consciência das fragilidades cultural, energética, económica, demográfica e, mais que tudo, política e militar. A nova consciência europeia associa, indissolavelmente, à consciência de todos estas fragilidades, a de ser depositária de uma herança singular de valor universal. Ela é também a consciência da existência e da actividade de forças, não só políticas e militares, que operam dentro dos Estados (regionalismo, ecologismo) e das culturas para salvaguardar as identidades, as variedades e as verdades europeias. É, ao mesmo tempo, a consciência de uma necessária sinergia de todas estas forças.

A nova consciência europeia é, enfim, a consciência de que tudo é incerteza, que as «ameaças» são, elas próprias, ameaçadas e, como diz Holderlin, que com o perigo cresce também o que salva.

Assim, todos os problemas, incertezas, riscos, oportunidades do presente e do futuro são hoje comuns a todas as partes, províncias, países e nações da Europa, o que as liga num destino comum. A nova consciência europeia é a consciência de uma comunidade de destino».

Esta comunidade de destino europeia, não emerge do passado que a contradiz — «emerge do nosso presente porque é o futuro que a impõe».

A comunidade de destino, segundo Morin, reforça-se ou cristaliza sob a ameaça de um inimigo: «Assim o desaparecimento dos inimigos hereditários entre as nações europeias enfraquece a coesão interna das mais centralizadas e permite a atenuação da comunidade nacional a favor da comunidade de destino supranacional». Ora hoje o inimigo é «desfocado, complexo, difuso; é mais ideológico que nacional»; e continua Morin: «Hoje o mal é ideologizado, burocratizado, tecnicalizado, anonimizado».

zado».

«Não é mais incarnado na pessoa de um chefe responsável. Depois de Hitler, Estaline e, num certo sentido, de Mao, nenhum indivíduo pode ser o senhor da Tempestade; a destruição, no limite, pode resultar de um erro de computador». E continua: «O inimigo não é o americano, o russo ou o chinês: o inimigo não é étnico, é hegemónico... o inimigo adquire a sua verdadeira face na conjugação do hegemonismo, da homogenização e do totalitarismo». O inimigo é o Nada. «A história conheceu inimigos que destruíram nações, culturas e populações. Hoje o inimigo não é já o destruidor potencial, é sim o próprio NADA».

Ora a noção do Nada tinha primeiro vindo até nós pelo Nihilismo filosófico e depois, por outro lado, mais recentemente, pelas ciências físicas. A microfísica dissolveu toda a substância concebível atingindo a natureza íntima das partículas, depois a astrofísica instalou o Nada nas origens do Universo e no Horizonte Temporal da nossa Humanidade: o nosso Sol morrerá inelutavelmente, talvez dentro de quatro milhões de anos, mergulhando toda a vida no Nada. Ora, segundo Morin, o nada desceu do céu filosófico e dos céus cósmicos sobre o planeta Terra, no dia 6 de Agosto de 1945, em Hiroxima.

Mas pior do que isso, aproximou-se da Europa. Diz Morin:

«Em 1977 a URSS instala os seus SS 20 visando a Europa. O acontecimento é ignorado até que, em Dezembro de 1979, a NATO decidiu implantar 108 Pershing-2 na Europa Ocidental, o que provoca um grande debate até à implantação definitiva (1983-84) dos euromísseis. Descobre-se então que a ameaça termonuclear se concentrou sobre a Europa. A bomba que era destinada aos outros está entre nós e é-nos destinada.

«Com efeito hoje parece que, em caso de conflito, as duas superpotências terão interesse em se defrontar na Europa, de modo a poupar cada uma o seu território. A tomada de consciência da possível extinção não deve ocultar a outra ameaça, que é a da sujeição. Nós estamos ao mesmo tempo ameaçados pela extinção e pelo totalitarismo.

Mundo a dois ou a vários

Estas longas citações de Morin, que não dispensam a leitura do livro inte-

ressante e indispensável a muitos outros títulos, servem de introdução ao que hoje se passa no mundo.

Ao contrário de Raymond Aron (V. por exemplo «Democracia e Totalitarismo») que não acredita de todo em uma regeneração do Estado e sociedade soviética, Morin acredita nela se bem que timidamente.

Aos dois é comum um anti-sovietismo declarado, embora de origem diferente: Morin pertenceu ao Partido Comunista e saiu dele escrevendo um livro demolidor, a «Auto-Crítica». Raymond Aron nunca foi comunista e foi sempre um virulento crítico de Estaline e dos seus métodos.

Importa porém aqui, para bem da análise que se segue, fazer destacar como Raymond Aron em 1965, em «Democracia e Totalitarismo», distinguia as burocracias nas duas superpotências e definia de certo modo aquilo que mais tarde seria chamado de Nomenclatura Soviética:

«Um burocrata... é o representante de uma ordem anónima, que age não como pessoa concreta mas como indivíduo definido pela sua função, num lugar determinado de hierarquia.

As grandes sociedades americanas têm burocracias, tal como as empresas públicas soviéticas...

Mas o que autoriza a falar de absolutismo burocrático é que os dirigentes do trabalho, engenheiros, gestores estão todos integrados numa administração única, em lugar de dispersos em empresas autónomas, cada uma com a sua burocracia própria. Todos os dirigentes do trabalho colectivo, num regime de tipo monopolista, pertencem a uma hierarquia de Estado. Os mesmos homens fazem carreira nas empresas e nos ministérios...

Nesta altura, há apenas uma classe privilegiada, composta de homens que devem tudo ao Estado, o seu trabalho e os seus rendimentos, e que tudo perdem quando são demitidos ou expurgados.

Só existe uma via de acesso às posições importantes, às honras, e ela passa pela burocracia de Estado, com todas as servidões que comporta uma tal carreira.

Esta descrição lança alguma luz sobre a importância da revolução de Gorbachev, hoje já reconhecida até pelo presidente Reagan, a qual no campo interno se estriba precisamente na autonomização das empresas e em processos diferentes de nomeação — dos responsáveis, com o qual se pretende desburocratizar as carreiras nas empresas produtivas, premiar o engenho em vez do servilismo e avaliar o bom desempenho mais pelos resulta-

dos objectivamente ponderados do que pela obediência estrita a regras centralizadoras, em prejuízo da qualidade ou da imaginação. Se Gorbachev o vai conseguir ou não é outro problema, mas as resistências serão enormes, porque a Nomenclatura não vai abrir mão facilmente dos seus privilégios.

Todavia a linha Gorbachev tem, obviamente, implicações externas e as propostas soviéticas nos domínios dos mísseis de curto e médio alcance (os SS-20 e os Pershing-2 que tanto preocupam Morin), que estão em vias de se transformar em acordo, inserem-se claramente na nova estratégia global.

Depois de Yalta o mundo apareceu dividido pela influência das duas superpotências: Os Estados Unidos da América e a Rússia Soviética. Os outros grandes de antes da II Guerra Mundial, saíram dela, vencidos ou vencedores, destruídos ou esgotados. E como o fazia notar Galbraith, numa recente conferência em Lisboa, aqueles que mais facilmente recuperaram, a Alemanha e o Japão, são precisamente aqueles que, em resultado da guerra, foram obrigados a aplicar parte modesta dos seus recursos em despesas militares.

Ora em 1970, Richard Nixon, Henri Kissinger e Chou-en-Lai, iniciaram a quebra do mundo de Yalta. O encontro ao mais alto nível entre Estados Unidos e China, abre o caminho para um mundo a três que em breve se tornará num mundo a cinco potências: Os Estados Unidos, a União Soviética, a China, a Europa e o Japão.

Mas isto implica que cada uma destas potências trate da sua própria segurança, libertando assim os dois grandes de Yalta de algumas das suas responsabilidades, que seriam passadas às novas potências economicamente recuperadas.

Em 1973 Nixon e Brejnev assinam novos acordos sobre a prevenção nuclear e o mundo respira de alívio. A guerra da Indochina está prestes a chegar ao fim (embora não como previa e pretende Kissinger) e as duas grandes potências vêem assim a possibilidade de se afastarem dos conflitos locais, de promoverem os seus interesses nacionais e de passarem algumas das suas responsabilidades a outros protagonistas, redistribuindo a aplicação dos formidáveis meios à disposição desses países. Mas de repente tudo se esfuma: a crise do petróleo lança o mundo ocidental numa recessão em sem paralelo; a guerra do Médio Oriente chega aos extremos do alerta nuclear de 25 de Outubro de 1972. A União Soviética sente de novo a apetência por uma expansão em quantidade mais do que em qualidade. E reforça a sua ajuda ao Vietname de for-

ma a fazer cair este, depois de vencida a guerra, na sua esfera de influência e em contencioso alargado com os Estados Unidos e, pior do que isso, com a China. A descolonização portuguesa, permite-lhe criar mais zonas de influência, em Angola e, inicialmente, em Moçambique. A União Soviética chega mesmo ao ponto de intervenção militar no Afeganistão. E Brejnev define mesmo, para manter a sua esfera de influência, a doutrina da soberania limitada dos Estados na sua esfera de influência.

Mas a verdade é que os saltos para a frente não resolvem os problemas internos e a partir do fim da década de 70 a economia soviética estagna.

As grandes potencialidades e riqueza mal aproveitadas, sobretudo na Sibéria, exigem novos capitais e novas tecnologias que só o Ocidente e o Japão podem fornecer. Por outro lado é preciso desfazer o projecto da Trilateral, que tem no presidente Carter o desafortunado executor, da constituição de uma comunidade de países englobando os Estados Unidos, a Europa e o Japão (doutrina Braezinsky).

A Europa de novo no centro do mundo

É aí que a chegada de Gorbachev ao poder e as fraquezas da administração Reagan, quase a repetir a sorte de Nixon, permitem abrir novas perspectivas. Gorbachev acaba por conceder em destruir os mísseis de curto e médio alcance não só na Europa, como na Ásia. De facto seria inglorio pacificar a Europa e continua a manter desconfianças das potências como o Japão e a China. O mundo a cinco está de novo em perspectiva e os Estados Unidos não têm razão para obstar a uma política que é também a sua, e que lhe serve. O Japão necessita de novos mercados e de novas zonas de investimento e a China e a URSS asiáticas são dois campos inesgotáveis. Por outro lado o desenvolvimento da Sibéria, num clima de paz universal, tornará menos importante a África Austral, sua concorrente na maioria dos produtos, mais facilmente exploráveis, com excepção do petróleo (e mesmo esse, quem sabe?). Portanto será também possível pacificar a África.

Mas apesar de tudo, esta perspectiva não é absoluta. Muitas forças se opõem a tal evolução. O futuro próximo o dirá.

Mas de tudo isto, decerto sairá uma Europa mais unida, supranacional, e, como quer Morin, solidificada pela comunidade de destino.

(1) Pensar L'Europe — Edgar Morin — Gallimard

Estranho diálogo israelo-soviético

Os dirigentes israelitas mantêm um estranho diálogo com o comentarista das emissões em hebreu da Rádio Moscovo. Tudo começou há dez dias quando aquele comentarista qualificou o míssil «Jericho II» de «provocação» e de «ameaça à URSS». Trata-se de um míssil de médio alcance portador de uma ogiva nuclear, que, segundo a publicação suíça «International Defense Review», foi testado, com êxito, por Israel no Mediterrâneo. Desde aí não se passa um dia sem que um membro do Governo israelita produza uma declaração para alimentar este diálogo.

Primeiro, foi o ministro dos Negócios Estrangeiros, Shimon Peres, que sublinhou que «a URSS sabe perfeitamente que Israel não representa uma ameaça». No dia seguinte, foi o ministro da Defesa, Itzhak Rabin, que explicou, em resposta a novas críticas da Rádio Moscovo, em hebreu, que «a URSS não é o inimigo de Israel». Por fim, foi o primeiro-ministro, Itzhak Shamir, que falou de «política de desinformação dos soviéticos», acrescentando: «Somos uma pequena nação, certamente que não ameaçamos a URSS». É caso para nos interrogarmos porque é que os dirigentes israelitas se «rebaixam» à polémica com o comentarista das emissões hebraicas de Rádio Moscovo. Do lado soviético, com efeito, a agência TASS e o Ministério dos Negócios Estrangeiros não participaram no diálogo, em nenhuma das suas fases. É sempre o mesmo comentarista que relança o debate afirmando, nomeadamente, que «os mísseis Jericho II ameaçam centros económicos e estratégicos da URSS, como os poços de petróleo de Bakou».

A explicação que finalmente foi dada para este «estranho diálogo» é a de que ele não constitui senão o prolongamento e a parte visível de uma controvérsia mais antiga. O ministro dos Negócios Estrangeiros, Shimon Peres, teve, com efeito, três encontros este ano com personalidades soviéticas, em Washington,

em Nova Iorque e, mais recentemente, em Roma. Nestes encontros, os interlocutores de Peres evocaram o problema da corrida aos armamentos no Médio Oriente e queixaram-se da participação de Israel no projecto americano da «guerra das estrelas». Peres respondeu que Israel se vê obrigado a precaver-se contra as armas sofisticadas fornecidas pela URSS aos países árabes. Ora acontece, precisamente, que a União Soviética acaba de fazer saber que renunciou à entrega de mísseis SS-23 à Síria e, sempre por intermédio do comentarista da Rádio Moscovo, perguntou «como é que Israel encara esta iniciativa», que visa integrar o Médio Oriente nas negociações internacionais sobre a retirada de mísseis.

A resposta israelita tomou a forma de um comunicado publicado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros: «Israel acolhe favoravelmente todas as iniciativas da URSS para travar a corrida aos armamentos no Mundo e na nossa região» e Israel relança a sua proposta de «abrir negociações directas entre os países da região sobre o estabelecimento de uma zona desnuclearizada». Com este comunicado, Shimon Peres procurou, certamente também, não comprometer a aproximação diplomática entre Moscovo e Jerusalém, tanto mais que esta aproximação é um elemento chave nos esforços a favor da convocação de uma conferência internacional sobre a paz no Médio Oriente.

O primeiro-ministro Itzhak Shamir, que se opõe a essa conferência internacional, não tem este tipo de preocupações. E se Shamir decidiu também acalmar Moscovo na questão dos mísseis Jericho II, acaba, por outro lado, num discurso pronunciado em Jerusalém, de dizer que, na sua óptica, «a URSS só poderá desempenhar um papel negativo no processo de paz no Médio Oriente». É verdade que o novo interlocutor privilegiado de Shamir e Peres — o comentarista das emissões hebraicas da Rádio Moscovo — respondeu de imediato, estabelecendo distinção entre «a atitude positiva de Peres» e «o perigo para Israel que advém da existência de homens de direita como Shamir».

Do correspondente de «Le Monde» em Jerusalém

Exclusivo «DL»

Direita e Esquerda no curso pós-eleitoral

Não foram só os eleitores portugueses que se deixaram enleiar no engano de que as «eleições legislativas» para renovar a Assembleia da República eram a eleição de um Primeiro-Ministro. Assim, elas são, também, consideradas na letra de inúmeros telegramas de felicitações do estrangeiro endereçados a Aníbal Cavaco Silva. Não chorem os políticos da Esquerda e da Direita o leite derramado. Todos consentiram que Aníbal Cavaco Silva tivesse personificado o processo eleitoral e remetido para segundo plano, ou para o esquecimento, a escolha de deputados. Votou-se, abstractamente, numa abstracta ideia: a «estabilidade governativa». Votou-se num Primeiro-Ministro. Estes são os factos.

E, a esta luz, a derrota relativa do Partido Socialista, que manteve e delgadamente melhorou os seus resultados eleitorais, foi uma derrota absoluta de Vítor Constâncio, como candidato a Primeiro-Ministro. Há quem o proclame no PS. Descontem-se notas de animosidade pessoal e reconheça-se que os críticos, politicamente, têm razão. A candidatura de Vítor Constâncio a Primeiro-Ministro não teve eco nas largas camadas que não constituem falanges de voto fixo. As «deslocações» de voto e as «fugas» de eleitores, favoreceram, como é óbvio, mais o PSD do que o PS.

Em função da redução do processo eleitoral à candidatura de um Primeiro-Ministro e da duvidosa possibilidade de uma solução alternativa com suporte parlamentar (dadas as declarações e as omissões dos dirigentes do PS), deverá ser considerada a vitória do PSD nas eleições de 19 de Julho. A Esquerda sofreu uma pesada derrota. Todavia essa derrota global, inequívoca, apresenta incidências desiguais se tivermos em conta as diferentes organizações que ocupam este espaço político. Fala-se muito da «divisão da Esquerda». Mas essa divisão é garantia de pluralismo; é a consequência da realidade das diferenças. Enquanto contraponto da rigidez ideológica, terá que ser respeitada. É a Esquerda: território de diferença; ala em movimento do processo de democratização e de transformação da sociedade.

A Direita, se disciplina a tentação totalitária, fica obrigada à prática de diálogo e a transigências. Por que pertencemos juridicamente à Europa? Não será por isso. Não será a Europa que impedirá, no jardim à beira-mar, mas, por generosidade humanitária ou por solidariedade democrática, a opressão e a repressão. É a correlação de forças que o não permite. É a experiência histórica que o desaconselha.

O projecto «restauracionista» conta largos apoios no actual PSD de sua origem PPD, sem engano «populista», mas não enveredará por essa orientação se quiser corresponder à confiança do eleitorado que lhe conferiu a maioria para governar. A força parlamentar alcançada, as deslocações de voto verificadas, condicionam o PSD.

A «digestão» da derrota eleitoral provocou uma crise na área da Direita. O Partido da Democracia Cristã hibernará; voltará à ribalta quando lhe oferecerem tempos de antena. O CDS prepara um «congresso honesto», mas está posta em causa a liderança de Adriano Moreira. Disposto a intervir na vida partidária, João Morais Leitão deseja o regresso de Diogo Freitas do Amaral. Amigos deste, além da «Nova Democracia» de Luís Barbosa, anunciam um novo partido pela voz de Rui Pena. E um observador político, com uma experiência latino-americana e italiana, Victor Cunha Rego, qualificando de «patética» (sic) a insistente referência à «democracia-cristã», falava de uma «direita em pedaços» que se não organiza «para que seja possível o debate ideológico e o poder económico tenha tradução política legitimada e democrática e não continue apenas um conjunto de lobbies sem visão de conjunto e sem princípios.»

Com a vitória de Aníbal Cavaco Silva, tão marcada pelo sucesso pessoal, tão favorecida pelo voto útil na abstracta ideia de «estabilidade governativa», entramos numa fase política que apresenta novas características, propõe novos problemas, desencadeia novas contradições. Não nos iludamos quanto à «crise da Esquerda», ou mais rigorosamente, quanto à «crise das esquerdas». Mas não ignoremos, nem minimizemos, a «crise da Direita», a «crise das direitas».

Da impossibilidade, em virtude, como já dissemos, da correlação das forças políticas e sociais, de a Direita realizar, pela mão do PSD, o seu total (e totalitário) projecto «restauracionista», não há que concluir que a via do diálogo e das transigências encaminha ao seu desaparecimento. O engenheiro Eurico de Melo

foi demasiado longe quando afirmou que, em Portugal, a Direita está a desaparecer.

Todavia, o que se passa no interior do CDS e as diligências que lhe são marginais e circundantes, visando a criação de um partido político implantado na área político-eleitoral da Direita, ou do Centro-Direita, mostra que há quem julgue necessário que «o poder económico», os interesses, as opiniões conservadoras, reformistas, ou liberais, tenham a sua directa e legitimada presença na vida política democrática. O PSD, e agora ainda mais pelo volume da vitória eleitoral, e pelo peso das promessas eleitorais, não está em condição de satisfazer esse desiderato. A Direita está dividida. Não cabe toda na «ala direita» do PSD. Não se conforma com a «patética» Democracia-Cristã de Adriano Moreira. Não alinha com o «liberalismo» de Francisco Lucas Pires, mas é sensível ao seu «discurso europeu». Recorda um «centrismo» esvaziado, na palavra de João Morais Leitão e apela para a participação no processo de um Diogo Freitas do Amaral, também ele ultrapassado, secundarizado, pelo sucesso eleitoral de um Partido Social-Democrata que, vencendo divisões e convencendo (ou não) recalcitrantes, Aníbal Cavaco Silva conduz com mão firme, dando, aos barões antigos, rédea curta.

Deixemos os respeitáveis «analistas» a debater, até ao infinito e à náusea, a «crise da Esquerda». Do «imaginário de classe» resulta uma Esquerda, a procurar definir-se ideologicamente, numa sociedade sem classes, sem lutas, sem antagonismos. Além do profetismo utópico e do voluntarismo que desarmam para a análise fina, dialéctica, da realidade sociopolítica, temos o utopismo da «modernidade» e a mitologia da «modernização». Deixemos nesse amargo trabalho de parto os pensadores políticos. A «crise» não tem fronteiras definidas. Em Portugal, a «crise» desenvolve-se em várias frentes: a ideológica, a da prática política, a dos valores éticos, a dos valores culturais. É o que importa estudar e discutir: na área da Esquerda e na área da Direita. Somos uma sociedade dividida e em movimento. O movimento será acelerado pelo debate cultural e pela consciente participação na vida cívica. É preciso esclarecer e desmistificar. O povo eleitor terá que distinguir claramente entre a «ala do progresso», e os conservadorismos, as sereias da estagnação e do saudosismo. Não há proprietários do movimento histórico. Mas existem forças sociais que se propõem o avanço socioeconómico, outras que desejam a estagnação e o regresso.

Dois anos à frente do Estado peruano

A admirável segurança de Alan Garcia

Michel Niedergang

Exclusivo Le Monde/DL

«É certo que temos problemas. Enfrentamos enormes dificuldades, sem dúvida alguma. Mas, pelo menos, batemo-nos». A alguns dias do segundo aniversário da sua tomada do poder — a 28 de Julho de 1985 — o presidente Alan Garcia mostra-se sereno, com à-vontade, aparentemente sempre seguro de si, e mesmo, por vezes, dominador. Mantém-se deliberadamente optimista, mesmo que nos últimos dias tenha mostrado no seu discurso uma boa dose de autocritica.

Uma «novidade» num estilo presidencial que, de resto, se mostra ao mesmo tempo faiscante, lírico e didáctico. O que não impede que as oposições de direita e de esquerda denunciem com vigor os «riscos enormes», as «insuficiências e as falhas» de um plano de relançamento económico realizado por conselheiros que se gabam de preferir a heterodoxia à ortodoxia. O que um jornal habitualmente favorável ao governo chama «persistir no erro». Este chefe de Estado, jovem, carismático, mantém-se, sem dúvida, muito popular, embora

as últimas sondagens da opinião indiquem um certo enfraquecimento dos seus apoiantes, o que aconteceu pela primeira vez desde Julho de 1985.

Ele parece, no entanto, mais preocupado com os comentários — que considera «demasiado negativos e deformados» — da Imprensa estrangeira, em especial da dos Estados Unidos. «Que fazer, diz ele, para lutar contra essa má-fé de certos meios? É inegável que progredimos globalmente nos últimos dois anos, mesmo que tenhamos recuado nos últimos meses. Não se referem ao facto

da nossa taxa de crescimento ter sido em 1986 a mais elevada de toda a América Latina (...) Em contrapartida o facto de dez membros das forças da ordem terem sido mortos por terroristas na Sierra é muito referido. A violência existe, mas o Peru não é o Líbano...»

Alan Garcia prefere o discurso à explicação de texto. Está mais à vontade no improviso. Gosta do gesto espectacular, dos banhos de multidão, apesar dos riscos evidentes e das ameaças — mais claras no último ano — das iniciativas por vezes consideradas intempestivas durante as suas deslocações ao estrangeiro. Em suma, um comportamento que tem suscitado mal-estar em certas capitais. Uma «insolência» de jovem, segundo os seus adversários, mas que não parece preocupá-lo. Assume o papel com ironia.

A greve dos polícias

«Quando os pilotos militares sobrevoaram o palácio presidencial em Abril, diz ele, não

apelei para o povo. A disciplina foi restabelecida sem nenhuma negociação, com a destituição do comandante em chefe do exército do ar. O militarismo é, sem dúvida, uma ameaça virtual para os regimes democráticos da América Latina. Mas aqui o problema não se põe. A decisão tomada pelo executivo de criar um posto de ministro da Defesa, eventualmente ocupado por um civil, foi aprovada pelo Parlamento. O único problema que recentemente surgiu nas forças da ordem estava ligado a uma reivindicação salarial e não política. Foi a greve dos polícias, em Maio.»

Outro momento de actualidade: a deterioração da situação económica foi admitida pelo chefe do Estado, que acha, no entanto, que o «modelo» definido e aplicado desde 1985 «não está em causa». Convém «corrigi-lo e melhorá-lo». É para isso que tendem as medidas anunciadas no dia 5 de Julho. Pensa-se nos meios financeiros que elas podem desencadear um processo inflacionista incontro-

lável e agravar o défice fiscal. O que o presidente Garcia contesta. Admite-se, no entanto, entre os seus colaboradores que o relançamento do plano é uma «aposta», embora afirmando que as reservas sindicais, em especial as da CGTP próxima do Partido Comunista, «não são significativas», visto a «grande maioria dos trabalhadores não estarem sindicalizados».

Por outro lado é claro que o relançamento económico depende em grande parte da confiança do sector privado (os dezoito principais grupos económicos conhecidos em Lima pelos «doze apóstolos») e da participação de uma opinião pública em que se nota mais apatia e indiferença do que entusiasmos.

O flagelo número um

A insurreição armada do Sendeiro Luminoso já dura agora há sete anos e é, com o aumento do tráfico da droga, o flagelo número um do Peru. Atentados, massacres, respostas das forças da ordem, por vezes brutais e cegas: o balanço é pesado desde 1980.

A repressão sangrenta, em Junho de 1986, do motim dos

milитantes do Sendeiro Luminoso, em três prisões da capital — repressão publicamente condenada pelo presidente Garcia — pôs uma sombra nas suas boas intenções. E a oposição da esquerda ainda hoje exige o «castigo dos culpados».

«Há vinte e cinco detidos», confirma Alan Garcia. O inquérito prossegue». Há dois meses que se nota uma recessão muito nítida das actividades propriamente militares do Sendeiro, tanto no interior como na capital.

Talvez seja um simples intervalo. Mas o chefe do Estado alega-se, naturalmente, com ele. Na sua mesa de trabalho um dossier delicado: o do pedido de libertação de catorze presos políticos que dizem pertencer a formações de esquerda e não ao Sendeiro. Após dois anos de exercício da presidência, Alan Garcia medita sobre as dificuldades do poder. Ele gosta de citar De Gaulle, elogia a autocritica e admite que o mais duro, no seu lugar, é finalmente «vencer a incompreensão», porque «os aplausos não implicam necessariamente a boa vontade.»

Soares empossou comandos militares da Madeira e Açores

O Presidente da República empossou, a meio da manhã, em Belém, os novos comandantes militares da Madeira e dos Açores, respectivamente brigadeiro Cerqueira Rocha e general Pinheiro Freitas. O PR seguiu pouco depois para Vila Moura, no Algarve, a fim de assistir à largada de iates que participam na regata internacional Europa-87.

CSU em Belém

Ontem, Mário Soares recebeu em audiência uma delegação de membros do Governo e do Parlamento regional da Baviera, da União Social-Cristã (CSU), partido coligado com os democratas-cristãos (CDU) no governo alemão-federal. A delegação da CSU, força política maioritária na Baviera

e dirigida pelo ultra-conservador Franz Josef Strauss, encontrou-se em Portugal numa visita de informação, a convite do CDS.

O presidente do CDS classificou a audiência de «acto de cortesia fundamental» e informou que Mário Soares abordou com os membros da CSU «questões de interesse internacional e problemas europeus».

Deputado do PCP acusa:

PSD-Madeira protege "desbarato de dinheiros públicos"

A inviabilização pelos deputados do PSD da sessão plenária da Assembleia Regional da Madeira convocada para 28 de Julho findo, foi denunciada pelo deputado madeirense do PCP, Mário Rodrigues, que acusa os parlamentares da maioria de violação da legalidade democrática.

Em comunicado agora divulgado, o parlamentar comunista refere que a agenda da sessão

previa a discussão e correcção do Orçamento Regional, usando, sublinha, para «desbaratar impunemente os dinheiros públicos».

Os deputados faltaram à sessão, impedindo a sua realização por falta de quórum, acrescenta Mário Rodrigues que cita um parecer da auditoria do Primeiro-Ministro, subscrito pelo próprio Cavaco Silva, a atestar a «situação escandalo-

sa» do Orçamento Regional.

O mesmo parlamentar comunista refere ainda um parecer do Tribunal Constitucional sobre o mesmo orçamento (de 1985), onde é declarada a sua inconstitucionalidade.

Segundo Mário Rodrigues, a inviabilização da sessão teve como objectivo «calar a denúncia destas ilegalidades e de inúmeros casos de corrupção que o PCP tem referido na Assembleia Regional».

Reunião decisiva amanhã

EANES DISPOSTO A ABANDONAR ACTIVIDADE POLITICA

Ramalho Eanes debate amanhã, a partir das 10 horas, com os restantes membros da Comissão Política do PSD, os resultados eleitorais de 19 de Julho e a sua posição como presidente do partido e deputado eleito pelo círculo de Lisboa.

A reunião, adiada por motivo da operação de urgência a que o antigo Presidente da República foi submetido na própria noite das eleições, culminará com uma conferência de imprensa destinada a divulgar os resultados do debate.

Segundo apurou o «DL» junto de fonte próxima do ex-PR, Eanes não parece disposto a continuar à frente do PRD e estará na disposição de anunciar esse desejo de forma irrevogável aos restantes membros da direcção política do partido.

A maioria dos responsáveis dos renovadores admitiriam

pacíficamente a hipótese de abandono de Eanes, enquanto que outros dirigentes e colaboradores do general, incluindo Manuela Eanes e nomeadamente os que entendem ser Ramalho Eanes a «razão de ser» do partido pensam que o presidente dos renovadores deve continuar, seja por razões afectivas, seja como a solução possível de uma futura revitalização do PRD que evite a sua transformação numa espécie de «MDP do PS».

O exemplo de Adolfo Suarez, da UCD de Espanha, que começou no Parlamento de Madrid com apenas dois depu-

tados e registou nas últimas eleições uma subida apreciável, conquistando 18 lugares, seria, entre outros, um dos argumentos da corrente dos renovadores que pretende a continuação de Ramalho Eanes à frente dos destinos do PRD.

A maioria do executivo dos renovadores — apurou o DL — embora defenda formalmente a presença de Eanes na presidência do partido e mesmo no parlamento, não deverá, todavia, fazer excessiva pressão no sentido de contrariar a disposição do general de abandonar o puro e simples da actividade político-partidária.

Em todo o caso, a última palavra caberá sempre a Ramalho Eanes e certamente amanhã, ao fim da tarde, a sua decisão será conhecida e explicada, em conferência de imprensa, à opinião pública.

Publicação do mapa eleitoral

Indigitação de Cavaco pendente do "Diário da República"

Ainda não é conhecida a data da indigitação do Primeiro Ministro pelo Chefe de Estado visto que, segundo o «DL» apurou, até ao fim da manhã ainda não tinha chegado à Imprensa Nacional o mapa dos resultados das eleições de 19 de Julho. Recorde-se que a publicação de tais resultados é condição essencial para que o Presidente da República inicie o processo que há-de culminar com a aprovação do programa do próximo Governo.

De acordo com um informador da Imprensa Nacional, se o mapa eleitoral chegar hoje a esta gráfica do Estado e não trouxer qualquer indica-

ção de data de publicação esta só poderá ocorrer num prazo mínimo de seis dias. Mas o que é vulgar nestes casos, prosseguiu a mesma fonte, é o mapa incluir uma data que antecipe a respectiva publicação. «Até podia ser já amanhã», referiu.

Tudo aponta, pois, para que esteja iminente a indigitação de Cavaco Silva. De qualquer forma, recorde-se, ainda antes deste passo cuja competência exclusiva cabe ao Presidente da República, deverá ocorrer a sessão plenária da Assembleia da República que, de acordo com a Lei Eleitoral, se reúne por iniciativa própria «no tercei-

ro dia posterior ao apuramento dos resultados definitivos das eleições». Durante esta sessão extraordinária o Parlamento procede à verificação dos mandatos dos deputados, bem como à eleição da Mesa e do respectivo Presidente.

Quanto a este, afastada que parece estar definitivamente a reeleição de Fernando Amaral, ganha consistência a hipótese de o ex-ministro da Defesa, Leonardo Ribeiro de Almeida, poder vir a ocupar o cargo.

Veremos se o Conselho Nacional do PSD que esta tarde se realiza dará já ou não qualquer indicação neste sentido.

CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA

AVISO À POPULAÇÃO

ALTERAÇÕES DE TRÂNSITO NA PRAIA DAS MAÇÃS

A Câmara Municipal de Sintra informa toda a população do concelho e em particular todos os veraneantes que se vai proceder a alterações de tráfego na Praia das Maças — zona do casino.

Assim, na zona indicada, passa a haver as seguintes prescrições:

Rua Bartolomeu Dias — Trânsito proibido no sentido sul-norte

Rua Fernão Magalhães — Trânsito proibido no sentido sul-nascente

Rua Gonçalves Zarco — Fechada ao trânsito, esplanada

Rua Pedro Álvares Cabral — Trânsito proibido no sentido norte-sul

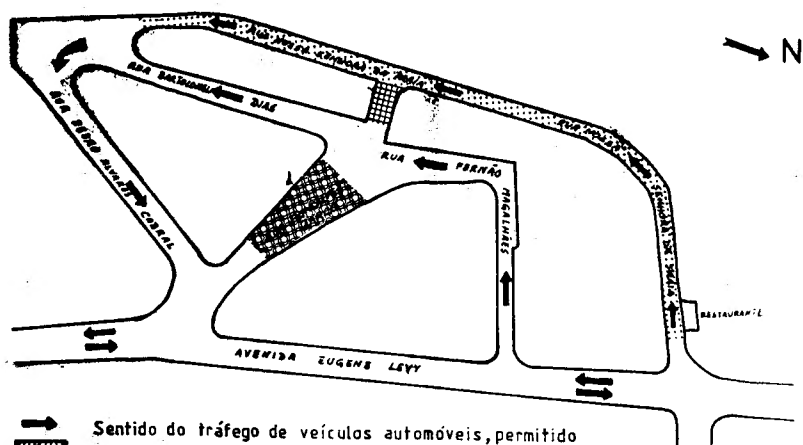
Rua Nossa Senhora da Praia — De 1 de Junho a 30 de Setembro, trânsito proibido nos dois sentidos: de 1 de Outubro a 31 de Maio, trânsito proibido no sentido sul-nascente

Travessa Vicente Sodré — Trânsito proibido nos dois sentidos

A Câmara solicita também aos senhores automobilistas, que dada a exiguidade de lugares existentes nesta zona e de forma a evitar o caos, o favor de estacionarem os seus automóveis nas áreas destinadas a esse fim situadas a sul e a norte da Praia das Maças.

OS SERVIÇOS DE TRÂNSITO E TRÁFEGO

PRAIA DAS MAÇÃS ZONA DO CASINO



LEGENDA:

- Sentido do tráfego de veículos automóveis, permitido
- Trânsito proibido durante todo ano
- Esplanada
- Trânsito proibido nos dois sentidos, de 1 de Junho a 30 de Setembro



General italiano visita EME: No Estado Maior do Exército esteve ontem o chefe da 3ª Repartição (Departamento de Operações) do Estado Maior do Exército italiano, general de brigada Ghino Andreani. Tratou-se de uma visita protocolar, tendo sido recebido pelos generais Gomes Marques, vice-chefe do EME e Garret e Castro, director do Departamento de Operações.

MORREU O JORNALISTA MANUEL BEÇA MÚRIAS

Na unidade de cuidados intensivos do Hospital Curry Cabral faleceu ontem cerca das 19 horas o jornalista Manuel Beça Múrias, de 49 anos.

Aquele nosso camarada de profissão, que desempenhava actualmente as funções de director-adjunto do semanário «O Jornal» e era responsável pela edição da revista «O Jornal Ilustrado», deu entrada naquele estabelecimento hospitalar na passada sexta-feira, em consequência de um enfarte do miocárdio.

Depois de no início da semana passada se ter queixado a vários amigos que não se sentia bem e de, por conselho médico, se ter submetido a um electrocardiograma, foi no próprio consultório do médico a que foi mostrar o resultado do exame na sexta-feira passada que foi acometido do enfarte.

Transportado ao Curry Cabral pelo próprio médico, o indolento jornalista viria a sofrer pelo menos mais dois infartos do miocárdio, apesar de ter sido prontamente assistido.

No sábado passado sofreu uma recaída de que ainda melhorou no domingo, mas outro enfarte na tarde desse dia e um terceiro na tarde de ontem culminariam na sua morte.

De acordo com fonte de informação do semanário «O Jornal», a saúde de Manuel Beça Múrias inspirava alguma preocupação desde pouco antes da Páscoa, quando sofreu um acidente de viação que lhe causou fractura exposta dum braço e fractura de várias costelas.

Desde então e embora continuasse a trabalhar regularmente e a desempenhar as suas funções, os que privavam com ele a nível de amizade e a nível profissional notavam-lhe algum abatimento.

Nascido no Porto a 22 de Janeiro de 1938, Manuel Maria da Beça Múrias frequentou o curso de Filologia Germânica da Faculdade de Letras de Lisboa até ao 4.º ano, curso que retomara no passado ano lectivo na esperança de o concluir.

Iniciou a profissão de jornalista no antigo «Diário Ilustrado», em 1957 e, depois de ter cumprido o serviço militar em Angola na década de 60, retomou a actividade jornalística na extinta revista «Flama», de que foi chefe de redacção durante sete anos. Foi jornalista da agência noticiosa Associated Press, e em 67 fez parte da redacção do «Diário de



Lisboa». Foi mais tarde chefe de redacção adjunto do jornal «A Capital», de onde saiu em 16 de Março de 1974.

Por altura do 25 de Abril foi eleito para o cargo de chefe de Redacção do semanário «Sempre Fixe», entrando em

Junho de 74 no «Diário de Notícias», de cuja Redacção foi sub-chefe até Abril de 75.

Em 74/75 foi também redactor por breve tempo do Telejornal e de noticiários da RDP.

Surgiu então o projecto do

semanário «O Jornal», em que se empenhou integralmente, tendo sido um dos fundadores do semanário, onde desempenhava actualmente funções de director-adjunto.

Apesar das suas funções de chefia e direcção, Manuel Beça Múrias não deixou de escrever.

Autor de numerosas crónicas publicadas semanalmente em «O Jornal» e de outras difundidas pela RDP, escreveu algumas das mais brilhantes reportagens insertas nas páginas daquela publicação.

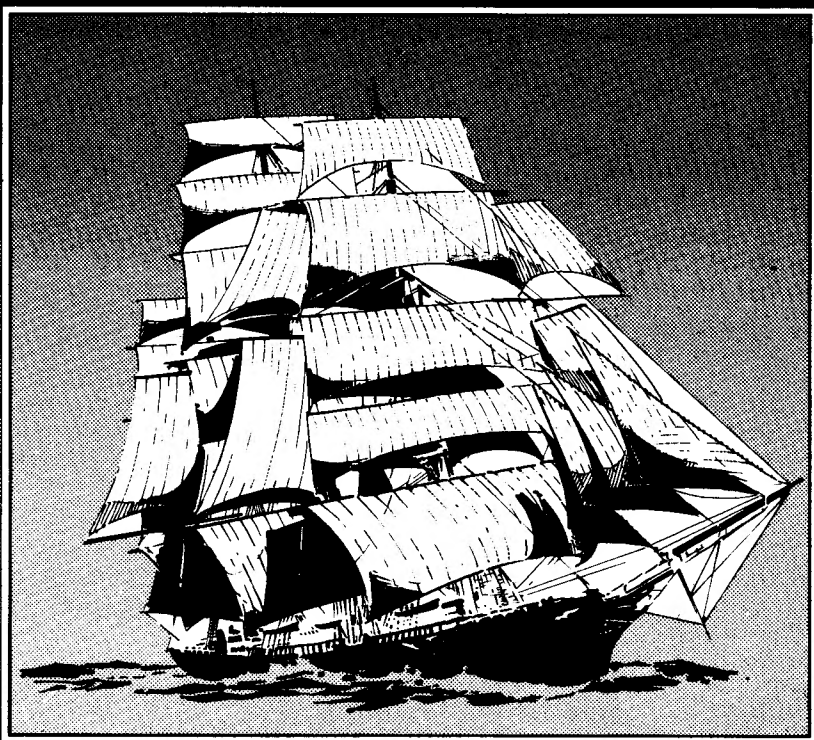
No seu currículo jornalístico incluem-se ainda a actividade de correspondente em Portugal da publicação sueca «Dagens Nyheter» e da revista «Panorama», de Milão, bem como a de colaborador do jornal «The New York Times» e da publicação norueguesa «Dagbladet».

Como cronista participou no livro «O Homem na Cidade», conjunto de crónicas de vários jornalistas publicadas no final da década de 60, em 1975 publicou «Obviamente demito-o», compilação de entrevistas a Humberto Delgado e em 1984 «Mundos e Fundos», volume em que foram compiladas muitas crónicas publicadas em «O Jornal».

Os que privavam com Manuel Beça Múrias a nível profissional e de amizade sabem que o que dele fica não é só a memória de um excelente profissional, entusiasta dos projectos em que se envolvia, mas é também a memória de um homem excelente, amigo e companheiro dos seus colegas e amigos. Muitos dos que começámos com ele é ainda aos seus ensinamentos (quando em Portugal não havia escolas de jornalismo) que nos reportamos, mesmo inconscientemente, no exercício diário da profissão.

«Uma perda muitíssimo grande para a qual não sou capaz de encontrar neste momento palavras suficientemente expressivas», afirmou esta manhã o actual director de «O Jornal» e seu companheiro de profissão de muitos anos, José Silva Pinto. «Penso que a melhor maneira de lembrar a memória do Manuel Beça Múrias como figura que foi fundamental não só em «O Jornal» como em todas as publicações em que trabalhou será continuarmos em frente, procurando fazer o melhor possível.»

Manuel Beça Múrias era casado com Maria João Leitão Múrias e pai de Maria João, Pedro, Nuno e Rita Múrias. A família enlutada e a todos quantos trabalhavam nas publicações Projornal, o «DL» apresenta sentidos pêsames.



TACA
CUTTY SARK
1ª VOLTA A PORTUGAL
VELA

De 1 a 10 de Agosto de 1987



ATENDIMENTO MÉDICO
IMEDIATO!

Se mora na área da Grande Lisboa e em caso de emergência, o 115 presta-lhe um novo serviço, com apoio médico imediato. Agora, ao ligar 115, é atendido por um médico que lhe proporciona:

- conselhos médicos
 - indicações quanto a primeiros socorros
 - informação sobre o local onde dirigir-se.
- Se necessário uma ambulância recolherá o doente.

Estamos aqui. Podemos salvar vidas.
Em caso de emergência, não hesite. LIGUE 115.

SERVIÇO 115

MINISTÉRIO DA SAÚDE

São vítimas de tudo: cansaço, assaltos e burlas

COMPORTAMENTO DOS EMIGRANTES NAS ESTRADAS É PROBLEMA NA TRAVESSIA DE ESPANHA

Milhares de emigrantes portugueses, procedentes de França sobretudo, chegaram a Portugal nos últimos dias, para férias, depois de uma média superior a 25 horas de viagem, em muitos casos quase ininterrompida, sujeitos ao cansaço fatal, aos acidentes e aos assaltos nocturnos. Funcionários portugueses e guardas civis espanhóis de trânsito disseram à Lusa que alguns deles chegam tão cansados que parecem desorientados, com a aparência de drogados, ou caem dos automóveis pois não controlam os movimentos das pernas.

Este ano, apenas dois (outro encontra-se em perigo de vida) ficaram pelo caminho durante este fim-de-semana crítico da «Operação Férias», mas outros três morreram a meio da emana, em acidentes provocados na maior parte dos casos (80 por cento) por cansaço dos condutores.

Alguns foram assaltados por profissionais quando dormiam dentro dos automóveis à beira da estrada, fora de áreas protegidas, e outro foi burlado por um aparente guarda civil de trânsito, que o multou em 15 mil pesetas por alegada ultrapassagem irregular, mas só lhe cobrou 8 mil, sem recibo. Mas o maior problema é o cansaço e o risco de acidentes.

«Já fiz 21 horas seguidas de viagem, sempre a conduzir, desde que saí de Paris, na madrugada de sexta-feira, mas como estou atrasado não posso parar», — dizia um emigrante de Leiria, na noite de sábado, quando saía do autoóvel na área de descanso de Tordesilhas, apesar d' lhe tremerem as pernas e de se mostrar desorientado. Casos como este, sucedem-se a cada momento.

O cansaço em Tordesilhas

A cidade de Tordesilhas, de tantas reminiscências históricas, é hoje o nó e centro nevralgico da

«Operação Férias» dos emigrantes portugueses, os quais na maior parte dos casos chegam à sua terra natal depois de um autêntico calvário.

Nestes dias, em Tordesilhas, a emigração portuguesa para França, Luxemburgo, Suíça, Bélgica, Holanda e Alemanha Federal, mostra-nos cidadãos portugueses que correm, às vezes mais depressa do que deviam, para a sua terra natal com uma alegria e ansiedade que não escondem a dureza de uma viagem mal concebida e organizada, que pode ser fatal, mas que ritualmente se repete nos primeiros dias de Agosto.

Tordesilhas coincide com o cruzamento das estradas que os distribuem para as zonas Centro ou Norte do País e também com a fase em que atingem um excesso de cansaço depois de uma média de 20 horas ou mais de viagem, naquela que já se denominou a «estrada da morte», onde dezenas deles perderam a vida ao longo dos últimos anos.

Em Tordesilhas, as autoridades espanholas instalaram há três anos uma zona de descanso sinalizada e protegida com os requisitos mínimos para informação, assistência e descanso dos emigrantes num momento que os especialistas de trânsito consideram fatal.

Apoiar com informação
A estrutura de assistência aos

emigrantes portugueses, na sua passagem por território espanhol, está apoiada por uma área de informação em Irun, e áreas de descanso em Briviesca (Burgos), Torquemada (Palência) e Tordesilhas, ao longo da estrada Irun-Portugal.

Um sistema parecido foi criado para os marroquinos que atravessam a Espanha de Irun a Algeciras.

O núcleo principal da operação está localizado em Tordesilhas, cuja área de descanso é maior, com estacionamento protegido para mais de 300 automóveis e caravanas.

Conta com área vedada, árvores e sombra, informação, assistência sanitária primária, bar, mesas, água, duchas, tudo gratuito.

Dois funcionários da Direcção-Geral de Viação, dois da Prevenção Rodoviária Portuguesa, um da Secretaria de Estado da Emigração e vários espanhóis dão permanente assistência durante o período de abertura nos meses de Julho e Agosto.

A Guarda Civil vigia de noite a área da estrada, e os funcionários portugueses e espanhóis dão assistência de todo o tipo, desde informação, tramitação de denúncias de roubos, procura de mecânicos e primeiros auxílios sanitários.

Na madrugada de domingo, a área de descanso e Tordesilhas estiveram ocupadas por mais de 300 automóveis e caravanas de emigrantes portugueses. Na noite anterior, o número foi semelhante. Uns descansaram

apenas uma hora, outros duas horas, no máximo seis.

Só 10% utilizam

Durante o dia, também param centenas de automóveis, embora em menos número do que de noite, para descansarem ou almoçarem umas sanduiches ou lutas merendas à portuguesa, que trazem de casa com todos os elementos, incluindo bebidas frescas em recipientes apropriados.

Os funcionários portugueses e espanhóis calculam que a área é utilizada apenas por dez por cento ou menos dos emigrantes.

Muitos vão com pressa outros nem vêem a sinalização e outros não conhecem as vantagens ou pensam que têm de pagar, afirma o chefe do grupo de funcionários portugueses, José Guillemme Chabert.

Alguns já têm conhecimento da área pela experiência dos anos anteriores, outros vêm a sinalização e entram mas outros param perto porque pensam que têm de pagar pela sua utilização, apesar de as placas de sinalização indicarem com clareza que os serviços são gratuitos.

Uma parte significativa recebe com desconfiança a abordagem dos funcionários que tomam a iniciativa de contactá-los. Outros param a alguns metros e só entram depois da informação dos funcionários. A única coisa que têm de pagar são as bebidas do bar.

Aqui não se vende quase nada, apenas um café, alguma bebida fresca, gelados e even-

tualmente tabaco, pois eles trazem tudo, refere o proprietário espanhol do bar instalado no interior da área.

Um grupo reduzido descansa em pensões de Tordesilhas ou almoça. O empregado do bar mais bem situado e utilizado habitualmente como ponto de encontro dos portugueses disse que no sábado serviu 200 almoços.

Evitar os assaltos

Durante a noite entraram na área muitos emigrantes encontrados à beira da estrada a dormir e que foram encaminhados pelas patrulhas para evitar assaltos.

A área de descanso só é utilizada pelos emigrantes que entram pela fronteira de Vilar Formoso, pois os que se dirigem para o Norte do País efectuam desvios no centro da cidade ou antes.

A área abriu este ano no último fim-de-semana de Julho e permanecerá em actividade até fins de Agosto.

Os funcionários portugueses da DGT, da PRP e dos Serviços de Emigração estão em serviço desde 14 de Julho e ali estarão até 11 de Agosto.

Em anos anteriores estiveram abertas até à segunda quinzena de Setembro mas a experiência comprovou que quase não são utilizadas pelos emigrantes no regresso das férias.

Este ano ainda não há estatísticas globais, mas durante a operação férias do ano passado foram utilizados por 45 108 automóveis a caminho de férias, de 27 de Junho a 17 de Agosto, e apenas

9 261 no regresso.

A área de maior movimento foi a de Tordesilhas, utilizada no ano passado por um total de 31 236 automóveis de emigrantes portugueses.

As causas pelas quais os emigrantes entraram nas áreas foram: para descansar, em 80 por cento dos casos, para dormir (38 por cento), para almoçar (30 por cento) e para informações e ajudas várias (15 por cento).

A opinião espanhola

O tenente-coronel Agustín Bajo Montero, da Guarda Civil de Trânsito, responsável por toda a área de Castela e Leão, defendeu a conveniência de uma maior informação prévia aos emigrantes portugueses na sua área de residência.

Na sua opinião, a vantagem destas áreas é incalculável para aqueles que as utilizam, pois os condutores necessitam de descanso depois de horas e horas de viagem.

Os maiores problemas na «Operação Férias», ainda segundo Agustín Montero, derivam do cansaço dos condutores, responsável por 80 por cento dos acidentes, e da pressa, que leva a cometer muitas irregularidades e imprudências.

O conselheiro social da Embaixada de Portugal em Espanha, José António Galaz, que no fim-de-semana também visitou Tordesilhas, anunciou que no

Quase 160 mil entradas só desde 31 de Julho em Vilar Formoso

Mais de 159 100 emigrantes entraram em Portugal por Vilar Formoso, distrito da Guarda, de 31 de Julho a 2 de Agosto — revelou a delegação na Guarda do Instituto de Apoio à Emigração e Comunidades Portuguesas (IAECP).

Naquele período registaram-se 43 385 saídas do País e o regresso definitivo de 22 agregados familiares, principalmente oriundos de França.

A fronteira rodoviária foi a que registou maior número de entradas (142 299 pessoas) e saídas (46 036 pessoas), enquanto por via ferroviária entraram em Portugal 16 883 emigrantes e saíram 4676 pessoas.

No período de 6 de Julho a 2 de Agosto entraram em Portugal, pela fronteira de Vilar Formoso, mais de 611 700 emigrantes e registaram-se 123 regressos definitivos a Portugal de agregados familiares, provenientes de Burgos, Espanha, Bélgica, Inglaterra e Holanda.

O Instituto de Apoio à Emigração e Comunidades Portuguesas está a desenvolver nesa fronteira uma campanha de apoio informativo e documental aos emigrantes em trânsito. Esta operação iniciada em 6 de Julho, prolonga-se até ao dia 30 de Setembro.



Os engarrafamentos sucederam-se este ano nas proximidades de Tordesilhas



No local que lhes é destinado (e cuja utilização é gratuita) emigrantes há que aproveitam para fazer a refeição no caminho de Portugal

próximo ano será organizada uma campanha mais ampla junto dos emigrantes portugueses que vêm de férias a Portugal, através de uma maior coordenação entre os departamentos.

A «Operação Férias» deste ano decorreu até domingo à tarde com bastante normalidade e sem acidentes graves, disse o coordenador dos funcionários portugueses.

Há apenas um acidente a registar, perto de Palência. Ocorreu quando um camião com matrícula espanhola avançou sobre uma caravana de automóveis e esmagou o primeiro com que chocou.

Em consequência, duas emigrantes portuguesas morreram e dois ficaram feridos.

Dois dias antes morreram três emigrantes e onze ficaram feridos num acidente perto de Benavente.

Engarrafamentos e atrasos

As maiores incidências este ano foram os atrasos por causa de engarrafamentos em Burgos, Palência, Tordesilhas e Valladolid.

Antes de Tordesilhas, a caravana de automóveis de emigran-

tes, portugueses na sua quase totalidade, parava por vezes, e atingia os 15 quilómetros.

Um emigrante português do Luxemburgo, que disse ter feito no ano passado o recorde de 16 horas seguidas de viagem até a Nazaré, já tinha 19 quando desta vez chegou a Tordesilhas. Por causa do atraso, só parou um quarto de hora para merendar.

Este ano, praticamente não se notou a chegada de emigrantes procedentes da Alemanha Federal, Suíça, Holanda ou Luxemburgo.

Durante a semana anterior foram denunciados 11 assaltos a emigrantes portugueses que pararam para dormir junto das estradas, fora das áreas protegidas.

São profissionais que actuam com habilidade, partem os vidros quando os emigrantes param e começam a dormir numa situação similar à de semidrogados, roubando-lhes rapidamente o dinheiro e outros valores, quase sem eles darem por isso — disse o capitão Fernandez, chefe de trânsito da área de Valladolid.

Por exemplo, já sabem que são as mulheres as que guardam o dinheiro, em bolsas que colocam entre as pernas.

Por isso, a Guarda Civil não deixa que os emigrantes parem para dormir em áreas isoladas.

Assaltado pelo «guarda»

No sábado à tarde, um emigrante denunciou na área de Tordesilhas que tinha sido parado perto de Burgos por um aparente guarda civil de trânsito que o multou em 15 mil pesetas, valor este que depois reduziu para oito mil e que lhe cobrou sem lhe passar nenhum recibo.

O tenente-coronel Bajo Montero, que estava no lugar no momento da denúncia esse interessou pelo assunto, disse que duvidava que fosse um guarda civil de trânsito.

Isto porque, explicou o tenente-coronel, o emigrante não conseguia apresentar elementos que pudessem identificá-lo, nem as circunstâncias eram similares às de actuação dos agentes.

Na «Operação Férias» deste ano não houve incidências de doenças, nem de necessidade de assistência mais do que algum caso de desidratação de crianças, e ajuda para procurar auxílio mecânico para solucionar avarias de alguns automóveis.

Durante o fim-de-semana estiveram mobilizados todos os efectivos da Guarda Civil de Trânsito da área por onde passam os emigrantes — disse o tenente-coronel Bajo Montero.

Há quem durma à espera que as fronteiras abram

Muitos dos emigrantes que entram pela fronteira de Quintanilha, Bragança, têm sido obrigados a dormir nos seus automóveis, do lado espanhol, porque a fronteira fecha de meia-noite às 7 da manhã. Jorge Oliveira, vice-presidente do Instituto de Apoio à Emigração, manifestou-se já contra este estado de coisas.

Este posto fronteiriço funciona em alternativa à fronteira de Vila Verde da Raia - Chaves - para os emigrantes que, vindos do Norte da Europa se encaminham para o Norte de Portugal.

Centenas de veículos ligeiros e dezenas de autocarros têm op-

tado nos últimos dias pelo itinerário Burgos, Valladolid, Tordesilhas, Zamora, Quintanilha, por ser mais rápida a entrada no seu país.

Contudo, os que chegam a Quintanilha depois das 24 horas estão condenados a pernoitar nos veículos do lado espanhol.

Nas últimas noites o cenário era desolador, com bichas de veículo à espera das 7 horas para dar entrada em Portugal. Crianças e senhoras de certa idade são as que mais sofrem.

Contactado pela LUSA, Jorge Oliveira, vice-presidente do Instituto de Apoio à Emigração lamentou o acontecido: «É um problema que nos traz preocupa-

dos, porque queixas destas chegam diariamente aos nossos serviços» - disse.

«Embora a sua resolução não passe pela Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, não deixamos de exercer uma certa pressão sobre as autoridades competentes, nomeadamente o Comando-Geral da Guarda Fiscal e a Direcção-Geral das Alfândegas» - disse.

«É de facto absurdo que a fronteira de Quintanilha e a de Miranda do Douro fechem à meia-noite e só voltem a abrir às 7 horas da manhã, com todos os inconvenientes que daí advêm» - considerou ainda.

Rui Veloso foi um êxito na noite de encerramento

Nem tudo foi bom em Sagres mas teve o "suficiente" para se pensar em repetir

Contrariando todos os ventos, invocando os deuses, São Pedro, África e a música, Rui Veloso, que domingo encerrou o «Festival Sagres 87», fez com que ecoassem já nas muralhas da fortaleza promessas de novas partidas, novos festivais em anos vindouros.

Domingo, último dia do festival de 1987, que fechou aliás com chave de ouro e fez surgir no palco da fortaleza, em simultâneo, não só Rui Veloso e a sua banda como também António Pinho Vargas numa espécie de «jam-session».

Em Sagres, na noite de domingo tudo «aconteceu» — e tal como fora pretendido pelo presidente da Câmara de Vila do Bispo — o festival foi um acontecimento na vida daquela pequena povoação que durante três dias multiplicou a população da freguesia de Sagres.

Entre as muralhas de pedra e madeira da fortaleza houve, inclusive, o encontro de músicos amigos, vindos do Norte, como os grupos de António Pinho Vargas e Rui Veloso, e que em palco interpretaram dois temas em conjunto «val-sando e acenando a África» da Ponta de Sagres.

Os múltiplos «encores» de Rui Veloso levaram o público, que encheu a fortaleza (com capacidade para 3000 pessoas), a ir muito além de todas as metas estabelecidas.

Crianças, adolescentes e adultos dançaram à luz da Lua e cantaram com ele temas que foram desde «Sei de uma Camponesa», passando por «Porto Covo» até «Chico Fininho» e muitos outros do seu último álbum.

Apesar do vento de sudoeste, o som e o ambiente que se viveram domingo superou todos os dias anteriores e já na actuação de António Pinho Vargas o público manifestara o seu agrado fazendo ecoar aplausos.

O vento venceu

No início da noite, a reacção fora já positiva à primeira

actuação, a do grupo «Opus Ensemble», constituído pela pianista Olga Pratts, a viola clássica Anabela Chaves, o contrabaixo Alejandro Erich-Oliva e Bruno Pizza Miglio (oboé) a quem o público pediu que regressasse ao palco.

Partituras e arcos voavam entretanto no palco ao sabor do vento que acabou por vencer qualquer «encore» do grupo, enquanto Olga Pratts — que no primeiro dia do festival nem sempre fora bem acolhida por parte da assistência — agradeceu a simpatia e o calor do público, avisando, no entanto, que o vento não permitia continuar o concerto.

Ao terceiro dia de festival Sagres acordava já, aliás, ao assobiar do vento que fazia rolar pelas ruas e na fortaleza centenas de latas de cerveja vazias.

Nas praias, apesar do sol quente, viam-se no domingo menos pessoas, mas nas ruas, restaurantes e cafés o movimento era intenso ao princípio da tarde.

Vagueando pelas ruas da vila, ouvia-se falar francês, inglês, espanhol, alemão, italiano, holandês e até brasileiro com a chegada de turistas de diversas nacionalidades neste primeiro fim-de-semana de Agosto.

Ponto de encontro também para portugueses em férias, Sagres viveu num clima de imprevistos a sua primeira grande festa em que nem tudo foram rosas. Enquanto no primeiro dia a água faltou durante a tarde no segundo o gerador que alimentava o som e luzes de palco falhou poucos mi-

nutos antes do espectáculo começar, problema que foi rapidamente solucionado.

Também no cinema — uma das actividades paralelas que nem sempre primou pelo sucesso — se verificaram diversas falhas.

Filme faltou

«Uma Rapariga no Verão», filme do realizador Vítor Gonçalves, cuja exibição foi anunciada, não chegou a ser visto no auditório da fortaleza pois embora o filme, de 16 milímetros, estivesse em Sagres a máquina de projectar própria não estava lá.

Também as presenças anunciadas dos realizadores João Botelho (autor de «Um Adeus Português») e de Vítor Gonçalves não se concretizaram, sem que a organização tenha explicado cabalmente o porquê das ausências.

A falta de sinalização relativamente aos diversos recintos do festival, quer na vila onde estava o teatro quer dentro das muralhas da fortaleza, foi também lamentada por algumas das pessoas presentes que, não conhecendo Sagres, tinham dificuldade em encontrar os locais pretendidos.

Quase um «fruto proibido», este festival que importou para a autarquia num investimento de cerca de 14 000 contos — verba em parte subsidiada pela Centralcer e pela Comissão Regional de Turismo do Algarve — prometeu repetir-se em futuras edições e Sagres ser de novo ponto de partida tal como a mitologia sempre identificou este local.

Embora as contas ainda não estejam feitas, há já quem queira apresentar à autarquia propostas para uma nova edição do festival de Sagres, que, se se concretizar, «será mesmo o que ali está a dar» — segundo disse à Lusa o presidente da Câmara de Vila do Bispo.

Curso em Coimbra da Faculdade Internacional de Direito Comparado

O reitor honorário da Universidade de Coimbra, professor Ferrer Correia, presidiu na Faculdade de Direito à abertura dum curso da Faculdade Internacional de Direito Comparado, com sede em Estrasburgo (França).

A sessão contou com a presença do professor Figueiredo Dias na qualidade de seu presidente.

O curso vai prolongar-se até 22 de Agosto, com a participação de

54 alunos de oito nacionalidades, com predomínio da alemã e italiana.

É ministrado em língua francesa por professores de cinco nacionalidades, figurando entre os docentes portugueses os professores Ferrer Correia, Orlando de Carvalho e Almeida e Costa.

As matérias a versar pertencem às áreas do Direito Constitucio-

nal Administrativo, Direito Civil e Comercial, Processo Civil, Direito Internacional Privado e Internacional Processual.

A sessão em Coimbra da Faculdade Internacional de Direito Comparado é patrocinada pela Reitoria da Universidade, Faculdade de Direito, Fundação Calouste Gulbenkian e Instituto Nacional de Investigação Científica.

CASMO denuncia situação em carta ao provedor de Justiça

SUICÍDIOS, AGRESSÕES E SALÁRIOS EM ATRASO PERTURBAM AMBIENTE NAS FORÇAS ARMADAS

Manuel Geraldo

O general Lemos Ferreira, Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, é questionado pela CASMO (Comissão de Apoio aos Militares do Serviço Obrigatório) devido a situações anómalas que estão a criar nos últimos meses uma certa instabilidade no seio dos quartéis (agressões, suicídios, salários em atraso), tendo inclusive merecido por parte daquela organização de juventude uma carta dirigida ao provedor de Justiça.

Nessa carta a CASMO, que publica um jornal mensal coordenado por Carlos Nunes, refere que em Outubro de 1986, durante a semana de campo de instrução do 3.º turno de 86, de incorporados no Batalhão de Serviço de Material, no Entroncamento, um grupo de graduados da Companhia de Instrução «atacou» o acampamento dos soldados recrutados. Nessa ocasião o aspirante a oficial-miliciano Fernandes efectuou vários disparos de salva de G-3 para dentro das tendas. Um dos disparos foi efectuado junto à orelha do então soldado recruta Gonçalves, tendo este baixado à enfermaria, sob suspeita de rotura do tímpano. Posteriormente veio a confirmar-se que do acontecimento resultara surdez do ouvido atingido. O incidente foi ocultado, o soldado Gonçalves foi por diversas vezes presente à consulta externa e só quando foi concluído que a ofensa corporal de que fora vítima era irreversível é que foi participada a ocorrência.

Mas passado quase um ano sobre o evento continua por concluir o processo de averiguações e apesar de ser do domínio público que a ofensa corporal de que o soldado Gonçalves foi vítima resultou «da incúria e irresponsabilidade» do aspirante Fernandes este continuou em funções na Companhia de Instrução sendo comandante de um pelotão de instrução durante a recruta do 2.º turno de 1987.

Durante este turno, numa instrução individual de combate encontrando-se os recrutas em posição de atirador deitado o aspirante Fernandes agrediu «de forma injustificável» um outro soldado recruta com um pontapé na cabeça, só pelo facto deste a ter levantado. Em resultado da agressão, a boca do recruta embateu violentamente na G-3, tendo-se partido a sua placa de dentes artificiais.



General Lemos Ferreira: uma posição pouco «transparente»

«Comandos» da Amadora contra Polícia do Exército

A CASMO noticia depois o facto de, no dia 9 de Julho, a estação ferroviária de Santa Apolónia ter sido palco de cenas próprias do «Far-West». Aconteceu que, nessa data, um grupo de soldados do Regimento de Comandos da Amadora passara à disponibilidade, estando a «divertir-se» arrasando uma carruagem. A Polícia do Exército interveio com uma reduzida patrulha, tendo o aspirante que a comandava sido barbaramente agredido (dentes

partidos, fractura do maxilar e traumatismo craniano). Só mais tarde chegaram mais reforços da PE e do confronto resultaram vinte feridos.

De acordo com a CASMO este comportamento dos Comandos é usual em situações similares, a que não é estranha a preparação psicológica que é dada a estas «tropas especiais», tornando assim possível o seu comportamento anti-social no Portugal de hoje.

Movimentação nos pára-quedistas

Outro caso narrado pela CASMO refere-se 50 cabos contratados da Base Operacional de Tropas Pára-Quedistas n.º, em Aveiro, que estiveram com a actualização de salários atrasada durante cinco meses, até Maio, embora os contratos já estivessem assinados desde o ano passado. A situação só foi normalizada devido à movimentação, e ao espírito de corpo dos lesados, que puseram assim termo a um quadro semelhante ao que vigora na vida civil, onde abundam empresários que ou não pagam os ordenados ou se recusam a actualizar as tabelas salariais.

A CASMO aborda finalmente os suicídios entre os militares, referindo pelo menos quatro casos nos últimos meses (dois falhados e dois confirmados, um deles na Escola Prática do Serviço de Material, em Sacavém, onde um soldado se matou com um tiro de G-3 na cabeça). Os outros casos tiveram lugar no RALIS (um soldado cortou os pulsos, por se encontrar detido devido a um processo por consumo de droga), na Escola Prática de Cavalaria, em Santarém, um soldado envenenou-se mas sobreviveu, e no Regimento de Artilharia de Leiria um recruta pôs termo à vida por enforcamento.

Como se verifica a vaga de suicídios não é um «exclusivo» das cadeias, tendo esta triste realidade atingido também a juventude portuguesa que presta serviço nos quartéis, sendo de lamentar que esta situação, e as atrás descritas, não tenha merecido até agora por parte das autoridades militares a transparência exigida numa sociedade democrática, à semelhança do que acontece por exemplo, neste particular, por parte da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais.

Mais um português vitimado em Espanha

Um emigrante português em França, José Vera Fernandes, de 42 anos, morreu ontem num acidente de viação ocorrido em Espanha na estrada que liga Madrid a Irun, no qual perderam a vida dois cidadãos espanhóis e ficaram ainda feridas mais cinco pessoas, quatro das quais portuguesas.

O desastre teve lugar quando o automóvel conduzido por José Fernandes se despiu de indo embater frontalmente no veículo em que seguiam dois espanhóis.

Vizinho morto ao intervir numa contenda entre pai e filho

Um agricultor que, na noite de anteontem, atingiu mortalmente a tiro um vizinho e feriu outro, na freguesia de Refojos, Cabeceiras de Basto, foi presente ao tribunal de Instrução Criminal de Guimarães, que o remeteu para a cadeia da comarca onde irá aguardar julgamento.

De acordo com a GNR, o incidente começou com uma discussão entre o pai e o agressor, tendo este ameaçado de morte o seu progenitor, munindo-se para o efeito de uma espingarda caçadeira. Alguns vizinhos intervieram para acabar com a contenda, tendo dois deles sido atingidos, um dos quais mortalmente.

CP atribui acidente a «falha humana»

Dezassete feridos no choque de comboios em Xabregas

Mais uma vez a CP atribui a «uma falha humana» o choque ocorrido cerca das 16 e 30 de ontem em Xabregas, já próximo da estação de Santa Apolónia, entre um comboio que vinha de Tomar em marcha reduzida e um outro proveniente

de Vila Franca de Xira e que estava parado na via.

Do acidente, cuja responsabilidade é assacada ao maquinista do comboio de Tomar que conduzia em «marcha à vista», ficaram feridas dezassete

pessoas, entre as quais este maquinista e o revisor da mesma composição. Os estragos materiais foram de pouco vulto.

O embate deu origem a um atraso de 30 minutos na saída do «Sud-Express».

Armazém de fruta destruído pelas chamas em Évora

Um incêndio de grandes proporções deflagrou ontem à noite num armazém de fruta, localizado na Rua dos Penedos, na parte antiga da cidade de Évora. O sinistro, cujas origens se desconhecem por enquanto, destruiu por completo toda a fruta e grande parte do telhado do armazém, propriedade do comerciante José Cardoso dos Santos.

De acordo com o comandante dos bombeiros voluntários daquela cidade, que combateram as chamas, tendo dois deles sofrido intoxicação, «conseguiu-se evitar o pior, uma vez que os dois armazéns contíguos, que saíram incólumes, estavam produtos altamente inflamáveis, nomeada-

mente madeiras, tintas, vernizes e diluentes».

«Quando cheguei e vi o local temi o pior», afirmou Francisco Monteiro que reconheceu terem os seus homens «feito um bom trabalho», dado que afrontaram o fogo de pronto, conseguindo que o mesmo não se propagasse aos armazéns que ladeiam o que foi afectado.



Mário Castrim

O espectacular sucesso eleitoral do PSD (também conhecido no meio por Cavaco Silva) tem provocado as mais diversas especulações e explicações. Nem eu poderia faltar com a minha. Outros basear-se-ão em critérios políticos, económicos, inclusive antropológicos. Cá eu, mais terra-a-terra, apenas me baseio na minha experiência de televisão. Como não poderia deixar de ser, aliás. Bem, que fique bem entendido: não tenho o exclusivo da verdade — felizmente para mim, para vocês e para a própria verdade. Admito perfeitamente estar errado e, se avanço com o meu processo explicatório, é tão-somente a fim de contribuir para uma reflexão, hoje mais do que nunca, desejável. Poderá alguém mais incrédulo ou mais desconfiado das minhas intenções, acusar-me disto ou daquilo, e mesmo de ambas as coisas. Paciência. Quem anda à têvêchua, molha-se. Ninguém recusará os efeitos da televisão. Eles aí estão à vista de todos. Se um detergente paga publicidade na TV à velocidade de centenas de contos por minuto, não me digam que o detergente faz isso por mecenato. Claro que a Televisão vende. Se ela vende detergentes, por que não há-de vender outras coisas. Memoriando. Há tempos, em Lisboa, os ladrões penetraram numa ourivesaria alugando o primeiro andar e fazendo um buraco no tecto. Foi invenção deles? Não foi. Semanas antes a Televisão dera uma história em que se utilizava o processo. E aquela menina inglesa que estrangulava as mil maravilhas com uma meia de seda? Pois aprendera isso na Televisão. Na BBC, imaginem! Ora, se a Televisão ensina a cometer esse crime, por que não há-de ensinar a cometer outros? Nesse pressuposto assento para concluir que. Se nada fazia prever tamanha subida, como explicá-la? Tudo para mim, se tornou claro quando soube que os responsáveis pela informação na TV eram fiéis seguidores do Cambalacho foi lá que eles aprenderam o feitiço da Salamandra. E se ele resulta no Cambalacho...

A R T I G O D E F U N D O

**"Até sou sócio dos bombeiros",
declarou ao "DL" o alegado incendiário**

CHAMAS DEVASTARAM 700 HECTARES EM POMBAL

Dos grandes incêndios que durante o fim-de-semana deram trabalho a diversas corporações de bombeiros de Norte a Sul do País, ao meio da manhã de hoje a situação era difícil em Pombal, onde desde a passada quinta-feira terão ardido cerca de 700 hectares. O alegado incendiário, que ao fim desta manhã prestou declarações à Guarda Nacional Republicana, afirmou ao «DL» a sua inocência: «até sou sócio dos bombeiros, e sou contra quem lança os fogos»

«Eu não estava dentro dos pinhais, estava dentro de um campo de milho a ver se via o homem que acendeu o fogo», declarou esta manhã ao «DL» o homem apontado por populares como o responsável pelo reacender das chamas.

António Lopes Rodrigues, 37 anos, emigrante em França onde trabalha na construção civil como pedreiro, afirma a sua inocência: «dizem que fui eu que acendi o fogo, não sei porquê... agora quero ir a Tribunal para ver quem diz que lancei o fogo».

Encontrado por populares, «deram-me com uma enxada de pontas na cabeça», o alegado incendiário foi conduzido no início da madrugada de hoje ao hospital, onde foi suturado.

«Ainda me sinto mal», adiantou ao «DL» minutos depois desta manhã ter voltado ao hospital para ser examinado, e pouco antes de prestar declarações à GNR.

«O indivíduo que me fez isto, tinha também uma espingarda e atirou para dentro dos pinhais», prosseguiu Lopes Rodrigues, sublinhando de novo: «não estava a deitar fogo, isso não, pela minha rica saúde». «Eu até sou contra isso e sou sócio dos bombeiros de Pombal», concluiu.

«Se o vento não soprar...»

As acusações ao emigrante em França cuja veracidade só poderá ser apurada depois da investigação das autoridades policiais, decorrem do reacender do fogo no lugar de Pinhete, na freguesia de Bre-moil.

«De quinta-feira até ontem arderam cerca de 500 hectares, e de ontem para hoje 200», revelou ao «DL» o comandante dos bombeiros de Pombal.

Sobre as origens do incêndio, a mesma fonte precisou que «o primeiro, que passou para Vila Nova de Ourém, parece ter tido origem num acidente: uma madeireiro estava a cortar um pinheiro e, na queda, deitou abaixo uma linha de alta tensão».

Em relação ao segundo, duas hipóteses se põem: «ou uma fagulha, mas não acredito muito, ou então uma acção criminosa».

A meio desta manhã, os bombeiros tentavam, com a ajuda de uma máquina da Câmara, fazer um asseio à volta da zona ardida, de modo a evitar o reacender das chamas.

«Continuam a aparecer focos de incêndio, e neste momento as chamas estão controladas mas ainda não extintas», prosseguiu o comandante, sublinhando que «te-

mos procurado colocar material de prevenção junto das habitações, para evitar que se repita o que aconteceu no sábado, quando arderam duas casas».

Para além destes danos materiais, os bombeiros sofreram com o fogo. No sábado, um jeep da corporação foi pasto das chamas, «e tenho dois bombeiros com os pés queimados, e outros com pequenas intoxicações».

A evolução para as próximas horas depende das condições meteorológicas, já que os «soldados da paz» tomaram todas as precauções: «se o vento não soprar com intensidade vai ser possível ainda hoje acabar com ele».

«Já ontem estava assim...»

Do lado do concelho de Vila Nova de Ourém, a expectativa é também de conseguir extinguir as chamas, depois de estas terem obrigado à interrupção esta madrugada, como precaução, da circulação ferroviária na linha do Norte, na localidade de Pederneira.

«O incêndio está praticamente controlado, mas há ainda pequenos focos que se vão reacendendo», referiu ao «DL» um porta-voz dos bombeiros de Vila Nova de Ourém.

Razões para o reacender das chamas são, segundo a mesma fonte, a grande distância que separa as zonas queimadas e o facto «de não haver meios para fazer o rescaldo ao mesmo tempo».

«Em princípio, queríamos até ao fim da manhã fazer o rescaldo, pois temos receio que o vento volte a reacendê-lo», prosseguiu o informador.

Para os bombeiros de Vila Nova de Ourém, o facto das áreas sinistradas distarem de umas das outras leva-os ao convencimento «de que houve, nalguns sítios, uma acção criminosa».

Para além da possibilidade de fogo posto, as 20 corporações e os entre 150 a 200 homens que deram luta às chamas, debateram-se com dificuldades adicionais: «os acessos são muito maus, e os meios aéreos não ajudam muito, para além da nossa saturação, com os pés cheios de bolhas».

Para as operações de rescaldo, «agora estão lá os de Benavente, Santarém e viaturas nossas». «Já ontem ele estava assim, e depois reacendeu-se na zona de Albergaria e voltou a passar para Vila Nova de Ourém».

«Não gostam que a gente fique no quartel»

«Uma grande área de pinhal e eucaliptal», segundo

informação prestada pelos bombeiros de Figueiró dos Vinhos foi pasto das chamas devido aos incêndios que ontem à noite assolavam as zonas de Valbom, Ribeira de Braz, Alvaizere e Figueiró.

«O fogo está praticamente extinto», prosseguiu, depois da noite ter sido de árdua luta contra as chamas, envolvendo as corporações de Figueiró, Alvaizere, Castanheira de Pera, Ferreira do Zezere, Sertã e Oliveirinha, num total de cerca de 150 homens.

O temor de que as chamas voltem a aparecer durante a tarde, levou os bombeiros de Figueiró dos Vinhos a tomarem precauções: «anda lá um carro nosso a fazer vigia».

Idêntica medida tomaram os bombeiros de Mira de Aire que, auxiliados pelas corporações de Leiria, Marinha Grande, Batalha, Porto de Mós, Caldas da Rainha e Bombarral, apoiados por meios aéreos, desde o meio da tarde de domingo combateram o incêndio que destruiu matas da Serra de Aire.

«O fogo foi extinto por volta das 10 horas da manhã, mas ficou lá um corpo de prevenção dos bombeiros de Mira de Aire», revelou ao «DL» uma fonte dos Voluntários de Porto de Mós.

O mesmo informador adiantou que «arderam várias casas», escusando-se a adiantar mais pormenores acerca do sinistro. «A gente anda a dormir em pé», justificou.

No entanto, aquele porta-voz sublinhou que a meio da manhã «está tudo mais ou menos calmo», adiantando «que lá para tarde é capaz de estar pior». A razão é simples: «eles não gostam que a gente fique no quartel».

«O vento estragou tudo»

Esta madrugada, os bombeiros algarvios, auxiliados pelos de Odemira, e apoiados por um helicóptero, conseguiram extinguir as chamas que durante 40 horas devastou a zona de Algezur.

De acordo com os bombeiros, ainda não há dados exactos sobre a área atingida, sabendo-se apenas que foram vários milhares de hectares de sobreiro, eucalipto e mato.

O incêndio deflagrou no domingo na Várzea de Algezur e, impulsionado pelo vento, galgou a Estrada Nacional 120 em direcção à costa, ameaçando o parque de Campismo de Vale das Telhas.

Segundo referiu esta manhã ao «DL» uma fonte dos bombeiros de Portimão «ainda lá gente de prevenção, e arderam algumas casas, na zona de Vale da Telha». O responsável pela propagação rápida das chamas, para além da zona ser muito arborizada, foi o vento, que «estragou tudo».



MUNICÍPIO DE LISBOA

«EMPREITADA DE REVESTIMENTO DE RECARGA DO PAVIMENTO DA RUA DAS MURTAS»

ANÚNCIO N.º 56/87

- 1 — Concurso público promovido pela Câmara Municipal de Lisboa, Direcção dos Serviços de Obras — 2.ª Repartição — Conservação de Pavimentos e Esgotos. Rua da Palma, 169 — 1100 LISBOA, Telefone 86 31 61.
- 2 — Concurso público nos termos do Art.º 49.º do Dec-Lei 235/86, de 18 de Agosto.
- 3 — a) — Local de execução — Rua das Murtas.
b) — Empreitada de Revestimento de Recarga do Pavimento da Rua das Murtas.
c) — O preço base do concurso é de 4 000 000\$00, com exclusão do IVA.
- 4 — O prazo de execução da obra é de 8 semanas.
- 5 — a) — O processo de concurso e documentos complementares podem ser adquiridos ou examinados, todos os dias úteis, na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da DST-E, Av. 24 de Julho, 171-C, dentro das horas de expediente.
Também estão patentes as peças do referido concurso, a fim de poderem ser examinadas, na DSO — 2.ª Repartição, sita na Rua da Palma, 169, dentro das horas de expediente.
b) — O pedido do processo pode ser feito até 8 dias antes da data do acto público do concurso.
c) — O montante a pagar pelo fornecimento do processo de concurso é de 2 122\$00.
- 6 — a) — As propostas deverão ser apresentadas até às 17.30 horas do 30.º dia contado a partir do dia seguinte à data da publicação deste anúncio no «Diário da República».
b) — A sua entrega far-se-á na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais — Av. 24 Julho, 171-C — Lisboa.
c) — As propostas deverão ser redigidas em português.
- 7 — a) — Poderão intervir no acto público do concurso representantes dos concorrentes devidamente mandatados para o efeito.
b) — O acto público do concurso terá lugar na morada indicada no n.º 6 b), às 15.00 horas, do dia útil seguinte ao da entrega das propostas.
- 8 — A caução é de 5 % do preço total da adjudicação e terá de ser prestada pelo concorrente preferido no prazo de 8 dias a contar da data da notificação da adjudicação.
A caução será prestada por depósito em dinheiro ou títulos emitidos ou garantidos pelo Estado, ou mediante garantia bancária ou seguro caução, conforme escolha do adjudicatário.
- 9 — O tipo de empreitada é por Preço Global, sendo a modalidade de pagamento a estipulada no n.º 4 do Art.º 16.º do Dec-Lei 235/86, de 18 de Agosto.
- 10 — Podem concorrer empresas que declarem a intenção de se constituírem juridicamente numa única entidade ou em consórcio externo, em regime de responsabilidade solidária tendo em vista a celebração do contrato.
- 11 — Para ser admitido a este concurso é necessário que os proponentes estejam inscritos e classificados como empreiteiros de Obras Públicas na IV e V categorias ou 1.ª subcategoria da IV categoria e 4.ª subcategoria da V categoria e da classe correspondente ao(s) valor(es) da(s) proposta(s).
- 12 — O prazo de validade das propostas é de noventa dias, contados a partir da data do acto público do concurso.
- 13 — A adjudicação será feita à proposta mais vantajosa, atendendo-se aos seguintes critérios, por ordem decrescente da sua importância:
 - 1.º — Garantia de boa execução e qualidade técnica;
 - 2.º — Preço da proposta;
 - 3.º — Prazo global;
 - 4.º — Prazos parcelares;
 - 5.º — Plano de pagamentos.

Paços do Concelho de Lisboa, em 1987/07/10

**O Vereador,
Pedro José Del Negro Feist**



Partiram ontem de Santa Apolónia no Comboio Ibérico

VOLTA À PENÍNSULA CONTEMPLA 125 JOVENS EM GOZO DE FÉRIAS

Conhecer novas pessoas e novas terras é o objectivo principal dos 250 jovens, portugueses e espanhóis, que ontem partiram no «Comboio Ibérico» para uma viagem de 13 dias pela Península.

Com a partida marcada para as 23 horas, duas horas antes já os jovens começaram a chegar à Estação de Stª Apolónia. Mochilas às costas, fatos de férias (calções, saias curtas, blusas abertas), e violas na mão, por toda a parte de ouviam risos, tiravam-se fotografias em grupo e escutavam-se as últimas recomendações familiares.

Divididos pelas seis carruagens com cama, os jovens juntavam-se às portas, em bichas, na pressa de conhecer os seus companheiros de quarto e arrumar os sacos.

Enquanto a banda da Sociedade Filarmónica União Capricho Olivalese actuava na estação, os jovens despediam-se da família, fazem rodadas, cantam, batem palmas, entram e saem das carruagens, numa enorme excitação.

Ainda não se ouvia falar espanhol, porque os jovens do País vizinho só ocupam o seu lugar no comboio em Salamanca, perdendo assim a primeira parte do itinerário: Lisboa (onde ontem se passou o dia), Régua e Porto. A viagem prossegue depois por Salamanca, Madrid, Almería, Málaga, Sevilha, Faro e novamente Lisboa.

Com idades compreendidas entre os 16 e os 26 anos, rapazes e raparigas esperam nesta viagem travar novos conhecimentos, conviver, e sobretudo divertirem-se.

Raquel Pisco, de 23 anos, empregada bancária na Póvoa de Santa Iria, tirou férias este mês para poder participar na viagem. «A minha irmã veio o ano passado e divertiu-se imenso. Foi por isso que este ano nos inscrevemos as duas, mas ela não conseguiu vaga», conta. Para ela, o importante é o convívio: «Gosto de conviver

com gente da minha idade, e esta é uma das poucas oportunidades que existem para isso. Acho que pode ser útil que jovens de diversas culturas se encontrem e troquem experiências. mesmo em Portugal, a cultura é diferente de região para região, e visitar cidades que conheço mal com pessoas que são oriundas dessas cidades é uma maneira de as ficar a conhecer melhor».

Mas «é acima de tudo pela convivência, mais que pelo passeio, que me inscrevi», conclui.

Para os mais novos, esta é

a primeira vez que viajam sem os pais, e por isso a expectativa com que encaram o passeio é maior. É o caso do Pedro Miguel, de 16 anos e estudante do 9º ano Unificado: «Nunca tinha participado numa coisa desta e quis experimentar. É a primeira vez que estou entregue a mim próprio, e isso é importante para mim, para ver se sei 'safar' sozinho... mas vim com um vizinho, para não me sentir tão só. Além disso nunca saí de Portugal. Enfim, são uma série de experiências novas».

Alguns vieram em grupo ou com as namoradas, como é o caso do Carlos, de 24 anos, natural da Régua. «Para mim isto é uma coisa diferente, visto que nunca saí de Portugal, não costumo viajar nem ir acampar com os ami-

gos. O pai da minha namorada informou-nos disto, inscrevemo-nos e agora estamos aqui os dois».

Para a Margarida, estudante com 18 anos, o mais importante «é fazer novos amigos».

Jovens com preferências e actividades diferentes juntam-se agora para, durante 13 dias, trocarem ideias. João Roque, aluno da Academia Militar, resolveu inscrever-se para «conhecer pessoas diferentes daquelas com que habitualmente convivo. Quero conhecer a nossa juventude, já que não posso dizer que os meus colegas sejam um exemplo».

O Paulo Martins veio do Porto, onde trabalha num escritório e à noite estuda pintura e cerâmica. Considera-se uma pessoa muito reservada, com poucos amigos e inscreveu-se para «conhecer novos meios, fazer novas amizades, mas sobretudo pelo gosto de mais uma aventura».

Sob o olhar do secretário de Estado da Juventude, de um assessor da Presidente da República e do director do FAOJ o comboio partiu, com as janelas apinhadas de jovens a acenar com lenços brancos.

Segunda viagem

Esta é a segunda viagem do «Comboio Ibérico». A primeira teve lugar o ano passado, e como tudo correu bem, o Grupo Media, responsável pela iniciativa, resolveu repetir a experiência. «O ano passado foi ótimo, por isso pensamos em organizar tudo para uma segunda viagem», diz Otília Chaves, uma das organizadoras do «Comboio Ibérico».

O principal objectivo da iniciativa é a aproximação entre as duas culturas e juventudes da Península Ibérica, suscitando nos jovens as temáticas europeias, levando-os a interessarem-se por

problemas e questões que ignoram ou não se sentem motivados para as discutir.

Revelar ao «lado espanhol» as diferentes tradições e culturas regionais que existem em Portugal e sensibilizá-los para que dêem a conhecer aos portugueses a sua terra é outro dos objectivos da viagem no «Comboio Ibérico».

Actividades culturais

Ao longo da viagem serão desenvolvidas várias iniciativas de índole cultural e lúdica, estando o espaço musical no comboio a cargo do músico Tó Neto. No comboio viaja também um representante da Comunidade Europeia que fornecerá documentação e elucidará os jovens sobre as dúvidas respeitantes à CEE.

Estão também programadas visitas a museus e exposições, a organização de um espectáculo de música portuguesa em Espanha e outro de música espanhola em Portugal e idas a praias e piscinas.

Das inúmeras inscrições que receberam (em Portugal eram feitas nas delegações regionais do FAOJ e em Espanha no Conselho Nacional de Juventude Espanhola) os responsáveis seleccionaram os jovens pelo seu «carácter humanitário e pelas habilidades». Temos aqui pessoas com todo o tipo de formação», esclarece Otília Chaves.

Para participar na viagem do «Comboio Ibérico» os jovens pagaram 12 mil escudos, que lhes dá ainda direito ao pequeno-almoço. As restantes refeições estão a cargo de cada um. O Comboio é composto por seis carruagens—cama, uma carruagem salão e dois furgões, onde ficam as instalações dos jornalistas, da organização, o bar, o posto médico e um núcleo de rádio e secretaria-do.

No total são mais de 4 milhões de contos

Preço da construção do Arquivo do Tombo subiu um milhão

A construção das novas instalações do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, na cidade universitária de Lisboa, inicialmente orçada em 2,2 milhões de contos deverá custar afinal 3,5 milhões — segundo um comunicado da DGCS, ontem distribuído.

«A este valor haverá a acrescentar o custo dos arranjos exteriores, do mobiliário, equipamento, decoração e obras de arte e ainda o sistema de informática» — acrescenta.

«Estima-se que o valor global do investimento venha a rondar 4,1 milhões de contos» — diz ainda.

A empreitada desta construção foi adjudicada na sequência de uma resolução do Conselho de Ministros de 7 de Março de 1985, tendo sido de cerca de 2,2 milhões o valor da adjudicação e de quatro anos o prazo da respectiva execução.

«Todavia, já com a obra concursada, foi determinada a revisão da implantação do edifício, de forma a proporcionar um maior afastamento da Faculdade de Letras, criando simultaneamente a nascente uma área de protecção e reserva» — diz ainda o comunicado oficial.

«Tornaram-se assim indispensáveis estudos topográficos e geológicos complementares, que aconselham a introdução de alterações ao projecto de fundações, com melhoria das condições de execução e da qualidade de comportamento da obra» — explica.

Daqui resultou um atraso de quatro meses no início dos trabalhos propriamente integrantes do edifício, que começaram em 24 de Setembro de 85 — recorda.

O edifício terá uma área de 7 800 m² e terá subcave, cave, rés-do-chão e 1.º andar, a partir do qual se elevam, quatro torres de arquivos com quatro pisos, totalizando cada 7 600 m² de pavimentos — diz ainda.

A zona destinada a arquivos constitui cerca de 60 por cento da área global de pavimentos do edifício, estando prevista a instalação de 150 quilómetros de prateleiras, 70 dos quais ficarão de reserva.

O edifício, adjudicado em Setembro de 1985 e cuja construção foi iniciada em Dezembro do mesmo ano, disporá de zonas para exposições temporárias, salas de leitura e de reuniões, auditório, zonas de trabalho dos conservadores, espaços de tratamento, expurgo, limpeza, distribuição e recolha de documentos e ainda para os serviços administrativos.

Será dotado com as instalações e equipamentos mais recentes, incluindo a informatização do funcionamento de diversos serviços.

O investimento será custeado pelo Estado e contou com a participação de 570 mil contos da Fundação Calouste Gulbenkian.



PETRÓLEO E DÓLAR VOLTAM A SUBIR

Continuação da pág. 1

Na origem destas perturbações encontra-se o agravamento da tensão no Golfo Pérsico, decorrente dos incidentes de Meca, na Arábia Saudita, que provocaram na sexta-feira a morte de 402 pessoas, entre as quais 275 peregrinos iranianos. Caracterizando a situação do mercado como «extremamente nervosa», as agências noticiosas internacionais referem que o barril do «West Texas Intermediate» - variedade de referência nos EUA - atingiu ontem de manhã os 22,58 dólares para fornecimento em Setembro e baixou no final do dia para 22,16 dólares, o que corresponde a uma progressão de 79 centísimos, em relação a sexta-feira.

No que se refere ao petróleo «Brente» do mar do Norte a alta registada, também para entregas em setembro, foi de 85 centísimos, com o barril a custar ontem 20,85 contra 20 dólares na sexta-feira. No entanto, no mercado «spot» de Londres, o preço desta variedade já havia subido cerca de um dólar e meio durante o mês de Junho, fi-

zando-se no princípio de Julho ligeiramente acima dos 20 dólares.

Numerosos analistas insistem todavia, apesar do carácter limitado das subidas verificadas, no facto de uma eventual deterioração das relações entre o Irão e a Arábia Saudita vir a provocar uma corrida ao mercado com acumulações de compras a prazo e o disparar dos preços.

O receio dos analistas incide sobretudo na possibilidade de os iranianos virem a desencadear uma ofensiva contra a neavegação no Golfo Pérsico, que tenha por consequência limite a cessação dos fluxos petrolíferos com origem naquela região.

O Irão e a Arábia Saudita, recorde-se, são dois membros proeminentes do OPEP, sendo que o Irão há muito se bate no interior da organização por uma subida do petróleo para 28 dólares, enquanto que a Arábia Saudita se aliou entre os moderados que defendem o aumento da produção e uma subida gradual dos preços do petróleo. Em fins de Junho, os ministros do petróleo da OPEP com-

prometeram-se, em Viena, a fixar em 16,6 milhões de barris por dia a sua produção de «crude», no segundo semestre deste ano, mantendo inalteráveis os 18 dólares por barril do actual preço de referência da organização.

«O que aconteceu em Meca faz aumentar os receios de uma suspensão da distribuição de petróleo através do Golfo», comentou ontem Brian Jacobski, da Paine Webber Inc., um dos muitos peritos que exprimiu todavia as suas dúvidas quanto à capacidade naval do Irão para bloquear «durante um longo período» as exportações de petróleo do Golfo.

De qualquer modo, ninguém duvida hoje em dia que os preços do petróleo vão manifestar uma tendência ascendente nos próximos anos e o próprio Programa de Correção Estrutural do Déficit Externo e do Desemprego, aprovado este ano pelo Governo, admite «uma recuperação gradual dos preços do petróleo, subindo 2 dólares/ano até 1989 e, depois, acompanhando o ritmo da inflação externa».

Outros peritos vão porém

mais longe e ainda recentemente o presidente da Crysler sustentava que o barril de «crude» voltaria aos 30 dólares em 1990.

Quanto ao dólar, a sua cotação subiu ontem ligeiramente, em relação a quase todas as outras grandes moedas, à excepção do dólar canadiano. A alta da nota verde - que em Tóquio passou dos 149,25 ienes de sexta-feira para 150,15 - é explicada parcialmente pela tensão entre o Irão e o Iraque, mas a generalidade dos observadores não considera ainda este conflito suficientemente grave para ter um impacto duradouro na subida do dólar. Mais importante poder-se-á revelar, num sentido ou outro, a revelação nos próximos dias das estatísticas comerciais de Junho e da evolução do mercado do emprego nos EUA.

Finalmente, em relação ao ouro, os analistas referem que à instabilidade provocada pela situação no Golfo há que acrescentar o anúncio de uma greve dos mineiros sul-africanos para o próximo dia 9.

Nos quatro primeiros meses deste ano déficit comercial agravou-se em 34%

O saldo negativo da Balança Comercial, nos quatro primeiros meses do ano, foi de 145 639 milhões de contos, o que representa um agravamento de 34,4 por cento em relação a igual período do ano de 1986.

As importações totalizaram 545 874 milhões de contos contra 400 234 milhões de contos de exportações, sendo a taxa de cobertura das importações pelas exportações de 73,32 por cento. Em 1986 essa taxa foi de 73,32%.

No mês de Abril a subida das importações cifrou-se em 35,18 por cento em relação a Março. Tal deve-se essencialmente ao aumento das importações provenientes da CEE que passaram de 56,25 por cento em 1986 para 64,94 por cento. As exportações aumentaram de 33,39 por cento em relação a Março e a CEE foi o principal mercado de destino, com 71,63 por cento do total. Em idêntico período do ano anterior esse valor tinha-se ficado por 68,20 por cento. Ainda em relação aos países da CEE o nosso déficit comercial atingiu 67 783 mil milhões de contos nos quatro primeiros meses deste ano, ou seja 46,54 por cento do total, contra 19 por cento nos primeiros quatro meses de 1986.

No mesmo período é de salientar que o saldo positivo com os Países Africanos de Expressão Portuguesa se cifrou em 5003 milhões de contos.

Resultados do CPP elevam-se a 103 mil contos

Os resultados líquidos apurados pelo Crédito Predial Português em 1986 ascenderam a 103 milhões de contos. Estes resultados associados ao montante das dotações para provisões e amortizações permitiu que o total dos meios libertos se situasse em 1033,1 milhares de contos.

No final de 1986 os depósitos totais do Banco — 199,2 milhões de contos — acusaram um aumento de 25,5 milhões de contos (dos quais 15,9 m.c. de depósitos a prazo), traduzindo-se numa variação positiva de 14,7% em relação ao ano anterior.

A procura de crédito no CPP registou um acréscimo absoluto de 19,1 milhões de contos, cuja tradução em termos relativos (10,4%) se situou a nível idêntico ao registado no ano precedente (10,2%). Tal situação determinou novo amortecimento, em 1986, do ritmo de expansão de carteiras de crédito da instituição (13,8%), carteira cujo saldo ascendia no final do exercício a 171,7 milhões de contos.

Numa perspectiva sectorial, destaca-se a preponderância que os saldos de crédito da área especializada de Habitação e Construção vêm assumindo, nos últimos anos, na carteira de crédito do CPP (59% em 1986) distanciando-se das posições imediatas ocupadas pelas Indústrias Transformadoras e Comércio — respectivamente 23% e 6%.

Banco de Portugal obteve 17,8 milhões de contos de lucros

O Banco de Portugal teve em 1986 lucros da ordem dos 17,8 milhões de contos, praticamente o dobro do registado em 1985 — anunciou ontem o Banco Central.

Em 31 de Dezembro de 1986, as reservas de ouro, cerca de 626,995 toneladas de ouro fino, encontravam-se avaliadas em cerca de 750 milhões de contos, enquanto a moeda estrangeira valia 188,2 milhões de contos, um total de disponibilidades de cerca de 939 milhões de contos.

O Estado devia no final do ano passado, em títulos de dívida pública, cerca de 1000 milhões de contos, enquanto a responsabilidade para com o Fundo Monetário Internacional se elevava a 157,9 milhões de contos.

A quantidade de cheques «carecas» passados em 1986 parece ter sido idêntica à de 1985. Pelo menos, o número de propostas de

restrição ao uso de cheques formuladas pelas instituições de crédito «atingiu, em 1986, nível semelhante ao do ano anterior», indica também o relatório do banco central.

A restrição ao uso de cheques significa a proibição de movimentar, por meio de cheque, as contas de depósito em qualquer instituição de crédito. Regulada pelo Decreto-Lei n.º 14/84, aquela medida é aplicável a quem no período de três meses, passar três ou mais cheques sem provisão (independentemente do seu valor) ou a quem «pela utilização indevida do cheque, puser em causa o espírito de confiança que deve presidir à sua circulação».

No final de 1986, o número de entidades abrangidas pela medida em causa rondava os 29000, dos quais 18000 já na vigência daquele decreto. De referir que a medida de restrição ao uso de cheque tem a duração mínima de

6 meses e máxima de 3 anos.

O mesmo decreto prevê ainda procedimento judicial contra as entidades que, tendo sido abrangidas por aquela medida de restrição, procederem à emissão de cheques com ou sem cobertura ou não devolverem os módulos de cheques em seu poder.

O número de participações judiciais efectuadas com esse fundamento foi, segundo o relatório do Banco de Portugal, superior a 1100. Este número representa quase o triplo do registado em 1985, o que leva a admitir alguma ineficácia daquelas participações.

Os encargos suportados pelo Banco de Portugal com o pagamento de bonificações de juro diminuíram, durante o ano de 1986, mais de 30% em relação aos dozes meses precedentes. Saliente-se que já em 1985 aquele total sofrera uma quebra superior a 18%.

Segundo o relatório, para a

baixa registada no ano passado contribuíram, entre outros, os dois factores seguintes: decréscimos sucessivos verificados no nível geral das taxas de juro - eliminando parte da razão de ser das bonificações - e redução progressiva do número de linhas de crédito bonificados «com saliência para operações de Campanha e Exportação».

De referir também o facto de as bonificações concedidas para operações de crédito destinadas à Habitação (4900 mil contos) e ao Investimento (3277 mil contos) totalizarem 95% do total das bonificações pagas pelo Banco de Portugal. Aliás, as bonificações ao Investimento, que se dirigiram fundamentalmente ao sector primário, foram as únicas que aumentaram o seu montante em relação a 1985. Quanto às bonificações à habitação, sector que continua a deter o maior peso no total, conheceram uma diminuição de sensivelmente 40%.

INGA paga subsídios da CEE

O Instituto Nacional de Garantia Agrícola (INGA) passa a ser o organismo pagador de todas as ajudas comunitárias no domínio agrícola, segundo um decreto-lei hoje publicado no «Diário da República».

O diploma atribui ao Instituto as funções de pagamento das despesas financiadas pela «sec-

ção de garantia do Fundo Europeu de Orientação e Garantia Agrícola (FEOGA), exceptuando as já da competência do Instituto Português de Conservas e Pescado.

As medidas necessárias a uma eficaz articulação entre a actuação do INGA e os organismos responsáveis pelo controlo e intervenção serão fixadas

em decreto regulamentar, dispõe o diploma.

O Governo justifica esta medida por considerar existir no INGA a capacidade de accionar os meios financeiros necessários à execução de garantia agrícola, sendo sua atribuição assegurar a correcta movimentação e aplicação dos fundos comunitários e nacionais.

O Governo sublinha que a competência atribuída ao INGA representa uma economia de meios e dispensa a criação, em sobreposição, das estruturas para o efeito necessárias nos organismos de intervenção e controlo, além de possibilitar uma mais correcta articulação dos serviços do FEOGA.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	50\$05	56\$05
ALEMANHA FED. (marco)	77\$35	78\$35
ÁUSTRIA (xelim)	10\$95	11\$15
BÉLGICA (franco)	3\$533	3\$783
BRASIL (cruzado)	2\$10	3\$60
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	109\$00	111\$50
(notas de 5 a 1000)	109\$50	112\$00
DINAMARCA (coroa)	20\$40	20\$80
ESPAÑA (peseta)	1\$110	1\$203
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	144\$45	147\$95
(notas de 5 a 1000)	144\$95	148\$45
FINLÂNDIA (marka)	31\$95	32\$55
FRANÇA (franco)	23\$25	23\$95
HOLANDA (florim)	68\$75	69\$85
IRLÂNDIA (libra)	208\$50	212\$50
ITALIA (lira)	\$097	\$112
JAPÃO (iene)	\$915	\$970
NORUEGA (coroa)	21\$20	21\$70
REINO UNIDO (libra)	229\$65	234\$15
SUÉCIA (coroa)	22\$20	22\$70
SUIÇA (franco)	93\$45	94\$95
VENEZUELA (bolívar)	4\$40	5\$40

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

CICLO E UNIFICADO SALAS DE ESTUDO — INSCRIÇÕES ABERTAS — EXT. S. GAMA

AV. ALMIRANTE REIS, 106-1.º Esq. — 82 27 76 - 82 35 31 - 52 00 92

DL NO ALGARVE

LOCAIS DE VENDA SAZONAL EM AGOSTO E SETEMBRO

O "Diário de Lisboa" está à venda no Algarve em cerca de 200 postos habituais, que o recebem durante todo o ano.

A relação a seguir indicada refere apenas postos de venda sazonal (entre Junho e Setembro) que devem ser acrescentados aos postos de venda habituais.

- | | |
|-----------------------------|---|
| Praia da Salema | - Quiosque Salema - Junto à Praia |
| Praia da Luz | - Botique Capricho - Rua da Praia |
| Praia da Luz | - Tab. Valverde - Parque de Campismo |
| Lagos | - Parque de Campismo - Estr. de Porto de Mós |
| Alvor | - Apartamentos Torralta - Torre C |
| Alvor | - Tab. El-Rei - Rua Marques de Pombal, 3-A |
| Alvor | - Barroqueiro & Barroqueiro - Rua Dr. António José Almeida, 4 |
| Ferragudo | - Francisco A.R. Ferreira - Parque de Campismo |
| Ferragudo | - Maria Vieira B. Reis - Rua Vasco da Gama, 40 |
| Ferragudo | - Pap. Papiro - Rua da Hortinha, 20 |
| Estômbar | - José Francisco Alcáide - Rua D. Paio Peres Correia, 2 |
| Praia do Carvoeiro | - Artes Artesanato Carvoeiro - Rampa N.º 8, Conceição |
| Praia do Carvoeiro | - Casa Globo - Rua do Barranco |
| Armação de Pêra | - Tab. Parque de Campismo |
| Areias de S. João | - Tab. Oura |
| Areias de S. João | - Galeria Ivette |
| Areias de S. João | - Artesanato Tamariz - Casa 26 |
| Areias de S. João | - Santa Eulália-Supermercado - Estrada de Santa Eulália |
| Praia da Oura | - Helena Maria Fagundes - Edifício Oura r/c F |
| Praia da Oura | - Tab. Pap. Il Laccio - Edifício Oura Praia, Loja 8 |
| Olhos d'Água | - Lilas Shop - Apartamentos Bela Vista, Bloco 1, Letra G |
| Montechoro | - Tab. Pap. Quiosque Alibabá - Av. Francisco Sá Carneiro |
| Montechoro | - Boutique Pepa - Hotel Montechoro |
| Montechoro | - Barateiro de Vila Magna - Centro Com. Vila Magna, Loja 62 |
| Açoteias | - Tab. O Parque - Estrada acesso Aldeia das Açoteias |
| Açoteias | - Tab. Açoteias - Aldeia das Açoteias |
| Quarteira | - Raul Fernando C. Represas - Parque de Campismo Orbitur |
| Quarteira | - Quiosque Ele e Ela - Av. Infante de Sagres |
| Quarteira | - Quiosque Mateus - Av. Infante de Sagres |
| Vila Moura | - Liv. Tab. Beira Mar - Centro Com. Avenida Mar, Loja 5 |
| Vila Moura | - Tab. Triana - Pavilhão das Pirâmides, Loja 1 |
| Vila Moura | - Supermercado Aldeia do Mar - Aldeia do Mar |
| Vila Moura | - Tab. Vilamoura - Lote 1-A, E/5 - Loja 9 |
| Vila Moura | - Centro Comercial Marina, Lojas 28-29 |
| Vila Moura | - Quiosque Posto 2 - Junto Bombas Galp |
| Ilha de Faro | - Quiosque Bertrand - Praia de Faro |
| Pedras Del Rei | - Maria de Fátima F. Raposo - Aldeamento Pedras Del Rei |
| Cabanas de Tavira | - Papelaria Aladino - Rua Mouzinho de Albuquerque, 2 |
| Algarve | - Tab. Netel - Largo do Mercado Municipal |
| Alagoa-Altura | - Quiosque Ana Cristina - Estrada Alagoa |
| Vila Nova Cacela | - Pap. Guta |
| Praia da Manta Rota | - O Bazar |
| Praia Verde | - João Marta Mateus "Quiosque" - Parque de Campismo Praia Verde |
| Pinhal do Ganchão | - Alexandre Maria C.B. Santos - Aldeamento Retur |
| Monte Gordo | - António Fernando B. Oliveira - Parque de Campismo |
| V. Real St.º António | - Quiosque S. Luis II - Av. Ministro Duarte Pacheco |
| V. Real St.º António | - Quiosque Guadiana - Av. da República |

Lisboa, 28 de Julho de 1987

SERVIÇOS COMERCIAIS

AOS
PAIS



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA
"Transporte sempre as crianças no banco de trás"

Conferência da ONU analisa dívida do Terceiro Mundo

Países ricos e pobres de todo o mundo concluíram ontem uma conferência de mais de quatro semanas, em Genebra, acordando numa série de medidas para ajudar as nações do Terceiro Mundo e aliviar o peso da sua dívida externa.

A sessão final da Conferência da Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (UNCTAD) foi também aprovada um moção condenando a gestão económica israelita dos territórios ocupados na margem ocidental do Jordão e faixa de Gaza, o que levou os Estados Unidos a pôr em dúvida o futuro da organização por imiscuir-se, segundo considerou, na esfera estritamente política.

O documento final da sétima conferência da UNCTAD afirma que o serviço da dívida externa no Terceiro Mundo deverá ter em conta a capacidade económica e as receitas em divisas por exportações.

No documento final constata-se a necessidade de adoptar uma «avaliação realista» da situação financeira de cada um dos países devedores.

A UNCTAD incitou os bancos credores a adoptar uma atitude flexível na renegociação da dívida e na concessão de novos créditos.

A organização lançou ainda um apelo à cooperação multilateral e ao apoio às nações que requeiram uma ajuda urgente.

O êxito da conferência ficou assegurado quando o seu presidente, o zimbabueano Bernard Chidzero, apresentou um documento de consenso, obtido após árduas negociações que obrigaram a prolongar a cimeira económica por mais três dias.

Outro dos temas conflituosos foi o do reordenamento do mercado de produtos primários, cujos preços atingiram o nível mais baixo dos últimos 50 anos.

Neste campo a UNCTAD propôs um aperfeiçoamento dos mecanismos de consulta entre países produtores e consumidores.

O fortalecimento do sistema multilateral de comércio e a luta entre o proteccionismo, acrescenta o documento, é uma das chaves para melhorar o acesso dos produtores de produtos primários ao mercado mundial.

Líbano insiste na deportação de alegado assassino de Karami

Uma delegação libanesa chega hoje à Suécia para tentar obter a deportação de um indivíduo detido sob suspeita de assassinio do primeiro-ministro libanês Rashid Karami, segundo anunciou a Embaixada do Líbano em Estocolmo.

A delegação integra dois membros, um civil e um militar, que segundo fontes diplomáticas libanesas devem pedir a deportação do suspeito.

O indivíduo suspeito é um libanês de 25 anos detido sábado num centro de acolhimento a refugiados na Suécia e identificado pelo encarregado de Negócios da Embaixada libanesa como Elie Louis Sleibi.

Sleibi, um soldado do Exército Cristão Libanês em serviço na base aérea de Adma, era procurado no seu país sob acusação de ter colocado uma bomba no helicóptero que Karami usou e que explodiu pouco depois de ter descolado da referida base aérea, no passado dia 1 de Junho, provocando a morte do primeiro-ministro.

A polícia sueca interrogou o detido e um porta-voz revelou já que Sleibi fugiu de Beirute para Chipre, tendo depois seguido para a Suécia onde pediu asilo.

Fontes dos serviços suecos de imigração anunciaram que é improvável a extradição de Sleibi dado que a lei em vigor na Suécia proíbe a extradição de suspeitos para países onde possam ser executados. Sleibi poderá, contudo, ser extraditado para um terceiro país ou ser julgado por um Tribunal sueco com provas fornecidas pelo Líbano.



Civis tamil, viajando num carro com uma bandeira branca, fogem da zona ocupada pelas tropas indianas

Audiências públicas do Irangate chegaram ao fim

REAGAN PREPARA SOBRE A INVESTIG

O presidente norte-americano, Ronald Reagan, responderá com um discurso aos depoimentos das testemunhas presentes nas audiências públicas sobre o escândalo Irão-Contras, que ontem terminaram, embora não vá «entrar em pormenores», afirmou o seu porta-voz, Marlin Fitzwater.

Na alocução, prevista para a próxima semana, Reagan dará a sua «opinião geral» sobre a série de audiências, «a direcção a seguir a partir de agora e a agenda para os meses seguintes» além de pedir apoio para continuar a ajudar os «contras» nicaraguenses, acrescentou o porta-voz. Reagan receberá amanhã, na Casa Branca, os líderes da «resistência nicaraguense», entre os quais Joaquim Chamorro e Adolfo Calero.

«História de fraude»

A série de audiências públicas promovidas por uma comissão do Congresso norte-americano terminou ontem com

depoimentos dos principais legisladores que investigam o pior escândalo da administração Reagan.

«Analisando este processo muito finamente, é uma história de fraude, corrupção, duplicidade e um arrogante não cumprimento da lei», disse o senador democrata Daniel Inouye, em declarações proferidas no final de 12 semanas de audiências no decurso das quais foram ouvidas mais de 30 testemunhas.

«É também a história de uma política defeituosa posta em prática por uma junta secreta da Casa Branca», prosseguiu Inouye, que preside à comissão de investigação do Senado.

Panamá: Herrera retira acusações contra o chefe das Forças Armadas

O coronel Diaz Herrera, que dirigiu uma campanha anti-corrupção no seio do Exército do Panamá, retractou-se das acusações que formulou recentemente contra o homem forte do país, o chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, general Manuel Noriega, disse ontem o seu advogado, Alvin Weeden.

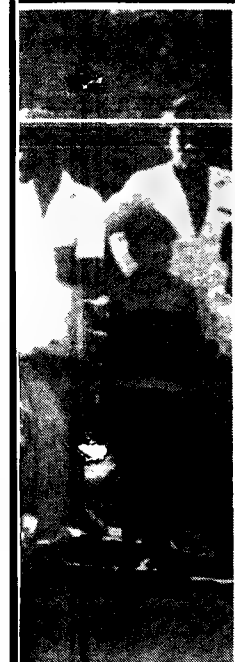
Weeden disse que o seu cliente se tinha retractado numa sessão com um representante do Procurador Geral e sem a sua presença.

Diaz Herrera, cujas acusações de 8 de Junho contra Noriega despoletaram manifestações de protesto contra o governo, foi preso na semana passada, juntamente com mais 45 pessoas.

O governo não especificou quais as acusações que levaram à detenção de Herrera e Weeden disse desconhecer o paradeiro do sue cliente.

Diaz Herrera, que chegou a ser o segundo homem em comando, imediatamente a seguir a Noriega, antes de passar à reserva em Maio, acusou o seu antigo chefe de corrupção, falseamento de resultados eleitorais, envolvimento no acidente aéreo que vitimou em 1981 o então presidente Omar Torrijos, e envolvimento no assassinio em 1985 de Hugo Spadafora, político da oposição.

Na sessão em que se retractou, Herrera afirmou não ter provas concretas a apresentar relacionadas com as acusações por ele dirigidas contra Noriega.



Os automobilistas norte-americanos são cada vez mais violentos, como comprovam os incidentes verificados nas auto-estradas, e nos quais várias pessoas foram mortas a tiro nas últimas semanas. Desde Nova Iorque à Califórnia os incidentes aumentaram, informou segunda-feira o diário «The Wall Street Journal», que dedicou um artigo de primeira página à violência dos condutores e à preocupação das autoridades. Em Los Angeles, a polícia informou ontem que três automobilistas foram alvo de disparos numa auto-estrada do sul da Califórnia. Este tipo de violência é cada vez mais frequente, segundo afirmam as autoridades de trânsito, e as estradas parecem agora cenários de filmes sobre o Oeste.



O presidente de Moçambique, Joaquim Chissano e o líder soviético Mikhail Gorbachev, posam para os fotografos em Moscovo

o fim

RA COMUNICAÇÃO VIGIÇÃO DO ESCÂNDALO

com
u-
mi-
por-

«É a história de como uma grande nação menospreza princípios que contribuíram para que ela se tornasse grande, tornando-se refém de países que fazem reféns», continuou.

O vice-presidente da mesma comissão, o senador Warren Rudman, membro do Partido Republicano, limitou-se a considerar o caso como um abuso de poder, salientando que as audiências mostraram que o presidente sabia da venda de armas ao Irão, mas não autorizou qualquer transferência ilegal de fundos para a Nicarágua.

Daniel Inoye frisaria mais tarde que a tarefa de fazer comparecer perante a justiça todos os que desrespeitaram a lei pertence agora ao acusador público independente Lawrence Walsh, que dirige uma investigação criminal separada do Irangate.

A vez da CIA

As comissões do Congresso que in-

vestigam o escândalo vão hoje reunir-se à porta fechada para ouvir altos funcionários da CIA sobre o papel que desempenharam no escândalo.

Todos os funcionários da CIA que vão ser interrogados tiveram contactos frequentes com o tenente-coronel Oliver North, ex-membro do Conselho de Segurança Nacional que coordenou as operações de venda de armas ao Irão e de desvio de fundos para os «contras» e que se tornou a «estrela» das audiências públicas sobre o caso.

Sabe-se, entretanto, que o preço das investigações poderá atingir entre 3 milhões a 4 milhões de dólares. Esta estimativa não abrange despesas de segurança, utilização de instalações e obras nos locais de audiências.

O testemunho de Weinberger

O secretário norte-americano da Defesa, Caspar Weinberger, foi a última tes-

temunha a ser ouvida em audiência pública.

Weinberger diria que se distanciou da política da Casa Branca quando o presidente Reagan ignorou as suas objecções à venda de armas ao Irão.

O responsável pela Defesa disse que os «interesses globais dos Estados Unidos foram prejudicados» pela decisão do presidente Reagan de vender directamente armas ao Irão.

Weinberger adiantou que o secretário de Estado George Shultz manifestou igualmente a sua discordância quanto ao negócio de armamento com o Irão, mas sublinhou que tanto ele, como Shultz, desconheciam que estes planos tivessem sido postos em prática.

Na sexta-feira, Weinberger referiu que foi obrigado a recorrer a informações confidenciais estrangeiras para ficar a saber os pontos-chave da operação entre os EUA e o Irão.

EUA responsabilizam Irão pelos incidentes de Meca

Os Estados Unidos responsabilizaram ontem o Irão pelos incidentes na cidade santa de Meca, Arábia Saudita, rejeitando como «totalmente sem fundamento» as acusações de Teerã de que Washington estava por detrás das acusações.

Para o porta-voz do Departamento de Estado, Charles Redman, foram os iranianos que provocaram as manifestações de protesto que terminaram em violência e morte na passada sexta-feira. O Irão calcula em mais de 600 os peregrinos iranianos mortos nos distúrbios, enquanto as autoridades sauditas dizem que se registaram 402 mortos, 275 dos quais iranianos.

Redman acrescentou que os

distúrbios de Meca se relacionam directamente com os propósitos iranianos de agitar e mobilizar o seu próprio povo e de escalar a campanha de tensão no Golfo Pérsico.

Na segunda-feira, o líder máximo iraniano ayatollah Khomeini responsabilizou os Estados Unidos pelo massacre de Meca, tendo acrescentado que o Irão responderá aos Estados Unidos «na altura apropriada» pelos crimes cometidos em Meca.

Entretanto, o presidente do Iraque, Saddam Hussein, denunciou os confrontos da passada sexta-feira e defendeu a adopção de medidas drásticas do mundo árabe e muçulmano contra o Irão.

Enquanto isso, em Beirute,

registou-se ontem o terceiro atentado em 24 horas contra interesses sauditas na capital libanesa. O último alvo foi o centro cultural saudita e provocou ferimentos em dez pessoas. Estes ataques surgem depois de facções xiitas pró-iranianas terem ameaçado vingar a morte de peregrinos iranianos em Meca.

Manobras no Golfo
A França avisou, entretanto, o Irão para não alargar até às águas internacionais as manobras militares cujo início está previsto para hoje e que se devem prolongar por três dias.

Por seu lado, a Rádio Teerã alertou ontem todos os navios para se manterem fora das águas territoriais iranianas no Golfo e no mar de

Omã para não perturbar as manobras militares previstas para a zona. A emissora referiu ainda que todos os aviões civis e militares devem evitar sobrevoar a área.

Os Estados Unidos decidiram, por seu lado, enviar para o Golfo Pérsico seis navios draga-minas utilizados na guerra do Vietname, para ajudar a retirar minas das rotas habitualmente seguidas pelas embarcações no Golfo.

Conforme é sabido, diversos navios dos EUA estão actualmente a escortar petroleiros do Kuwait na região. Ontem, o petroleiro «Gas Prince» deixou as águas do Golfo depois de ter passado em segurança o estreito de Ormuz, onde o Irão tem baterias de mísseis.

Praga de gafanhotos ameaça Etiópia

A possibilidade de uma praga de gafanhotos atingir a Etiópia e o Sudão torna-se cada vez mais ameaçadora, afirma um relatório ontem divulgado em Nairobi pela Agência das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO). A FAO considera estar-se perante o perigo de, em meados de Setembro, quando os insectos se desenvolverem, as colheitas do norte e leste da Etiópia, da Somália, e do Quênia se perderem face ao avanço dos gafanhotos.

Polícia holandesa ataca manifestantes curdos

A polícia holandesa munida com bastões abriu ontem caminho para entrar no Consulado da RFA e deter mais de 40 manifestantes curdos que aparentemente protestavam pela forma como o governo de Bona trata esta etnia. Cerca de duas dúzias de agentes de polícia, alguns munidos com bastões, passaram através dos manifestantes, que se tinham bloqueado dentro do consulado, antes de ocorrer a maior confrontação até agora registada entre as autoridades holandesas e os nacionalistas curdos.

Vaga de calor mata na Bulgária

A vaga de calor que assolou o sudeste da Europa no mês passado pode ter provocado mais de 200 mortos na Bulgária, revelaram fontes hospitalares em Sofia. Esta estimativa foi feita com base em casos de morte devido a problemas cardíacos, circulatórios ou respiratórios, numa altura em que as temperaturas atingiam 43 graus centígrados na Bulgária.

"Maré Vermelha" na Guatemala

Funcionários do Ministério guatemalteco da Saúde atribuíram à chamada «maré vermelha» a morte de 24 pessoas e intoxicações em 151 por terem comido ameijoas supostamente contaminadas. A área marítima afectada é de cerca de 50 quilómetros paralelos à costa.

Bona protesta junto de Berlim

O governo de Bona e os aliados ocidentais protestaram contra os disparos efectuados por guardas fronteiriços da RDA contra três jovens que conseguiram saltar o muro que divide a antiga capital alemã.

Encontro Arafat-Gandhi



O primeiro-ministro indiano, Rajiv Gandhi, apelou ontem ao governo israelita para por termo à sua política agressiva e expansionista e exigiu a retirada das zonas que este país ocupou na região árabe. Durante um almoço oferecido em Nova Deli pelo chefe do governo indiano a Yasser Arafat, líder da OLP, Gandhi afirmou que o seu país continua a apoiar o «direito irrenunciável do povo palestino à autodeterminação e a um Estado independente».

Alto da Eira já tem polidesportivo

UM CLARÃO NO VALE ESCURO

Alves Henriques

Mercê do patrocínio (financeiro e logístico) dado pelo Pelouro de Desporto da Câmara Municipal de Lisboa, assistiu-se na passada 6.ª feira à inauguração de mais um recinto desportivo localizado no Vale Escuro (junto à Quinta dos Peixinhos) em terreno cedido pela autarquia lisboeta e que é propriedade do **ALTO DA EIRA ATLÉTICO CLUBE** — colectividade fundada em 12 de Janeiro de 1936 — que, a partir de agora se dispõe a desenvolver as modalidades de andebol, futebol de salão, ténis, basquetebol e voleibol.

Aquela colectividade — que segundo o seu presidente da direcção, Eduardo Felgueiras Nunes — conta com 500 associados com uma quota de 50 escudos, tem reunidas as condições para sensibilizar a juventude da zona do Alto de S. João, Penha de França, Vale Escuro, Quinta dos Peixinhos, Sapadores e outras, para o desenvolvimento da prática desportiva. Pensamos

que outra não será a intenção e os preceitos dos dirigentes que foram eleitos para dirigir a gestão do clube e estamos certos de que outra não será a convicção e o forte desejo que inspira o **dr. Victor Gonçalves** e demais autarcas, quando manifestam junto das colectividades da capital, a receptividade a todo o tipo de apoio e colaboração.

O objectivo primário que, inquestionavelmente, vem sendo padrão erguido pelo **dr. Vítor Gonçalves** e demais autarcas lisboetas e, de forma particular, pelos elementos que lhe garantem a eficiência do pelouro de Desporto com destaque para a competência e dinamismo, do seu assessor, professor Mário Silva (antigo praticante de atletismo e de rãguebi) é sensibilizar as colectividades populares para a necessidade de promoverem a prática desportiva da juventude, e, para isso, se assiste a uma actividade paralela com os clubes vocacionados para esse preceito através de todo o

tipo de colaboração e da entrega de subsídios que permitam o erguer de obras como esta que, a partir de agora, é um autêntico clarão no Vale Escuro.

Na cerimónia esteve presente João Cid Castelo Branco (em representação da DGD e do Governo Civil) e, entre outros, José António Santos (presidente da Junta de Freguesia da Penha de França) cabendo as palavras de agradecimento a José Felgueiras Nunes (presidente da AG do Alto da Eira) e a tónica do objectivo ao **dr. Vítor Gonçalves** que «convidou» toda a juventude a justificar a obra erguida através da sua participação activa na prática desportiva. O vereador lisboeta lançou um repto a todos os pais e mães dos miúdos daquela zona para que, aquele magnífico recinto desportivo, seja um constante palco de alegria e fonte de saúde.

Em suma: um acontecimento que se felicita para que cada vez mais a divisa «mens sana in corpore sano» seja uma constante da nossa população.



O vereador do Pelouro de Desporto da CML, **dr. Victor Gonçalves** procede à inauguração do polidesportivo, do Alto da Eira na presença do seu assessor professor Mário Silva, João Castelo Branco (delegado da DGD) e José António Santos (presidente da Junta de Freguesia da Penha de França)

LOTARIA DAS FÉRIAS GRANDES

TALUDA

100 MIL CONTOS

FÉRIAS GRANDES
100 MIL CONTOS



DA 7 ANDA A RODA

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE PONTA DO SOL

ANÚNCIO

FAZ-SE saber que pela secção de processos deste Tribunal e nos autos de Acção Especial para Declaração de Morte Presumida n.º 126/85 em que são: requerente Agostinha da Silva e requerido **ANTÓNIO TEIXEIRA BALTAZAR**, casado, ausente em parte incerta da Venezuela e com última residência conhecida nesta ilha ao sítio do Lombo, de S. João, Voltinhas, Ponta do Sol, correm éditos de 4 MESES, contados da publicação deste anúncio, publicando a sentença exarada a folhas 20 e 30 dos autos que passo a transcrever.

Agostinha da Silva, doméstica, residente ao sítio do Lombo, de São João, freguesia, concelho e comarca de Ponta do Sol, veio requerer a presente acção com processo especial para declaração de morte presumida do ausente, seu marido, **António Teixeira Baltazar**, com os seguintes fundamentos:

A requerente casou em 19 de Novembro de 1951 com o ausente **António Teixeira Baltazar**, que nasceu a 29 de Fevereiro de 1924.

Do dito casamento, há três filhos: Maria da Glória da Silva Baltazar, Maria Isabel da Silva Baltazar e António José Teixeira Baltazar.

Poucos meses após o nascimento do último filho do casal (Maria Isabel da Silva Baltazar) que ocorreu a 26/2/55, o marido da requerente emigrou para a República da Venezuela, tendo vindo de visita à Madeira três anos depois (no ano de 1958). Neste mesmo ano regressou àquele país, donde nunca mais deu notícias até à presente data.

A requerente e os três filhos do ausente são os únicos herdeiros deste, de quem não se conhece testamento, sendo certos que os bens a ele pertencentes estão na posse daqueles e situam-se na área desta comarca.

Conclui, assim, pedindo se declare a morte presumida do ausente.

Juntou aos autos diversos documentos.

Procedeu-se às legais citações, mas nenhuma contestação foi deduzida.

Igualmente se procedeu à produção de prova testemunhal.

Cumpra decidir.

O Tribunal é competente em razão da nacionalidade, da matéria e da hierarquia.

As partes, dotadas de personalidade e de capacidade judiciárias, são legítimas.

Não há nulidades, excepções ou questões prévias que obstem ao conhecimento do mérito.

Com interesse para a decisão de causa considero provados os seguintes factos:

A requerente casou em 19 de Novembro de 1951 com **António Teixeira Baltazar**, o qual nasceu a 29 de Fevereiro de 1924.

Deste casamento nasceram apenas três filhos: Maria da Glória da Silva Baltazar, Maria Isabel da Silva Baltazar, e António José da Silva Baltazar.

O marido da requerente emigrou para a Venezuela, nunca mais voltando a dar notícias, há cerca de 30 anos.

Aplicando o direito.

De acordo com o disposto no n.º 1 do art.º 114.º do Código Civil, «Decorridos dez anos sobre a data das últimas notícias...podem os interessados a que se refere o art.º 100.º, requerer a declaração de morte presumida».

Decorre desta disposição legal que é pressuposto da declaração de morte presumida, que o ausente não dê notícias há mais de dez anos.

Ora, vem provado que há cerca de trinta anos que o **António Teixeira Baltazar** emigrou para a Venezuela e nunca mais deu notícias.

Sendo assim, está preenchido o pressuposto legal para que se possa declarar a morte presumida do ausente, pelo que a acção deverá proceder, nos termos do referido art.º 114.º, n.º 1 do Cod. Civil.

Pelo exposto, julgo a acção procedente porque provada e, consequentemente, declaro a morte presumida relativamente ao ausente **António Teixeira Baltazar**.

Custas pelo requerente — art.º 449.º, n.º 1 do Cod. Proc. Civil.

Registe e notifique.

Publique a sentença — art.º 1106.º do C.P. Civil.

Oportunamente, cumpra-se o disposto no art.º 1107.º de C.P.C. e no art.º 86.º, n.º 1 al. m) do Cód. do Registo Civil.

Ponta do Sol, 87/6/26

O Juiz de Direito

as) Manuel Joaquim Ferreira da Costa

O Escrivão de Direito, Interino

as) Emanuel Norberto da Silva Bezile

«DL» 4/8/1987

Na sua agenda

Ténis de mesa:
Associação de Lisboa
em assembleia

Para apreciação, discussão e votação de propostas de alteração aos regulamentos (geral e de provas) está marcada para as 20 horas do próximo dia 11

a assembleia geral da Associação de Ténis de Mesa de Lisboa, que terá lugar na Praça da Alegria (sede daquele organismo).

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

4.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da publicação do segundo anúncio, citando os incertos, nos termos do art.º 375.º do C. P. Civil, para no prazo de oito dias, findo o dos éditos, contestarem querendo a acção, na qual é Autor **ISAURA DA GLÓRIA CONDE**.
Acção Habitação de Herdeiros, 2.ª Secção apenas a Acção Especial de Despejo n.º 3770.
Autor **ISAURA DA GLÓRIA CONDE**
Réu **OS INCERTOS — SUCESSORES DE FRANCISCO DE JESUS DA COSTA MOURA e LINO SOARES e Mulher**.

Lisboa, 27-7-987

O Juiz de Direito,
Fernando José Pinto Monteiro
O Escrivão de Direito,
Regina Maria de Sousa Fonseca

«DL» 4/8/87 — 2.ª publicação

Morreu Emídio Pinheiro

Faleceu, ontem, em Lisboa, Emídio Pinheiro que desempenhava, desde Janeiro de 1980, o cargo de presidente da Assembleia Geral do Sporting Clube de Portugal. Era o associado da colectividade «leonina» n.º 822 e pelo equilíbrio, competência e sensatez com que dirigia o mais alto cargo da hierarquia do clube, tornou-se uma figura por todos respeitada e admirada. Emídio Pinheiro estava ligado à indústria hoteleira e construção civil, contava 54 anos de idade e, quando estudante universitário, praticou futebol, esgrima e rãguebi. Foi também um dos fundadores do CDS e deputado à Assembleia da República por aquele partido,



vindo a suspender o mandato devido a problemas de saúde. O corpo de Emídio Pinheiro encontra-se em câmara ardente na igreja S. João de Brito. A família enlutada o «DL» apresenta as mais sentidas condolências.

Inverno lidera "nacional" de ralis

José Inverno Amaral, terceiro classificado do 28.º Rali Vinho da Madeira, passou a liderar o Campeonato Nacional de Ralis, por troca com Manuel Mello Breyner.

António Coutinho, que era o segundo, passou agora para a terceira posição, e o Campeonato ficou escalonado como segue:

1.º Inverno Amaral, 1352 pontos; 2.º Manuel Mello Breyner, 1277; 3.º António Coutinho, 1218; 4.º Manuel Rolo, 937; 5.º Jorge Ortigão, 844; 6.º António Segurado, 840; 7.º Pedro Sena, 747; 8.º Joaquim Santos, 746; 9.º José Moreno, 656; 10.º Bento Amaral, 618.

Steve Overt está em Roma

Steve Overt e Allan Wells, dois antigos campeões olímpicos, foram convocados para a selecção britânica de atletismo que participa no Mundial, em Roma, no fim do mês.

Overt, antigo campeão olímpico que sofreu várias lesões esta temporada, foi convocado para os 5000 metros, uma distância para a qual ele está a treinar desde o ano passado e Wells (antigo campeão olímpico na velocidade) foi escolhido para os 100 e 200 metros.

Os dirigentes britânicos afirmaram que a convocação de Overt representa um acto de fé após a desistência nos 1500 metros nos campeonatos britânicos.

A Inglaterra estará representada no Mundial em Roma por 46 atletas masculinos e 28 femininos.

Travessia de Gibraltar aos 77 anos

Daniel Carpio, um argentino de 77 anos, vai realizar uma travessia do estreito de Gibraltar a nado, nos próximos dias.

O nadador argentino, que fez parte da selecção do seu país aos Jogos Olímpicos de 1928, em Amsterdão, pretende realizar a travessia da costa espanhola para o litoral de Marrocos, encontrando-se já em Algeiras, onde efectua treinos.

Carpio já atravessou o estreito de Gibraltar a nado por duas vezes: a primeira em 1948, aos 38 anos, gastando 9,20 horas, e a segunda em 1977, na qual, curiosamente, gastou apenas 7,50 horas.

O veterano nadador também já atravessou três vezes o rio da Prata, entre a Argentina e o Uruguai, e duas vezes o canal da Mancha.

"Mundial-90": cabeças de série

O presidente da FIFA, João Havelange, afirmou em Montevideu que o Uruguai, Brasil e Paraguai serão os cabeças de série para as próximas eliminatórias do Mundial de Futebol de 1990, em Itália.

Havelange, presidente da FIFA desde 1974, encontra-se de visita ao Uruguai e hoje será recebido pelo presidente Júlio Maria Sanguinetti.

Microscópio

Motociclistas em concentração

A Federação Portuguesa de Motociclismo vai levar a efeito, nos próximos dias 21, 22 e 23

a primeira concentração turística internacional de motociclistas em Monte Real (Leiria) durante o qual haverá manifestações de acrobacia aérea, jogos

tradicionais, folclore regional e outros divertimentos.

Associação de Patinagem de Setúbal

No passado mês de Junho foi criada a Associação de Patinagem de Setúbal que, de acordo com os estatutos, tem por finalidade: desenvolver e fomentar a modalidade no distrito sadino.

Esta noite, na Luz, frente ao V. Setúbal

BENFICA (DE SKOVDAHL) FAZ APRESENTAÇÃO

Depois da sua deslocação à Suíça, onde realizou três encontros frente ao Grasshopper, Grémio de Porto Alegre e Young Boys e de onde regressou com o sabor de um triunfo, a «indiferença» de um «nulo» e o amargo de uma derrota, a turma benfiquista apresenta-se, esta noite (21 horas), no Estádio da Luz, perante os seus prosélitos defrontando o Vitória de Setúbal.

Naturalmente que o palco do SLB irá registar uma boa plateia já que os adeptos rubros quererão «testar» as capacidades dos novos recrutas, particularmente os brasileiros Elzo e Mozer e ainda os algarvios Augusto e Pacheco e, obviamente, que depois dos inéxitos quanto a Jorge Plácido que rumou para as Antas, Chiquinho que preferiu os ares do Restelo e Cascavel que optou por Alvalade, os benfiquistas (dirigentes, técnicos e associados) quererão tomar o pulso ao plantel

os «amistosos» que servem para reforço do erário.

Entretanto, depois de amanhã será aabalada para a Corunha onde o Benfica participará no troféu «Teresa Herrera» juntamente com o Desportivo local, Sporting Gijon e Everton (seu adversário de sábado).

Para o encontro de hoje Ebbe Skovdahl convocou os seguintes jogadores: Bento, Silvino, Veloso, Carlos Pereira, Mozer, Edmundo, Dito, Samuel, Álvaro, Elzo, Hajry, Vando, Chiquinho, Rui Águas, Carlos Manuel, Diamantino, Nunes, Fonseca e Tueba.

Sporting: rumo a Sevilha

Partiu esta manhã, para Sevilha, a turma futebolística do Sporting que naquela cidade andaluza defrontará pelas 20 horas e 30 de amanhã o Real Bé-



Com Toni à distância, Ebbe Skovdahl transmite conceitos aos seus novos comandados para o jogo desta noite



Amarildo dá o primeiro autógrafo em terra lusa

no sentido de avaliarem se ele será o bastante para as grandes maratonas que se avizinham com o longo campeonato, Taça de Portugal, Taça dos Campeões e

tis.

Integram a comitiva do Sporting o dr. Dias Ferreira (vice-presidente), Oliveira Duarte (chefe do departamento de futebol), Keith Burkinshaw e Fernando Mendes (técnicos), dr. Fernando Ferreira (médico), Leonel Pires (massagista), Manuel Fernandes (roupeiro), além dos seguintes dezoito atletas:

Damas, Rui Correia, João Luís, Duílio, Venâncio, Vítor Santos, Morato, Virgílio, Cadete, Oceano, Mário, Silvino, Litos, Carlos Xavier, Mário Jorge, Marlon, Peter Houtman e Tony Sealy.

O regresso está previsto para quinta-feira, logo após o pequeno almoço.

Cascavel «zangado» com Gaspar Ramos

Após o acto da assinatura do contrato com o Sporting, o futebolista Paulinho Cascavel voltou a referir-se a afirmações recentes do dirigente benfiquista Gaspar Ramos afirmando que aquela atitude foi «um acto de agressão». Cascavel reportava-se ao facto de o chefe do Departamento de Futebol do SLB haver afirmado que o Sporting teria cometido uma loucura.

Para o FC Porto: Amarildo já aí está

O brasileiro Amarildo, novo reforço do FC Porto, afirmou à



Cascavel e Amado de Freitas rubricam «casamento»

chegada ao Aeroporto de Pedras Rubras que «vai lutar para ser titular da equipa dos campeões europeus».

«A minha vontade é imensa e por isso estou confiante que vou triunfar em Portugal, embora reconheça ser muito difícil» — acrescentou Amarildo (24 anos e 1,86 metros de altura) que alinhava no Palmeiras de S. Paulo, no lugar de defesa-central.

Braga já tem búlgaros

Com destino ao Sporting de Braga chegaram os dois futebolistas búlgaros Velinov e Kostadinov.

Torneio Costa Azul

O presidente da assembleia geral do Vitória de Setúbal, Mata de Cáceres, afirmou que «a Associação de Futebol de Setúbal encabeçou uma luta muito digna e por isso estamos de parabéns». Segundo Mata de Cáceres,

que exerce também as funções de presidente do município sadino, «a cidade de Setúbal e o distrito ganharam projecção. A Associação de Futebol de Setúbal bateu-se por uma gestão correcta da Federação Portuguesa de Futebol e vai ganhar a aposta».

O autarca setubalense falava na sede da região de Turismo de Setúbal — Costa Azul, na apresentação à Comunicação Social do I Torneio Costa Azul, de futebol, organizado pelo Vitória de Setúbal com o patrocínio daquele órgão turístico regional.

No I Torneio da Costa Azul, que se realiza no Estádio do Bonfim, em Setúbal, de 7 a 9 do corrente, participam o Vitória de Setúbal, Portimonense, Barreirense e Espinho.

Por sua vez, o presidente da Associação de Futebol de Setúbal, Luís Filipe Gomes, salientou que «o futebol português está a atravessar uma fase muito cinzenta da sua história».



EMÍDIO FERRÃO DA COSTA PINHEIRO FALECEU

A DIRECÇÃO DO SPORTING CLUB DE PORTUGAL participa a todos os desportistas em geral e aos Sportinguistas em particular, o falecimento ontem ocorrido do seu presidente da Assembleia Geral, sr. Emídio Pinheiro.

Figura ímpar de desportista e cidadão emprestou ao Sporting e ao País o melhor do seu esforço, dedicação e inteligência.

Nesta hora de luto e de dor lembramos o muito que lhe ficamos a dever.

A Direcção do Sporting Club de Portugal

— AGÊNCIA MAGNO — Telef. 534167 —



SANTOS DA CASA FIZERAM MILAGRE

Neves de Sousa
nosso enviado especial

Acabou-se o bonito sonho de um francês, vai ficando mais escasso o pelotão, algarvios fazem festa na sua terra, favoritos graúdos cedem lugar a quem se coloca em bicos de pés. No meio de tudo isto, entre alegrias e champanhe, flores e risos, também notas de tristeza e dor. O quotidiano espelhado numa simples e pura competição desportiva.

Era esperado e tínhamos adiantado: a morte do pai roubou o taviense João Palma ao pelotão. O moço, tolhido pelas lágrimas, já não alinhava à partida para Foia. E contam-lhe como foi: mestre Palma queria ir ver o filho, esperava abraçá-lo em Grândola e disso fazia questão. Foi ter com uns amigos, bebeu uns copitos com eles, desafiou-os para a viagem, teve também uma «nega» de condutor de táxi, meteu carro a caminho e ficou-se por ali, apenas seis quilómetros adiante da sua casa, o risco branco na «Vila Morena» transposto pelo João sem ver a seu lado qualquer familiar. Apenas um desgosto.

Depois, foi a corrida; inclemente, soletrada entre sangue e muito suor. Com a chegada a Foia, outra nota, triste: Em Odemira, uma hora antes, fale-

cera, o progenitor de José Poeira (Sicasal/Torreense). O ciclista e o técnico (Leonel Miranda) estiveram longo tempo abraçados. Não acredito que haja corredor

para o dia de hoje. Um que (posso garantir) já disse adeus foi o taviense César Fernandes: mesmo quando a meta cheirava a terra base do seu patrão, apagou o maçarico e travou.

Mas, como foi a etapa? — perguntará o leitor meu companheiro nesta aventura. Síntese de modo simples: bonita, escorrida, alegre e com um final à medida de quanto se passara na longa fita negra marcada, aqui e além, por tímido sinal verde. Logo à abalada, tentativas de arranque solitário: Ferraro (Feirense/Ruquita), Paulo Ferreira (Sporting/Vitalis), Fernando Fernandes (Sicasal/Torreense), Constâncio Reis (Louletano/Vale de Lobo). Mais adiante, outras hipóteses: José Oliveira (Garcia Joalheiro) e Raul Matias (Esmaltina/Tavira).

Raul Terebentino (Olhanense/Vila Mirage) cola-se bruscamente a Matias enquanto José Fernandes (o mano mais novo de Venceslau, que defende a Ajac-to/Morphy Richard) também dispara do grosso das hostes. Ao fim e ao cabo, estava-se ao quilómetro 28, tínhamos pela cara um quarteto de fugitivos: Oliveira, Gaspar, Matias e Terebentino. Com muitas flutuações na retaguarda, aquilo foi andando até que o esgrimista taviense se estatelou ao comprido mesmo a meia dúzia de metros de dois carros em fúria, um cá da nossa casa.

Acontece que (palavra de honra) estávamos a adivinhar: o rapaz fora até ao carro de apoio trocar de bidão, pegar água fresquinha. Andou um pouco a cingir sobre a bicicleta, aí que é

Pequena história

Os quatro cavaleiros do apocalipse (Matias, Oliveira, Terebentino e Gaspar) parece que voavam pela estrada, não fora o súbito desfalecimento do Salgueirista, compensado (quase milagrosamente) por um reforço de água bem fresca que operou o milagre da recomposição. O moço estava virado do avesso, já mal dava uma para a caixa: o

— Juro. Logo à partida aconteceram aquelas fugas, a todas eu estava de olho aberto. Em seguida, aconteceu a boa: o pelotão (a gente maior) não deve ter acreditado, não fez reacção. Toca a andar: Para aqui, só o Gaspar não colaborou.

Vá lá ser prior nesta freguesia. Para um, Gaspar foi «bestial». Para outro, ele foi (desculpem) quase uma «besta». Afinal, não





MARTANO
Com o exclusivo Stand Jasma
Cova da Piedade — 2800 ALMADA Telefone: 229 37 80

presidente do júri (o responsável-mor federativo: Henrique Castro) bem estava a olhar, mas foi melhor assim, multa oficial de dois contos ao director desportivo da equipa de Paranhos, mas, save-se o homem e a honra do convento: Gaspar Gonçalves recuperou energias e sempre conseguiu atingir o alto da Foia em posição de quase honra maior.

Pois: fez-se inteira justiça com o sucesso de Raul Matias, outra coisa não se poderia esperar dos deuses tutelares destas palpitantes desportivas. Raul Matias, já no topo da ladeira que conduz à RTP-Foia, ainda comentaria:

«Tive um furo na máquina: é normal, a gente acostuma-se a tratar disso logo. O galo foi a queda: vou ser suturado daqui a pouco, mas graças à minha força de vontade, cheguei em primeiro. A queda foi derivada de eu me querer desviar de um colega que vinha na minha roda» — conta essa outro, oh trique-trique, que eu bem vi».

Raul Matias continua: — Desde que saímos de Grândola que fui sempre eu mais o Gaspar Gonçalves a puxarmos pelos outros dois. O Oliveira só na parte final é que foi para a frente com a ideia de nos «limpar»...

José Oliveira explica-se: — Qual quê. Desde a primeira montanha que vim sem-

será assim, entre o esmigalhar de dois dedos, que o mundo avalia cada m de nós?

Confidencia, conversa

Raul Terebentino está no pódio, despeja espuma sobre umas dezenas que estão perto do estrado, que absorvem com olhar concupiscente e libidinoso as espáduas destapadas das duas episódicas funcionárias da firma espanhola que quer beliscar Sangalhos e imediações. O rapaz, já de amarelo, vira-se para nós:

— Dei o máximo: sabia que ia ser o comandante, aqui no Algarve. Estou muito feliz, mas com bastante receio do contra-relógio em Loulé, que é muito duro e, para mim, é uma dificuldade de muito respeito. Mas, vou dar tudo por tudo.

Arruma-se a casa, desbloqueia-se o caminho, começa a desfilada à procura de banho, de quarto, de comida. Mais tarde, ao cair do sol, é o reencontro com a «Volta»: que nos diz o comunicado oficial emanado do júri da prova.

Lá está: penalizações de trinta segundos alguns que foram detectados recebendo água fora da zona autorizada e na subida para o «prémio da montanha»: casos de Alexandre Rua (Boavista/Sportlis), Jean Jacques Philip e Bernard Richard (Fagor). António Pinto (Garcia Joalheiro) e Alberto Carvalho (Salgueiros/Malhas Comax), três minutos de «talhada» áspere sobre o francês Bernard Richard por «impulso repetido para o prémio da montanha» e mais cinco contos a menos no erário do seu director desportivo por ter dado «meio fundo ao seu atleta».

Contudo, houve prémios que talvez não se contassem: pelo «azar» batendo à porta de Luís Janeiro (Esmaltina/Tavira e de «combatividade» a José Oliveira (Garcia Joalheiro). Dois bónus que (francamente) não sabemos por que lei são regidos mas a que não desejamos complicar a vidi-

Continua na pag. 17





MARTANO
Com o exclusivo Stand Jasma
Cova da Piedade — 2800 ALMADA Telefone: 229 37 80

agora que ele se estampa, lá passou, não foi ainda, aí está ele, toca a desviar rapidamente «abrandando, ó Santos». No meio da fita asfaltada, Raul Matias deu a sensação de ser um cristo terreno. Caiu de charola, paiol das migas virado para os deuses, esgar de dor, Sangue a escorrer da cabeça. Aparece logo o mecânico do Esmaltina/Tavira, ajuda-o a montar, Matias parece que não resiste mas, impressionante de força e determinação, coragem e valor sem pedir meças a quem quer que seja, aí vai ele, como se nada tivesse acontecido. O dr. Manuel Barreiros de Magalhães vê a ferida na cabeça do atleta, faz a desinfecção, prepara um penso. Raul Matias segue, impávido, determinado, e exemplo à grande: a sorte esteve a seu lado, porque iria triunfar na etapa. Mas, não apenas a deusa da fortuna: também o reconhecimento, não se sabe de que auréola, de que só ele poderia ser o primeiro premiado na grande lotaria da chegada a Foia.





MARTANO
Com o exclusivo Stand Jasma
Cova da Piedade — 2800 ALMADA Telefone: 229 37 80

Expliquemos: Lotaria porque é importante pensar em termos de ambição e quem joga com sócios fica a meio caminho. Deis, porque é necessário estar psicologicamente preparado para morar nos pólos opostos e só depois viajar para estas andanças voltistas. Raul Matias explicava o que o moveu:

— Quero dedicar esta vitória a «São» de Castelo Branco, minha namorada desde há três anos, de quando frequentávamos o liceu. Espero muito brevemente casar com ela e, se puder, ainda ganhar outra etapa para lhe dedicar.

pre na frente, «a rebocá-los». Afinal, nos últimos 500 metros lixaram-me...

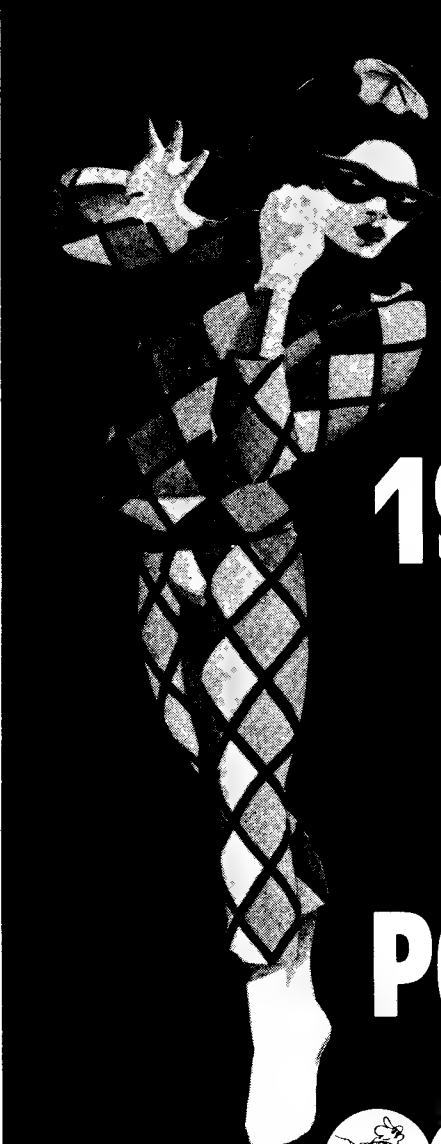
O feliz, o que não cabia numa casa de botão, era Raul Terebentino:

— «É o dia mais feliz da minha vida».

— Pavavra de honra? Abre-se como um girassol:

Electro Ouro

Para assegurar o indispensável contacto com a «rádio da volta», a nossa equipa de reportagem conta com um excelente rádio, cedido por gentileza da ELECTRO OURO, que permite a chegada à nossa viatura de todas as informações relativas ao que se passa na caravana.



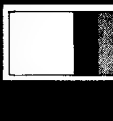
1947/1987

40 anos a pintar PORTUGAL



1947 TINTAS DYRUP 1987

Dyrupe você também!



TINTAS DYRUP

Continuação da pág. 16

nha. Venham muitos, que os ciclistas bem merecem.

Já agora, mais um lapso remendado pela equipa de juizes e cronometristas está ali, escarrapachado na primeira página do comunicado. Chamam-lhe «rectificação» e diz assim: «Por lapso, foi penalizado na etapa Sintra - Grândola o corredor n.º 14, da Fagor, Bernard quando, afinal, o atleta a ser punido é o n.º 15 (Gaxento Oinaederra).» Pronto: ficamos neste pé.

Análise em voo de pássaro

O controlo «antidoping»

estreia-se: tudo «limpo» na tirada para a Marinha Grande. Todavia, na tabela de chegada a Fóia, muita gente desanimada, não digamos ainda que derrotada. Por exemplo: Luís Vargues, a dupla sportinguista Adelino Teixeira - Paulo Ferreira (veterania e juventude numa charneira de deficiente entendimento crítico). António Fernandes, Benjamim Carvalho, Joaquim Fernandes, Carlos Santos. Digamos mesmo:

também o boavisteiro Alexandre Rua, como Américo Silva, Al-

fredo Gouveia, Benedito Ferreira e José Xavier. Uma tarefa tremenda em turmas favoritas e, muito especialmente, safanão vigoroso nas pretensões de quem sonha com voos muito altos (Joaquim Fernandes, Rua) mais um quarteto sportinguista de respeito (Américo Silva, José Xavier, Jacinto Paulinho e Serafim Vieira). Acredite-se, em contrapartida, que muita água vai ainda correr sob as pontes: e só quando se arrumar a louça saberemos quantos convivas estiveram à mesa do rei.

Última hora

Serafim Vieira (Sporting) foi primeiro em Loulé

A etapa desta manhã disputou-se entre Monchique e Loulé, na distância de 112 quilómetros com os ciclistas a passarem por Odelouca, Falache, Silves, Algoz, Salir e Porto Nobre. Partiram 99 concorrentes (12 já ficaram pelo caminho) e bem cedo se verificou a disposição de agitar o pelotão, com diversas tentativas

de escapadela e por esse facto houve forte pedalada pelas estradas algarvias.

Todas as tentativas foram sendo anuladas até mesmo a levada a efeito por Orlando Neves (Feirense) a 5 quilómetros da pista «Bexiga Peres», sendo «engolido» pelo pelotão e o triunfo disputado ao «sprint» coube ao

sportinguista Serafim Vieira (campeão nacional de estrada) seguido de Paulo Pinto, da Ajaceto.

De assinalar uma aparatosa queda dos ciclistas Cayn Theakston, Manuel Abreu e Joaquim Salgado à entrada da pista, tendo o britânico ficado muito mal tratado.



MARTANO

Com o exclusivo Stand + Jasma
Cova da Piedade - 2800 ALMADA - Telefone: 229 37 80

Classificações

5.ª Etapa

Grândola-Fóia 146 km

	H	M	S
1.º Raul Matias (Esmaltina/Tavira)	4	25	24
2.º José Oliveira (Garcia Joalheiro)	4	25	33
3.º Raul Terebentino (Oihanense/Vila Mirage)	4	25	45
4.º Gaspar Gonçalves (Salgueiros/Comax)	4	25	48
5.º Joaquim Carvalho (Feirense/Ruquita)	4	30	15

Geral individual

1.º Raul Terebentino (Oihanense/Vila Mirage)	18	59	44
2.º Joaquim Carvalho (Feirense/Ruquita)	a	04	27
3.º Manuel Cunha (Sicasal/Torreense)	a	04	40
4.º Paulo Pinto (Ajaceto/Morphy Richards)	a	04	49
5.º Marco Chagas (Sporting/Vitalis)	a	04	50
6.º Cayn Theakston (Loul/Vale do Lobo)	a	04	54
7.º Fernando Fernandes (Sicasal/Torreense)	a	04	57
8.º Fernando Carvalho (Loul/Vale do Lobo)	a	04	58
9.º Carlos Marta (Sangalhos/Recor)	a	05	00
10.º António Pinto (Sicasal/Torreense)	a	05	02
11.º Eduardo Correia (Sangalhos/Recor)	a	05	04
12.º Orlando Neves (Feirense/Ruquita)	a	05	05
13.º António Alves (Boavista/Sportis)	a	05	05
14.º Carlos Moreira (Sangalhos/Recor)	a	05	06
15.º Joaquim Gomes (Sporting/Vitalis)	a	05	06
99.º José Pereira (S.L. Marinha/Terminorma)	a	1	50

Geral por equipas

1.º Garcia Joalheiro	57	09	58
2.º Oihanense/Vila Mirage	a	1	20
3.º Sicasal/Torreense	a	3	56
4.º Feirense/Ruquita	a	3	59
5.º Sporting/Vitalis	a	4	02
6.º Louletano/Vale do Lobo	a	4	08
7.º Sangalhos/Recor	a	4	23
8.º Boavista/Sportis	a	4	30
9.º Ajaceto/Morphy Richards	a	4	53
10.º Fagor	a	14	11
11.º Esmaltina/Tavira	a	28	49
12.º Salgueiros/Malhas Comax	a	32	02
13.º S.L. Marinha/Terminorma	a	1	07

Geral por pontos

1.º Jorge Evangelista (Oihanense/Vila Mirage)	16
2.º Paulo Pinto (Ajaceto/Morphy Richards)	13
3.º Luís Janeiro (Esmaltina/Tavira)	13

Geral do Prémio da Montanha

1.º José Oliveira (Garcia Joalheiro)	20
2.º Raul Matias (Esmaltina/Tavira)	20
3.º Raul Terebentino (Oihanense/Vila Mirage)	16

Geral das metas volantes

1.º Luís Janeiro (Esmaltina/Tavira)	10
2.º Luís Cruz (Sangalhos/Recor)	10
3.º Jorge Evangelista (Oihanense/Vila Mirage)	6

Hoje: contra-relógio

Após a tirada desta manhã entre Monchique e Loulé, os ciclistas entraram numa fase de repouso para prosseguirem a caminhada, quando, pelas 15 horas e 30, for dada a partida do primeiro corredor para a disputa do contra-relógio individual na distância de 36 quilómetros.

Amanhã: Loulé - Estremoz

Amanhã, teremos a longa tirada entre Loulé e Estremoz em que os «sobreviventes» da Volta terão que percorrer 255 quilómetros. A partida será dada às 10 horas e a chegada a Estremoz está prevista para as 17.05 sendo o horário de passagem: Barranco Velho (10,30), Caldeirão (10,50), Besteiros (10,58), Almodôvar (11,46) Castro Verde (12,20), Beja (12,32), Vidigueira (14,14), S. Manços (15,13), Évora (15,48) e Évora Monte (16,36).

EMP

	T. 6 h	Min.	Max.	As 13 h
Bragança	21	20	0,0	P. nub.
V. Castelo	17	17	0,0	Nebulosa
Vila Real	20	20	0,0	Limpo
Porto	17	18	0,0	Nebulosa
Coimbra	20	20	0,0	Nebulosa
C. Carvoeiro	18	18	0,0	Limpo
C. Branco	20	20	0,0	Bruma
Portalegre	24	21	0,0	Bruma
Lisboa	21	21	0,0	Nebulosa
Évora	22	21	0,0	P. nub.
Beja	20	20	0,0	Limpo
Faro	22	21	0,0	Eacob.
Sagres	21	20	0,0	Eacob.
P. Delgada	20	20	0,0	M. nub.
Funchal	20	20	0,0	P. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 32, Porto 30, Faro 30, Ponta Delgada 25, Funchal 26.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NE

	T. 7 h	Min.	As 13 h.
Madrid	18	17	Limpo
Londres	11	10	Pouco nub.
Paris	13	12	Muito nub.
Bruxelas	12	10	Nebulosa
Amsterdão ...	13	10	Pouco nub.
Ginebra	19	14	Muito nub.
Roma	22	19	Nebulosa
Oslo	14	13	Chuva
Copenhaga	13	9	Pouco nub.
Estocolmo	12	10	Nebulosa
Berlim	12	11	Muito nub.
Viena	17	16	Muito nub.
Varsóvia	15	10	Muito nub.
Atenas	26	20	Limpo
Moscovo	18	16	Muito nub.

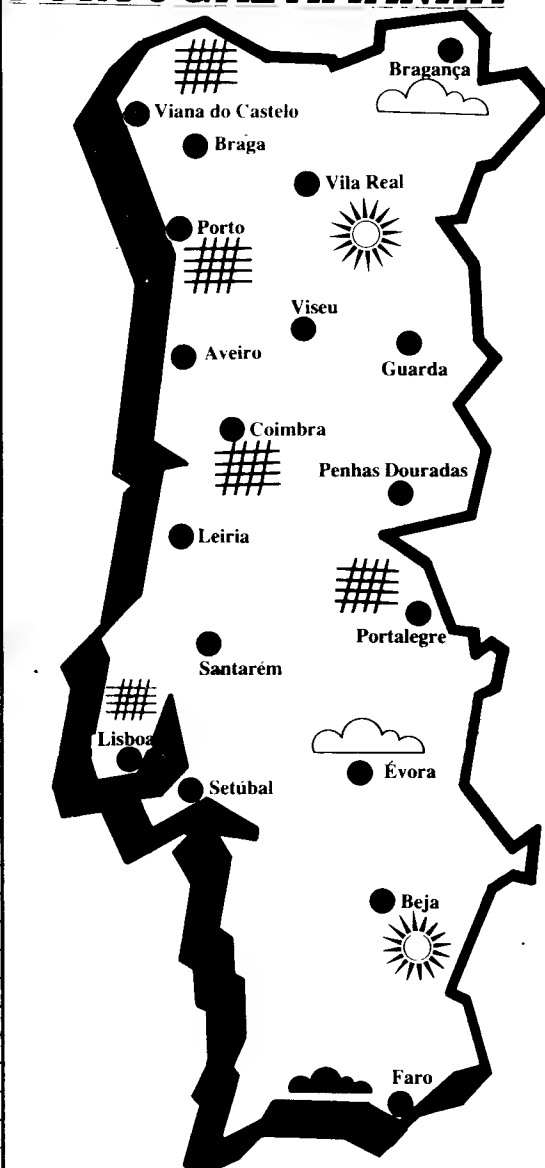
Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NM

	Min.	Max.	As 13 h
Caracas	19	23	Nublado
Joanesburgo	9	21	Limpo
Los Angeles	19	33	Limpo
Montreal	12	27	Nublado
Nova Deli	33	40	Limpo
Nova Iorque	21	25	Limpo
R. de Janeiro	11	25	Limpo
S. Francisco	13	24	Limpo
São Paulo	10	20	Nublado
Tóquio	21	26	Nublado

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

PORTUGAL AMANHÃ



EUROPA ÀS 6 HORAS



• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

• Informação da agência Lusa

Continua a polémica à volta da exposição de Stuart

ANTÓNIO VALDEMAR REPLICA AO DIRECTOR DO CAM

A polémica à volta da exposição comemorativa do centenário do nascimento de Stuart Carvahais conhece hoje novo desenvolvimento, a partir da réplica do crítico António Valdemar ao director do Centro de Arte Moderna da Gulbenkian, arquitecto Sommer Ribeiro. O jornalista e crítico de arte António Valdemar afirmou ao «DL» que esta deverá ser a última intervenção em todo o processo, salientando o apreço que tem pelo presidente da Fundação Calouste Gulbenkian e pela responsável pelo ACARTE, Madalena Perdigão.

Eis a carta que nos fez chegar, na qual responde a Sommer Ribeiro e presta os esclarecimentos por ele considerados cruciais:

«Não tinha qualquer objectivo de vir a público explicar as razões por que me demarqueei da retrospectiva de Stuart Carvahais, na Gulbenkian, se não houvesse sido decidido integrar, logo no início, da ficha técnica do catálogo: «exposição realizada pelo CAM com a colaboração de António Valdemar até 10 de Julho de 1987».

Até ao momento não accionei outros mecanismos que estas e outras circunstâncias requerem, se não fosse a alta consideração que me merece a personalidade e a obra de Azeredo Perdigão e, também, o apoio moral e técnico que já recebi da directora do ACARTE, Madalena Perdigão.

A alusão feita, na ficha técnica, (e numa hierarquia de prioridades que não pode deixar dúvidas acerca das funções que me foram atribuídas desde Novembro de 1986) obrigou-me, por conseguinte, a responder aos órgãos de Comunicação Social, que entenderam tratar o assunto, indagando quais os motivos subjacentes à atitude que assumi.

A carta agora enviada pelo arq. Sommer Ribeiro, (director do CAM, evocando a antipática exigência do cumprimento da Lei de Imprensa constitui — hoje — um insulto a qualquer jornal consciente da sua missão e responsabilidades, entre as quais avulta o direito de resposta.

A deplorável situação criada com o director do CAM «e só em consequência do que ocorreu com o auxiliar que me foi proposto, através da Gulbenkian» determinou que viesse a público, mas sem nenhum propósito de atingir a instituição e o seu presidente que, também, é o administrador do pelouro das artes plásticas. Estou certo de que tudo se passou à sua revelia, pois ninguém melhor do que ele sabe as implicações decorrentes de muitos procedimentos adoptados. Por seu turno Azeredo Perdigão, na presença de várias testemunhas, no final da «mesa-redonda» promovida pelo ACARTE, no âmbito da exposição, dirigiu-me palavras de elevado apreço, que bastante me sensibilizaram e me compensam da insólita conduta do director do CAM.

Quanto aos pontos essenciais da epístola do arq. Sommer Ribeiro destacam-se os seguintes, que se impõe esclarecer, para que não subsistam quaisquer ambiguidades e se conheça a lisura de processos por que sempre me norteiei:

1 — alegação de que houve da minha parte demoras nos preparativos da retrospectiva e sua concretização.

Não corresponde à verdade, na medida em que — e o arq. Sommer Ribeiro não o consegue esconder — desde Novembro de 86 mostrei todo o empenho em avançar com o projecto. De Novembro a Janeiro e acerca deste período já evita pronunciar-se, encetei inúmeras diligências (sempre malogradas) para me avistar com ele. E entre Janeiro e Março, ou a Abril — como veio agora declarar — entregou-se a outras ocupações. Decidi, portanto, escrever-lhe, em 16 de Abril, salientando a urgência do início dos trabalhos e a necessidade de responder à directora do ACARTE que, desde 26 de Janeiro, aguardava, conforme carta que me enviou, que eu lhe fornecesse elementos, a fim de projectar acções no departamento em que superintende. Só em Maio, sem que me chegasse qualquer telegrama, cuja expedição só agora refere, estabeleci novos contactos telefónicos com a secretária do director do CAM, a fim de saber qual o ponto da situação. E foi a partir daí que se arrancou com o que já poderia ter começado há muitos meses!

Como se verifica não posso ser culpado de ter deixado tudo para a última hora. Tomei, atempadamente, todas as providências para evitar indesejáveis atrasos. Compareci aos encontros que se efectuaram de manhã, de tarde, de noite, até de madrugada. E, ainda, em sábados e domingos, sempre que foi solicitada a minha presença. Qualquer outra versão significa faltar à verdade.

2 — auxiliar indigitado pelo CAM, a fim de me prestar colaboração, (na recolha de materiais) e na sequência do convite, dirigido em Novembro, no reconhecimento de uma competência na matéria e que, apesar das vicissitudes posteriores, não deixa de ser posto em destaque na abertura da ficha técnica do catálogo.

após a minha anuência e mau grado tratar-se de indivíduo, totalmente desconhecido, sem nenhum «curriculum» e que aceitei, por vir recomendado por um serviço da Gulbenkian (que presumi bem informado), esse auxiliar tomou atitudes de arrogância e insensatez e ausência de conhecimentos rudimentares para a tarefa indicada. Daí resultar, obviamente, uma natural reacção da minha parte, que me levou a pô-lo no devido lugar, tanto mais que ousou pronun-



António Valdemar e Sommer Ribeiro: uma polémica à volta da exposição de Stuart

ciar-se em termos grosseiros, conforme assistiu o arq. Sommer Ribeiro. Isto repetiu-se noutras reuniões, sobretudo quando o director do CAM me cedeu fotocópia de uma cronologia bibliográfica coligada (e bastante mal) por esse indivíduo. Constatei, de imediato — também o confirma Sommer Ribeiro, na sua epístola — que se encontrava repleta de inexactidões factuais.

Alguns exemplos sintomáticos: aludir a colaboração de Stuart, entre 1940 e 1949, ao «conceber inúmeras capas para a colecção *Novela Policial* cujo director é Reinaldo Ferreira, *Repórter X*». Como seria isso possível se Reinaldo Ferreira faleceu em Outubro de 1935; localizar, no período de 1950.

1961, uma entrevista de Stuart no jornal «A Capital». Todos sabemos que este vespertino só reapareceu bastante mais tarde. Todavia, ao deparar com uma entrevista de Stuart concedida, em Fevereiro de 1951, ao «correspondente especial na Capital» do jornal português «O Primeiro de Janeiro», fez a peregrina dedução de que se tratava do vespertino que, afinal, só retomou a publicação a 21 de Fevereiro de 1968; apontar, em 1892, *governo Oliveira Martins*, quando nesse ano não foi membro de qualquer elenco, mas só em 1893, titular da pasta da Fazenda, no gabinete chefiado por José Dias Ferreira. Não obstante a rectificação que propuz, apresentando como fontes, estudos de Joel Serrão e Marques Guedes — e o director do CAM aceitou na oportunidade — o catálogo traz a data errada. Situar, em 1906 a ditadura de João Franco, quando esta surgiu um ano depois de ter sido primeiro-ministro.

Não obstante os esforços feitos para emendar o dislate, o catálogo regista, 1906 — «o ditador João Franco é convidado a formar governo». Esta e outras soluções adoptadas bastam para provar como ficou a cronologia, numa edição da Gulbenkian.

Perante circunstâncias desta natureza e a pusilanimidade do director do CAM (sempre que estava na presença do referido

indivíduo) não havia qualquer hipótese de colaboração com o auxiliar proposto, para recolher materiais e nunca para formular quaisquer interpretações, pois não tem conhecimentos, nem bagagem para redigir um texto aceitável.

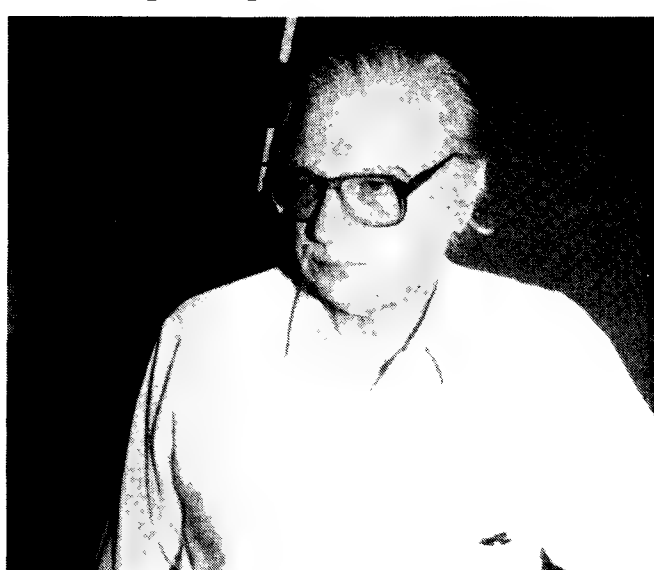
Sommer Ribeiro também declarou, na epístola, que não houve acordo «com (SLC) os autores escolhidos para figurarem na antologia de textos». Com efeito, nunca pude admitir, nem admito, que tenham sido omitidas ou rejeitadas personalidades de incontestável importância, neste contexto, tais como: Jorge Barradas, João Abel Manta, Tomaz de Mello, Vasco (de Castro), José de Lemos, António Paulo Madeira Rodrigues, Osvaldo de Sousa etc.

Nem podia entender que indivíduo tão imaturo figurasse no catálogo com opiniões críticas, visto que incorre em erros crassos que o impedem de qualquer juízo analítico, com segurança e lucidez.

3 — alegada pretensão de eu querer atribuir na cronologia «grande relevo a factos políticos que eram dispensáveis».

Ora, se em outras exposições realizadas no CAM como, por exemplo, a de Almada Negreiros, o catálogo evidenciou factos políticos, a par dos factos culturais e em conexão com a vida e a obra do artista, nada mais lógico do que inserir uma síntese de figuras e factos políticos de maior vulto, no contexto de Stuart. Não se pode ignorar que a sua criação incidiu, primordialmente — apesar da censura implantada desde o 28 de Maio —, na realização de caricaturas e «cartoons», de personagens e acontecimentos políticos nacionais e estrangeiros.

Falta, mais uma vez, à verdade o arq. Sommer Ribeiro se não confessar que a selecção dessa sinopse decorreu em sessões de trabalho em que ambos participámos, mediante elementos que eu forneci, muitos dos quais posteriormente desaproveitados pelo tal auxiliar, embora no catálogo apareça como único e exclusivo autor da cronologia bibliográfica. Aliás, insisti que se



deveria citar, no catálogo, a presuntiva colaboração de Luís Francisco Rebello e Matos Cruz, devido aos elementos que me cederam no que concerne, respectivamente, à ligação de Stuart, ao Teatro e ao Cinema. Mais outra lacuna, que não me teria escapado se visse, como solicitei, as provas integrais do catálogo.

4 — alusão na epístola de Sommer Ribeiro a um meu eventual afastamento, no decurso da efectivação da retrospectiva.

Do mesmo modo que Sommer Ribeiro falta à verdade ao alegar que eu teria contribuído para os atrasos nos preparativos, também pretende insinuar na sua epístola que deixei de contactar o CAM para o prosseguimento da exposição. Mais uma vez isto não corresponde à realidade. Em carta de 7 de Julho (três dias antes de apresentar a minha demarcação) deixei escrito, para que não houvesse dúvidas acerca da minha inteira disponibilidade: «ser-me-ia grato que v., na sua qualidade de director do CAM, me indicasse tudo quanto ainda possa ser susceptível de evitar lacunas na apresentação e preparação da exposição».

Sem que obtivesse resposta objectiva às questões fulcrais dessa carta limitou-se, a 9 de Julho, a comunicar-me: «estou neste momento a escudar a montagem e brevemente entrarei em contacto consigo». Daqui se pode inferir o estado de espírito em que fiquei, haja em vista o interesse na realização da iniciativa, que sugeri, no suplemento «CULTURA» do «DN», em Outubro de 1986. Do mesmo modo que o arq. Sommer Ribeiro, na inauguração da retrospectiva, salientou aos jornalistas (caso Margarida Botelho) não ter tido a serenidade para se debruçar sobre certos pormenores e, até, não querer pronunciar-se sobre o contencioso que deflagrou, também eu (e com muito mais razões e em consequência do afastamento a que fui, involuntariamente, conduzido) não poderei ter presente alguns aspectos agora invocados, nomea-

damente as condições em que foram cedidos — só a partir de 10 de Julho, data da minha demarcação — originais do arquivo do *Diário de Notícias*, utilizados em «reproduções fotográficas».

5 — a falta de documentos escritos relativos à formalização da minha intervenção na retrospectiva (o que é inadmissível num serviço da Gulbenkian); o desrespeito de compromissos tomados; o acumular tudo para a última hora, acrescido da incapacidade para dirimir decisões circunstanciais, levaram-me a fixar, na carta de 7 de Julho, questões básicas, a que não respondeu, refugiando-se em evasivas e pondo-me na iminência de factos consumados, ao salientar, como já referi, «brevemente entrarei em contacto consigo»...

Em relação a compromissos não cumpridos, recordo que há um documento, também em poder da directora do ACARTE, no qual se especifica que recebi a sugestão e encomenda do arq. Sommer Ribeiro para fazer um livro acerca de Stuart, dentro dos moldes seguidos pelo CAM, para a edição dos desenhos de Almada no «Sempre Fixe». Para o efeito comecei a trabalhar em Novembro. Sem qualquer razão válida e quando lhe anunciei que, em breve, lhe entregaria o texto introdutório, disse-me que o livro já não interessava, pois o CAM optara pela aquisição de exemplares de uma publicação subscrita pelo tal auxiliar, que já tinha revelado manifesta ignorância sobre a figura a obra e a época de Stuart.

Os factos apontados e os documentos existentes estão na origem da atitude que tomei. Mas, também patenteiam com nitidez a conduta do arq. Sommer Ribeiro, neste processo deplorável. É muito mais de lastimar a posição em que se encontra, quer no presente quer no futuro, do que a situação em que me pretende, epistolarmente, envolver, ao vestir-me a pele do lobo, enquanto se embrulha na pele do carneiro.

António Valdemar

Por 150 contos

Jimmy Page compra guitarra portuguesa

Custou 150 contos a guitarra portuguesa que Jimmy Page, considerado um dos melhores guitarristas de «rock» de sempre, veio expressamente comprar a Portugal na semana passada.

Jimmy Page, que fez parte da última formação dos Yardbirds e foi um dos fundadores dos Led Zeppelin nos anos 70, vai utilizar a guitarra portuguesa no seu próximo álbum a sair em Londres em Novembro.

Jimmy Page, 43 anos, ouviu pela primeira vez a guitarra portuguesa há cerca de um mês quando esteve de férias na Madeira.

De regresso a Londres tentou por todos os meios, incluindo a embaixada portuguesa, adquirir um exemplar, o que não conseguiu. Há mais de 15 anos que não se vende uma guitarra portuguesa em Inglaterra.

Decidiu então, o guitarrista, meter-se num avião e vir expressamente a Lisboa comprar a guitarra, tendo conseguido uma nova no mais famoso fabricante

português, «o senhor Grácio», no Cacém.

Trata-se da guitarra número 216 que «o senhor Grácio» vendeu por 150 contos, depois de Jimmy Page ter recusado uma, em segunda mão, que lhe era vendida por um particular por um preço superior a 400 contos.

«O senhor Acácio» fabrica apenas um total de 12 a 15 guitarras por ano, incluindo violas. Todo o material é por si feito, mesmo as partes metálicas.

«Jimmy Page parecia uma criança quando viu a guitarra», disse Rui Ferreira, da editora nacional, que acompanhou o guitarrista em Portugal.

Em Cascais, Jimmy Page ouviu fados de Lisboa na casa de Rodrigo «tendo ficado deliciado com Manuel de Almeida e os acompanhantes».

Jimmy Page, que esteve única e exclusivamente em Portugal para comprar a guitarra escusando-se a qualquer contacto com a imprensa, disse que «em dois dias» fica a saber tocar a guitarra portuguesa.

Câmara de Braga adquire Teatro Circo

A Câmara de Braga decidiu adquirir a maioria das acções do Teatro Circo, pagando durante 20 anos a importância anual de 16 mil contos, actualizáveis de acordo com a taxa oficial da inflação.

Com a abstenção de Armando Osório (PSD) a Câmara deliberou construir, por administração directa, um auditório no Parque Municipal de Exposições.

Esse auditório terá capacidade para 1500 lugares, custará entre 60 000 e 80 000 contos e deverá estar concluído em Novembro do ano em curso.

Presidiu à sessão Mesquita Machado (PS) e estiveram ausentes os vereadores José Gomes (PS), Jorge Caseiro (PSD), Armando Leite e Franquelim Marques (ambos do CDS).

Livros proibidos começam a sair na URSS

A revista literária soviética «Znamya» anunciou para breve a publicação de «Nós», um romance até aqui proibido de Evgeny Zamyatin datado de 1920.

Em Junho, a revista deu à estampa o romance «Coração de Cão», da autoria de Mikhail Bulgakov, também proibido na União Soviética desde o seu aparecimento em 1925.

Engenheiro, Zamyatin foi preso por envolvimento em actividades revolucionárias antes da Revolução Bolchevique de 1917, que apoiou.

Proclamado o estado dos soviets, Zamyatin, desiludido com o evoluir dos aconteci-

mentos, escreveu a Estaline pedindo autorização para emigrar, o que lhe foi concedido. Deixou a União Soviética em 1931 e morreu em França em 1937, com 53 anos.

A acção de «Nós» decorre numa cidade de cristal construída para preservar a civilização depois de uma grande parte do mundo ter sido destruída pela guerra.

Os habitantes da cidade são conhecidos mais por números do que pelos nomes e está-lhes vedada por um governo todopoderoso a liberdade de expressão.

Uma versão clandestina do romance apareceu em 1929 na União Soviética.

Durante mais de um mês na Cinemateca

LISBOA VIU O MELHOR CINEMA CLÁSSICO SOVIÉTICO

«Foi realmente, em Portugal, o primeiro ciclo significativo de cinema clássico soviético», diz Manuel Fonseca, coordenador dos Serviços de Programação da Cinemateca Portuguesa, a propósito da iniciativa que encerrou com a projecção do filme «Regresso de Vassili Bortnikov» (1953), de Vsevolod Pudovkine.

O ciclo, organizado pela Cinemateca e pela Fundação ulbenkian, com o patrocínio da embaixada da URSS, começou a ser exibido em 25 de Junho e englobou 60 filmes de 20 realizadores soviéticos, «obras que», segundo Manuel Fonseca, «em cerca de 80 por cento são comercialmente inéditas entre nós».

«De resto», adiantou, «foi esta igualmente a primeira vez que o público português teve acesso a uma visão global do cinema soviético, pois o ciclo incluiu o fundamental de Eisenstein, Vertov, Pudovkine, Dovjenko e Donskoi, bem como filmes extremamente significativos de Ku-

lechov, Kozintsev e Trauberg, Protazanov e Mikhail Romm».

Lev Kulechov «o foco original»

Manuel Fonseca entende que «um dos grandes méritos» deste ciclo foi a apresentação de três filmes de Lev Kulechov que «constituem», em sua opinião, «o foco original do cinema soviético».

Com efeito, «As extraordinárias aventuras de mr. West no país dos bolcheviques» (1924), que parodia com raro sentido de humor os filmes de acção norte-americanos, «O raio da morte» (1925), uma mescla de ficção científica e policial que deixa entrever com demasiada evidência a influência de Pudovkine e alguma confusão organizativa da narrativa, e «Dura Lex» (1926), uma obra sólida (já o era o original de Jack London) em colaboração com Viktor Chklovski onde se faz a condenação moral e política da cupidez, «representam», para Manuel Fonseca «um autêntico trabalho

de vanguarda no tocante à elaboração das formas narrativas, extremamente depuradas ao nível de planos e de sequências».

«Um outro grande mérito deste ciclo», realça Manuel Fonseca, «foi obviamente a apresentação, também pela primeira vez entre nós, da obra de Alexandre Dovjenko, indiscutivelmente um dos grandes mestres do cinema soviético».

«E ainda», acrescenta, «merece referência especial esse filme soberbo que é «O Cavalo que Chora», de Mark Donskoi, inegavelmente uma das mais importantes obras aprenhadas neste ciclo».

O público e a crítica

Manuel Fonseca sublinha, por outro lado, que «a receptividade a esta iniciativa por parte do público pode ser considerada normal», ajuntando que «não houve a afluência que seria de desejar, mas não houve igualmente quebra alguma em relação ao que é habitual verificar-se com a apre-

sentação de ciclos de cinema clássico em qualquer outra parte do mundo».

«Os ciclos de cinema clássico», frisa, «revestem-se de características muito especiais, têm normalmentee o seu público e estou convencido de que um ciclo sobre o cinema alemão dos anos 20, por exemplo, teria o mesmo tipo de afluência».

«Contudo», fez questão de referir, «a divulgação do ciclo também não foi a melhor, sobretudo em relação a um tratamento em profundidade por parte da crítica especializada, que não quanto aos aspectos meramente noticiosos».

«Realmente», acentua, «penso que não houve a abordagem crítica, especializada, que este ciclo de cinema clássico soviético de facto merecia, o que, no mínimo, é estranho».

«Mas», conclui, «talvez isso se deva a uma certa incapacidade da crítica para se debruçar sobre um ciclo como este, fundamentalmente por desconhecimento das obras em exibição».

Itel TEATRO VASCO SANTANA tel 768609 metro: Entrecampos

Apresenta



as Senhoras das Quintas-feiras
de Loleh Bellon
Encenação: Luzia Maria Martins
de ter. a sáb. às 21.30
Dom. às 16 horas
(SMIRNOFF)

DÉCIMO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA
A CARGO DO NOTÁRIO LIC. MOISÉS DOS SANTOS MARTINS

CERTIFICO, que por escritura de 14 de Maio de 1987, lavrada a folhas 72 verso, a folhas 74, do livro 159-D, de escrituras diversas deste cartório, MARIA ISABEL LEAL DE MATOS E SILVA, renunciou à gerência da sociedade comercial por quotas «EXTERNATO DE SANTA CECÍLIA, LIMITADA», com sede na Avenida Visconde Valmor, n.º 34-r/c, Lisboa.

Está conforme ao respectivo original.

Lisboa, aos 4 de Agosto de 1987

Pelo Ajudante, o escrit. superior, Maria Natália de Sousa Coelho

DL 3/8/87

CML



“não deite papeis no chão”

NOVO Grupo apresenta

CICLO DE PEÇAS INÉDITAS PORTUGUESAS

A SEGUNDA VIDA DE FRANCISCO DE ASSIS

De José Saramago
Encenação e Cenário: Norberto Barroca
Figurinos: José Costa Reis
Música: Paulino Garcia

Interpretação
Adriano Luz
Amílcar Botica
Argentina Rocha
Francisco Pestana
Isabel Ribas
João Baião
Jorge Gonçalves
José Gomes
José Pedro Gomes
Laura Soveral
Melim Teixeira
Miguel Martins
Teresa Sobral



APOIO DIÁRIO DE LISBOA
Quintas e Sextas e Sábados às 21.30
Domingos - Matinée às 16 h

TEATRO

APOIOS: ALPWA ET OMEGA-T.L.R.-DATA GENERAL-DIGICONTA-RANK XEROX
COMPANHIA SUBSIDIADA PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

HUMILHAÇÃO

(maiores 18 anos)

14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

PRIMAS

(n/acons. m. 18 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

REGRESSO À TERRA
O CAMINHO DAS
ESTRELAS IV

(maiores 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4

FILHOS DE UM DEUS
MENOR

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club

T. 763319

COMBOIO EM FUGA

(maiores 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoréiras 1

REGRESSO À TERRA
O CAMINHO DAS
ESTRELAS IV

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

Amoréiras 2

O NAVIO

(maiores 6 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoréiras 3

HUMILHAÇÃO

(maiores 18 anos)

13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoréiras 4

SID NANCY

(maiores 16 anos)

13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoréiras 5

PIRATAS

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoréiras 6

COMBOIO EM FUGA

(maiores 12 anos)

13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Apolo 70

O NAVIO

(maiores 6 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Avila

— T. 539930

A FRONTEIRA DO
PERIGO

(maiores 16 anos)

15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

RASPUTINE

(porno)

(interdito men. 18 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

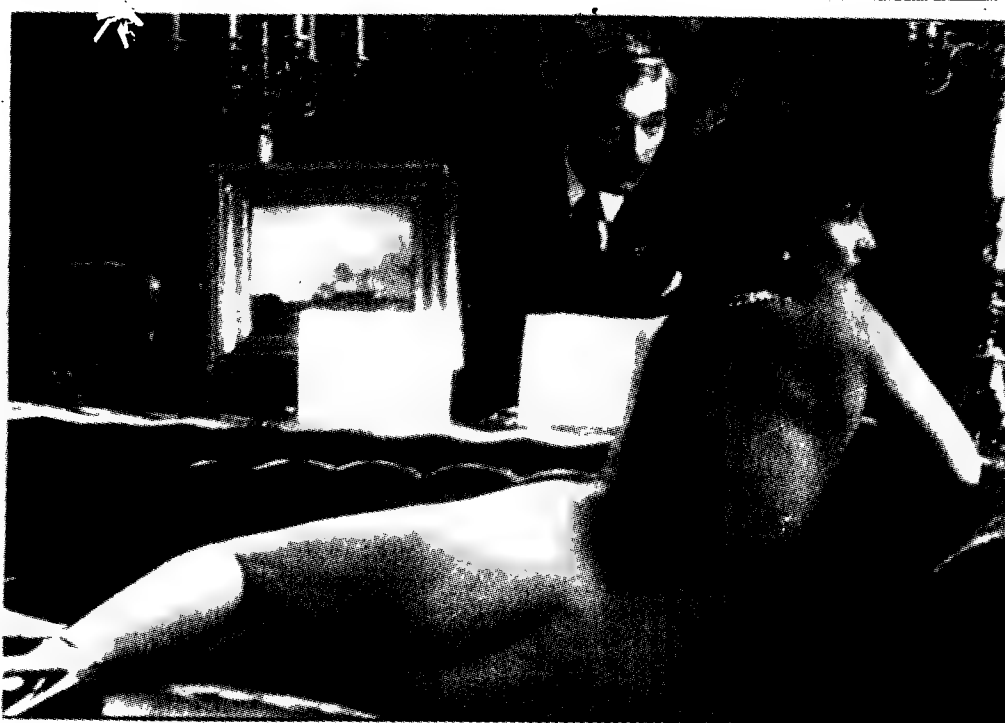
Berna

— T. 776098

PIRATAS

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h



Uma cena do filme «Os Loucos Anos 50» uma realização explosiva de Peter Zadek a estrear brevemente no Estúdio 444

Capitólio

— T. 372358

SEXO ESPACIAL

(Int. m. 18 anos)

15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

ACADEMIA DE POLÍCIA

(A Patrulha do Cidadão)

(maiores 6 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebolso

AS ESCRAVAS DO SEXO

(porno)

(maiores 18 anos)

12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

Cine Camões

T. 324194

O TRONO DO FOGO

(maiores 12 anos)

14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

A HONRA DOS

PADRINHOS

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

O JOGO DOS ABUTRES

(maiores 18 anos)

24 h

Cine Portela

— T. 2524761

Estúdio Anubá

SELVAGEM E PERIGOSA

(maiores 12 anos)

16 e 21.45 h

Estúdio Sheza

O LUTADOR

(maiores 6 anos)

15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

UM LUGAR NO CORAÇÃO

(maiores 12 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes

— T. 322523

TRÊS AMIGOS

(maiores 6 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

GULAC

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

NOVE SEMANAS E MEIA

(maiores 18 anos)

14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

O MISTÉRIO DE GORKY

PARK

(maiores 12 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

BARRY LINDON

(maiores 13 anos)

15.00, 18.15 e 21.30 h

Forum Pictas

— T. 541037

NIAGARA

(n/acons. m. 13 anos)

19.00 e 22.00 h

Fonte Nova

— T. 7145109

CROCODILO DUNDEE

(maiores 6 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

SALVADOR

(maiores 16 anos)

14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

PRIMAS

(n/acons. m. 18 anos)

14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Gemini

— T. 734009

PASSAGEM PARA A

ÍNDIA

(maiores 12 anos)

15.00, 18.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 806847

A COSTA DO MOSQUITO

(maiores 12 anos)

14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 24.00 h

TRÊS AMIGOS

(maiores 6 anos)

14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Império

— T. 555134

MULHERES DA RUA

(maiores 18 anos)

15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

TRÊS AMIGOS

(maiores 6 anos)

14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

SELVAGEM E PERIGOSA

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

SELVAGEM E PERIGOSA

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

HUMILHAÇÃO

(maiores 18 anos)

13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h

BLUE VELVET —

VELUDO AZUL

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 4

TAXI DRIVER

(maiores 18 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
NOSFERATO, O
FANTASMA DA NOITE
(n/acons. m. 18 anos)
00.45 h

Roma

T. 889192

GELADO DE LIMÃO VI

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

DELÍCIAS FRANCESAS

(maiores 18 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

REGRESSO À TERRA / O

CAMINHOS DAS

ESTRELAS IV

(maiores 12 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

CURTO-CIRCUITO

(maiores 6 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 3

A COSTA DE MOSQUITO

(maiores 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte

— T. 730715

ACADEMIA DE POLÍCIA

IV

(A Patrulha do Cidadão)

(maiores 6 anos)

15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

CURTO-CIRCUITO

(maiores 16 anos)

15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

ACADEMIA DE POLÍCIA —

A PATRULHA DO

CIDADÃO

(maiores 6 anos)

14.00, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h

Tivoli

— T. 570595

HUMILHAÇÃO

(maiores 18 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

48 HORAS

(maiores 12 anos)

15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon

T. 368480

MULHERES DA RUA

(maiores 18 anos)

14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodiaco

— T. 570151

Exibição permanente de

filmes indianos

(m. 13 anos)

15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro

— «A Jóia do Nilo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos)

AMADORA — Cinestúdio

— «Comboio em Fuga», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

AMADORA — Babilónia

— «Conta Comigo» às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h (maiores 6 anos)

ALGUEIRÃO — Cine Teat-
ro Chaby — «Salvador», às 21.30 h (maiores 16 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flo-

res — Encerrado para des-
canso do pessoal.

MEM MARTINS — Estú-

dio Dois Eme — «Comboio
em Fuga», às 21.30 h (maio-
res 12 anos).

ODIVELAS — Cineodivel

— «Cujo — O Novo Símbolo
do Terror», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril

— «Mona Lisa», às 17.00 e 21.15 h (maiores 16 anos)

ALGÉS — Cinema 2000

— «O Fuzileiro Implacável»,
às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

LINDA-A-VELHA — Cine-

tropical — «Porky's», 15.30 e 21.30 h (int. m. 13 anos)

OEIRAS — Alto da Barra

— Sala 1 — «Comando», às 15.15 e 21.30 h (maiores 16 anos)

Sala 2 — «A Costa do Mos-

quito», às 15.30, 19 e 21.45 h (maiores 12 anos)

CARCAVELOS — Atlânti-

MÚSICA TRADICIONAL E POPULAR EM TOMAR

Os grupos «Cantaril», «Graller de L'Acord» e o cantor e instrumentista Miquéu Montanaro realizam durante este mês, em Portugal, uma série de espectáculos com o tema «A Música Tradicional e Popular», que integra composições tradicionais de Portugal, Catalunha e Provença.

Depois da apresentação em Évora e Vidigueira, os músicos dão esta noite, pelas 22 horas, um concerto em Tomar.

No espectáculo, a música tradicional portuguesa está a cargo do grupo «Cantaril», formado em 1982. Apoiando-se fundamentalmente na música popular e tradicional, os seus espectáculos têm uma grande variedade de estilos e animação. Assim, desde a gaita de foles e bombos, até aos cantares da Beira, Viras ou canções pastorais, tudo pode estar presente.

O grupo apresentou-se já em todo o país, e também em Angola, Gália, França e Catalunha.

O outro agrupamento presente no espectáculo desta noite, o «Grup de Grallers de L'Acord», foi formado em 1979, e desde essa altura que se dedica ao estudo e à recreação fiel das músicas antigas da Catalunha.

O grupo, com um repertório de mais de cem músicas, tem acompanhado «Vall de Gralla», Bailes Populares Tradicionais «Castells», «Gigants», Dragão de Vila Nova, «Marinadas» por toda a Catalunha e também na Alemanha, Dinamarca, França, Itália, Áustria e Suíça.

Miquéu Montanaro, o terceiro participante, nasceu em 1955 em Hyères, na Provença (Var). Além do saxofone, toca «Galoubet-tambourin» desde os 13 anos e desenvolveu uma técnica de tocar tamborim que o fez sair do repertório tradicional provençal, para compor sobre este instrumento. Para além disso, compõe para teatro, ballet, teatro de fantoches, rádio e cinema.



«Os Fios e os Frutos», exposição em Tavira

EXPOSIÇÕES

CASA-MUSEU ÁLVARO DE CAMPOS (Tavira): «Os Fios e os Frutos» é a designação da exposição colectiva de Graça Delgado, Ana Gonçalves, Evelynne Martin, Maria José Oliveira e Vítor Pomar. A mostra pode ser visitada até 15 de Agosto, de terça a sexta-feira, das 16 às 20 e das 22 às 24 horas.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN (Centro Artístico Infantil): está patente uma exposição de trabalhos de expressão plástica e literária da autoria de crianças dos 5 aos 12 anos, trabalhos esses que resultam de um concurso organizado pela Fundação junto das escolas oficiais do país. A mostra está aberta todos os dias das 15 às 17 horas, excepto às sextas-feiras, até 25 de Setembro.

MONTEMOR-O-VELHO (Câmara Municipal): o I Encontro de Artes Plásticas está patente ao público até dia 9. Entretanto, mas no posto de Turismo, até ao próximo dia 16 está aberta a exposição de pintura de Zé Peninheiro. A mostra pode ser visitada de segunda a sexta-feira das 9 às 17 e 30 horas e ao fim de semana das 13 às 19 horas. A exposição é uma das actividades paralelas do

CITEMOR — Ciclo de Teatro no Castelo de Montemor-o-Velho, organizado pelo CITEC (Centro de Iniciação Teatral Ester de Carvalho).

SINTRA (Av. Heliodoro Salgado, nº 53): a secção filatélica dos Bombeiros Voluntários de Sintra promove, até 9 de Agosto, a VIII Mostra Filatélica de Sintra. O certame conta com a presença de numerosas colecções de selos, postais máximos e inteiros postais.

VILA DA CHAMUSCA (Galeria Municipal): está aberta ao público até 16 de Agosto, das 9 às 23 e 30 horas (dias úteis) e das 14 às 23 e 30 horas (sábados e domingos), a exposição «Malacologia».

JUNTA DE FREGUESIA DA CHAMUSCA: «Ver e criar para mostrar e ver» é a designação da exposição retrospectiva que o forógrafo Aníbal Sequeira tem patente ao público neste espaço até 15 de Agosto, todos os dias das 14 às 19 horas. O autor, nascido em Lardosa (Castelo Branco) em 1937, é licenciado em Economia pelo Instituto Superior Técnico de economia e quadro técnico da EPAL. Desde 1960 que se dedica à fotografia como forma de expressão artística.

MÚSEU DE SETÚBAL: Miranda da Silva, Maria João Franco, Francisco Cardia, Teresa Cária, Maria Irene Pina, Artur Pedro da Silva, Marilene Alão, Belmira Nunes e Mara Peres da Silva são os pintores e escultores da E.S.B.A.L. que têm patente uma mostra colectiva até 9 de Agosto, das 9 e 30 às 12 e 30 horas e das 14 às 17 e 30 horas.

ESCOLA ANTÓNIO ARROIO (Lisboa): até ao dia 9 de Outubro pode visitar a exposição Ano Lectivo 1986/87 dos alunos da escola. A escola organizou núcleos de exposição nas áreas de cerâmica, metais, equipamento, artes gráficas, desenho têxtil e imagem e comunicação, integrando trabalhos de alunos de frequentaram o estabelecimento de ensino durante o ano lectivo 86/87. A mostra pode ser visitada das 9 às 20 horas, excepto aos sábados e domingos.

GALERIA DA VINCI (R. de Belém, 75-77, em Lisboa): está patente uma exposição colectiva com obras de António Carmo, Artur Rosa, Eugénio Rosa, Figueiredo Sobral, Helena Almeida, Helena Fragoso, Helena Sá, Hélder Batista, João Fragoso, José Cândido, Pedro Chorão, Rocha de Sousa, Rogério de Freitas e Rogério Amaral. A mostra pode ser visitada todos os dias úteis, das 9 às 12 e das 13 às 19 horas.

HOTEL MERIDIEN PORTO: 67 aguarelas inéditas de Carlos Carneiro estão expostas neste local. As aguarelas constituem a memória de uma viagem do autor à Alemanha, em 1943. Carlos Carneiro, filho do Mestre António Carneiro, de quem foi discípulo na Escola de Belas Artes do Porto, foi pintor,

aguarelista e desenhador. Distinguiu-se como

paisagista e co-interpretador de trechos de velhos bairros do Porto, tendo exposto em vários locais, nomeadamente Paris, Londres, Berlim, Vigo e Antuérpia. Premiado em vários certames nacionais e internacionais, a artista tem a sua obra representada em diversos museus, nomeadamente no Museu Nacional Soares dos Reis (Porto) e Museu de Belas Artes de Mulhouse. Como disse Eugénio Andrade, prefaciando o catálogo da sua exposição no Palácio Foz em 1967, «Um pedaço de papel diante do pintor é um pretexto de desnudamento. Uma frágil, delicada, aérea arquitectura de linhas ou cores, ausente de símbolos ou metáforas, vai assim deixando um rastro leve, impondo um ritmo discreto».

GALERIA MUNICIPAL DE AVEIRO: está patente até 16 de Agosto a exposição de tapeçaria de Claude Mengo, das 14 às 19 e das 21 às 23 horas. Trata-se de uma mostra de tapeçaria que tem, vincadamente, na opinião do artista, duas conotações: uma, com a

TEATRO

LAMEGO: o grupo de teatro português Seiva-Troupe apresenta hoje «Um



«A Noite Antes da Festa», pelo TELA

Cálice de Porto» nesta cidade, pelas 21 e 45 horas. A peça tem encenação de Norberto Barroca, música de Paulino Garcia e interpretação de António Reis, Estrela Novais, Alexandre Falcão, Lurdes Rodrigues, Alfredo Correia, Glória Férias, Sónia Guimarães, José Pinto, Luís Cunha, Rui Oliveira, David Cardoso e Vítor Manuel.

GALERIA MONUMENTAL (Campo Mártires da Pátria, 101, Lisboa): A «Companhia das Luzes» tem em cena até ao dia 20 de Agosto o espectáculo «Jogos de Praia», com sessões de terça a domingo às 21 e 30 horas.

TEATRO VASCO SANTANA (Lisboa): O Teatro Estúdio de Lisboa continua a apresentar as suas «Senhoras das Quintas-Feiras», todos os dias da semana (excepto a segunda), até 15 de Agosto, pelas 21 e 30 horas. O espectáculo tem encenação de Luzia Maria Martins, tradução e dramaturgia de Monique Rutler, dispositivo cénico de Fernando Filipe e é interpretado por Clara Joana, Luísa Ortigoso, Maria Dulce e Carlos Vieira de Almeida.

CALDAS DA RAINHA: o grupo «Teatro da rainha» continua a apresentar até ao próximo dia 9 a sua última produção, a peça

«Os Rústicos», na sala/teatro da casa da Cultura das Caldas da Rainha, pelas 21 e 45 horas. Escrito por Carlo Goldoni, autor veneziano do século XVIII, este espectáculo foi encenado por Fernando Mora Ramos e José Peixoto, tem música de Carlos Alberto Augusto, cenário e figurinos de José Carlos faria e interpretação de Isabel Leitão, Isabel Lopes, Isabel Muñoz, José Mora Ramos, Valdemar de Sousa e Victor Santos.

MERCADO DE SANTANA (LEIRIA): o TELA — Teatro Experimental de Leiria, apresenta, só até ao dia 8 de Agosto a peça «A Noite Antes da Festa», de José Gil e Carlos Fragateiro. A produção é de Luís Filipe Cruz e a interpretação está a cargo de Joaquim Paulo Nogueira, Pedro Oliveira, Maria José Belbut e Rui Sérgio.

MÚSICA

RUÍNAS DO CARMO (Lisboa): realiza-se esta noite, pelas 21 e 30 horas, um concerto pela Orquestra da R. D. P.

FEIRA POPULAR DE LISBOA: inicia-se hoje o I Festival da Canção Popular de Lisboa — «Cantar Lisboa». Trata-se de uma iniciativa da Antena 1 e feira Popular de Lisboa, em colaboração com a Câmara Municipal. «Cantar Lisboa» pretende, segundo os organizadores, «homenagear um tipo de canção popular da nossa cidade e incentivar os compositores portugueses de música ligeira a criarem novas melodias dedicadas aos bairros populares de Lisboa». A primeira parte do espectáculo de hoje é preenchida com a actuação do grupo «Ronda dos 4 Caminhos», e na segunda parte são apresentadas as oito primeiras canções populares de Lisboa.

Lisboa — PERMANENTE
— ALFAMA - ESCOLAS GE-
RAIS: Anunciada, R. do Vigá-
rio, 72-74 (T. 866360); ALTO
DE SÃO JOÃO: Nova Luz, R.
D. Domingos Jardo, 28-A (T.
843439); ALVALADE: Tejo,
Av. da Igreja, 28-B (T.
892682); ANJOS - CHILE: An-
tolin, Av. Almirante Reis,
88-B-C (T. 821773); AVENIDA
DA REPÚBLICA: Cardote,
Av. Visconde de Valmor,
28-A-B-C (T. 772291); BAIXA-
COLISEU: Frazão, das Portas
de Santo António, 70-72 (T.
328180); BENEFICÊNCIA -
SETE RIOS: Laranjeiras, R.
Filipe da Mata, 160-162 (T.
721035); CEMITÉRIO DOS
INGLESES: Urbano Freitas,
R. Silva Carvalho, 1-5 (T.
662838); CHELAS - LICEU
D. DINIZ: Lopes Cortez, R.
Rui de Sousa, lote 65-A, loja B
(T. 886565); PICHELEIRA:
Marluz, C. da Picheleira,
140-B-C e R. Prof. Mira Fer-
nandes, MAF (T. 880703);
SANTO AMARO - CALVÁ-
RIO: Lisbonense, R. Leão de
Oliveira, 2-B (T. 637020);
TELHEIRAS - QUINTA DE
SÃO VICENTE: Quejas, R.
Prof. Francisco Gentil, Edifi-
cio E-1, loja 21 (T. 7584144);
BRANDÃO - AMADORA:
Correia, Urbanização Alforne-
los, célula G, lote 137, loja B,
poente (T. 990122); CARNA-
XIDE: Central de Carnaxide,
Av. de Portugal, 16-B (T.
2184913); ODIVELAS: Lei-
tão, R. Guilherme Gomes Fer-
nandes, 62 (T. 9810051);
PONTINHA: Leitão Ribeiro,
R. A do Falcão, 3-A (T.
993912).

REFORÇO — AJUDA:
Moura, T. da Memória, 55 (T.
630944); ALCANTARA:
Vieira Rosa, R. Prior do
Crato, 72 (T. 660187); ARE-
EIRO: Vera Cruz, P. Afrânio
Peixoto, 2-B (T. 884941);
BENFICA - ESTACÃO -
URUGUAI: Santa Cruz, Av.
Gomes Pereira, 34-B (T.
704828); CAMÕES: Sanitas,
P. Luís de Camões, 22-24 (T.
322798); CAMPO GRANDE:
Nova Iorque, Av. dos Estados
Unidos da América, 140-B (T.
760658); CAMPOLIDE: Oli-
veira, R. de Campolide, 54-A
(T. 684424); ENCARNÁ-
ÇÃO: Ascenso, P. do Norte,
11-A (T. 311216); STEFÁ-
NIA: Estefânia, R. Pascoal de
Melo, 90 (T. 544438);
GOMES FREIRE: Salutar,
R. Conde Redondo, 9-B (T.
533411); GRAÇA: Monte, R.
Senhora do Monte, 30-A-B (T.
867842); SÃO SEBASTIÃO:
Novais, Av. Luís Bivar, 11-13
(T. 544324); BURACA -
AMADORA: Vaz Martins,
R. Anónio Ferro, 6-A (T.
970660); OLIVAL BASTO:
Nova, R. dos Açores, 11-A (T.
9810305); PRIOR VELHO:
Matos, T. das Prioras (T.
2519939).

Outra Banda — AL-
MADA: Macedo Henriques,
R. Bernardo Francisco Costa,
lote 1 (T. 2751297). Perma-
nente; COVA DA PIEDADE:
Castro Rodrigues, L. 5 de Ou-
tubro, 62 (T. 2750121). Perma-
nente; MONTE DE CA-
PARICA: Guerreiro, lote
31-I-J, Moinhos (T. 2950727).
Até às 19 horas; COSTA DE
CAPARICA: Chai, Av. Ge-
neral Humberto Delgado (T.
2403218). Até às 19 horas;
FEIJÓ: Tovas Chaves, R. Dr.
António Elvas, 104-D (T.
2296119). Até às 22 horas;
SESIMBRA: Lopes, R. Cân-
dido dos Reis, 21 (T.
2233028). Até às 19 horas;
LAVRADIO: Parreira, R. D.
Silva Cristino, 15-A (T.
2042016). Até às 19 horas;

BARREIRO: Higiénica, R.
D. Manuel I, 178 (T.
2073017). Permanente;
BAIXA DA BANHEIRA:
Aliança, E. Nacional, 178-B
(T. 2040302). Até às 19 horas;
CORROIOS: Universo, E.
Nacional, 10 (T. 2290084).
Até às 19 horas; AMORA:
Matos Lopes, R. 1.º de Maio,
lote 401 (T. 2216355). Até às
22 horas; SEIXAL: Sorome-
nho, P. Paiva Coelho, 38 (T.
2213560). Até às 22 horas;
MONTIJO: Moderna, R. Bu-
lhão Pato, 60 (T. 2310156).
Até às 22 horas; MOITA:
União Moitense, Av. Dr. Te-
ófilo Braga (T. 239025). Até às
19 horas; ALHOS VEDROS:
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8
(T. 2040250). Até às 19 horas;
ALCOCHETE: Nunes, L.
Coronel Ramos da Costa, 10
(T. 2340137). Até às 19 horas;
SETÚBAL: Lisboa, R. Dr.
Paulo Borba, 70 (T. 22248).
Permanente; TAVARES DA SILVA,
R. das Gaivotas, 68 (T.
29316). Permanente; Isabel,
L. Batalha Viso, lote 68 (T.
21677). Até às 22 horas.

Linha de Cascais —
ALGÉS: Dias & Saraiva, Av.
Afonso Pala, 17 (T. 2114487).
Permanente; LINDA-A-VE-
LHA: Mlo Almeida, R. D.
Diogo Couto, lote 182 (T.
4191697). Até às 19 horas;
TIRES: Guimarães, L. Duar-
tes, lote A, r/c (T. 2441616).
Até às 22 horas; ALCABIDE-
CHE: Carvalho, B. Padre P.
Correia, 4 (T. 2690363). Até às
22 horas; PORTO SALVO:
Ferreira Bastos, R. D. Fir-
mino Rebelo (T. 2421015). Até
às 22 horas; CAXIAS: Nova,
R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T.
242839). Até às 22 horas;
MALVEIRA DA SERRA:
Luz, E. Nacional (T.
2850635). Até às 22 horas;
OEIRAS: Alcântara Guer-
reiro, P. Residencial Dr. Au-
gusto de Castro, lote 10 (T.
2430691). Permanente; CAR-
CAVELOS: Vilar, Av. Maria
da Conceição, lote B (T.
2470777). Permanente; SÃO
DOMINGOS DE RANA:
Godinho da Silveira, R.
Afonso de Albuquerque, lote
B, loja 2 (T. 2470361). Até às
22 horas; PAREDE: Macau,
R. José Elias Garcia, 42 (T.
2471785). Permanente; SAS-
SOEIRO: Amaral Sem-
blano, Quinta das Encostas (T.
2461312). Até às 22 horas;
BIRRE: Imani, lote 7-B, Hera
(T. 2852121); MADORNA:
Madeira, R. A (T. 2476326).
Até às 22 horas; AMOREIRA:
Abrantes, Vivenda Maria Car-
los Anjos (T. 2682313). Até às
22 horas; ESTORIL: Mar-
ques dos Santos, R. Ferreira J.
A., 15 (T. 260116). Até às 22
horas; CASCAIS: Marginal,
Av. Marginal (T. 280078).
Permanente.

Linha de Sintra —
AMADORA: Dias & Brito,
Av. Marquês de Pombal, 45-A
(T. 4940118). Permanente;
Carnelê, R. Elias Garcia, lote
28 (T. 4933303). Até às 22 ho-
ras; DAMAIA: D. João V, Av.
Gurgel do Amaral, 2-A (T.
970461). Até às 22 horas;
QUELUZ: Gil, Av. Miguel
Bombarda, 28 (T. 950117).
Permanente; CAMARATE:
Fátima, Fetais. Até às 19 ho-
ras;

Outras Farmácias —
MOSCAVIDE: Varela, Av.
de Moscavide, 44-B (T.
2518520). Até às 22 horas;
SACAVÉM: Soares, R. José
L. Morais, 15-A (T. 2518025).
Permanente; LOURES: Sa-
raiva, Av. da República, 86
(T. 9830027). Até às 22 horas;
AVEIRO: Aveirense, R. de
Coimbra, 13 (T. 24833). Perma-
nente.

TEATROS

TEATRO ABERTO

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

5.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«A SEGUNDA VIDA DE FRANCISCO DE ASSIS», de José Saramago. Cenário e encenação de Norberto Barroca. Figurinos de José Costa Reis. Música de Paulino Garcia. (Com o apoio do «Diário de Lisboa»)

Porto — Sala do Povo Portuense

R. de Camões, 578 — Tel. 38 21 31

De terça a domingo, às 21.15; domingo, às 16.00

«O TIO VÂNIA», de Tchekhov. Pela Seiva Trupe. Encenação: Fernando Umaña.

Teatro da Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 32 00 00

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingo, às 16.00

«TRILOGIA DA GUERRA» (1.ª parte), de Edward Bond. Tradução de Miguel Cintra, Luís Lima e José Manuel Mendes. Encenação de Luís Miguel Cintra.

Vasco Santana

Av. da República, 16 — Tel. 76 86 09

De terça a sáb., às 21.30; domingos, às 16.00

«AS SENHORAS DAS QUINTAS-FEIRAS», de Loleh Bellon. Pelo Teatro-Estúdio de Lisboa. Tradução e dramatização Monique Rutler. Encenação de Luzia Maria Martins. Intérpretes: Carlos Vieira de Almeida, Clara Joana, Luísa Ortigoso, Manuel Medonça e Maria Dulce.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto de Figueiredo — Tel. 267 03 20

De 5.ª a sábado, às 21.30; sábado e domingo, às 17.00

«TARTUFO», de Molière. Pelo Teatro Experimental de Cascais. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretação de Santos Manuel, Marília Costa, João Vasco, Luísa Salgueiro, Paulo B., Alexandra Lencastre e Luís Rizo, entre outros.

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 23.00; domingos e feriados, às 16.00

«LISBOA, TEJO E TUDO», de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira.

Teatro do Triângulo

R. da Cintura do Porto de Lisboa, Santos — Tel. 67 61 91

De terça a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«O FÍSICO PRODIGIOSO», de Jorge de Sena. Adaptação e encenação: André Nuno.

Teatro Maizum

R. dos Poiais de São Bento, 75-B, 2.º — Tel. 60 18 66

«BELA-CALÍGULA», de Augusto Sobral. Encenação: Rogério Vieira. Cenários: Augusto Sobral. Figurinos: Jasmim. Intérpretes: Manuel Cintra e Silvana Pereira.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras, 52 — Tel. 89 70 17 e 36 17 40

De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00

«TOMA LÁ REVISTA», de Henrique Santana e Francisco Nicholson, com a colaboração de Mário Zambujal. Direcção e criação coreográfica de Magda Cardoso. Direcção e encenação de Francisco Nicholson. Interpretação de Eugénio Salvador, Simone de Oliveira, Francisco Nicholson, Delfina Cruz, Carlos Cunha e Marina Mota.

Setúbal — Teatro de Bolso

R. Balneadr. Paulo Borba — Tel. 29 130

5.ª, 6.ª, sábado e domingo, às 21.30

«BOAVIDA» e «O DIPLOMA», de Luigi Pirandello. Pelo Teatro de Animação de Setúbal. Encenação de Carlos César. Interpretação de Rui Paulo, Nuno Mello, Maria Simões, Gil António, Pompeu José e João Victor, entre outros.

Teatro Galeria Monumental

Campo dos Mártires da Pátria, 101 — Tel. 53 38 48

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«JOGOS DE PRAIA», de E. A. Whitehead. Pela Companhia das Luzes. Encenação: Diogo Dória e João Canijo. Intérpretes: Diogo Dória, Rita Blanco, Susana Borges e Vítor Norte.

Setúbal — Teatro de Bolso

R. Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9 — Tel. 291 30

Quinta, sexta, sábado e domingo, às 21.30

«BOAVIDA» e «O DIPLOMA», de Pirandello. Pelo Teatro de Animação de Setúbal. Encenação: Carlos César.

Casa do Pessoal do Porto de Santos

R. da Cintura do Porto de Lisboa — Tel. 60 20 21

De 3.ª a domingo, às 21.30. Até dia 31

«AUTO DO FÍSICO PRODIGIOSO», adaptação da novela de Jorge de Sena. Pelo Teatro Triângulo. Encenação de André Nuno. Interpretação de Sandra Martins, Jorge Alonso, Alexandra Melo, Filipe Costa, Jorge Tavares e André Macedo, entre outros.

A Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«OS DOIS CORCUNDAS E A LUA», de Richard Demarcy. Encenação: João Mota. Música: Domingos Morais e José Pedro Caiado. Intérpretes: Almeno Gonçalves, Carlos Paulo, Isabel Medina, Jorge Loureiro, Manuela Couto e Paulo Ferreira.

Sala 1

Quartas, quintas e sábados, às 22.30

«O URSO NA CABA», de Zé Gouveia. Pelo Grupo Sete Ofícios. Encenação de Geraldo Tuché e Zé Gouveia. Interpretação de Geraldo Tuché e Octávio Rocha.

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

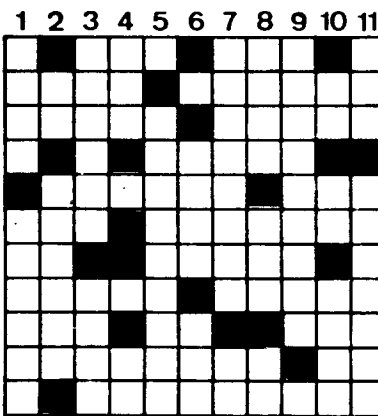
«CRIADA PARA TODO O SERVIÇO», de Barri-
let e Grédy. Adaptação e encenação de Armando Cortez. Cenário de Miguel Sá Fernandes. Interpretação de Florbela Queirós, Armando Cortez, Manuela Maria, Norberto de Sousa e Alexandra Pereira.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 17100

VERTICAIS:

- 1 Freguesia do concelho de Santa Comba Dão. Além disso.
- 2 Artigo definido (ant). Transi-
gias.
- 3 Desejava. Costumes.
- 4 Emprega. Nota musical.
- 5 Rejuvenesceram.
- 6 Invulgar. Passada.
- 7 Enfada. Sufixo que designa
estado.
- 8 A Pérsia. Prefixo que designa
ar. Senhor.
- 9 Peneirarias.
- 10 Cento e um em romano. Vossa
altura. Domestique.
- 11 Deusa da Aurora, esposa de
Titono. Queimaras.



HORIZONTAIS:

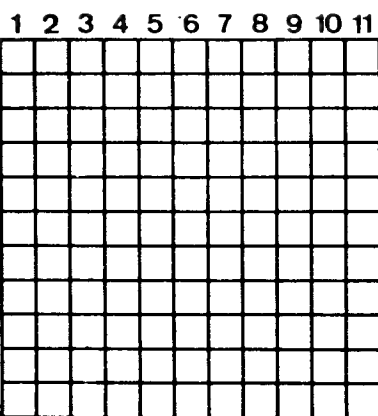
- 1 Artigo definido. Pronome rela-
tivo. Suspiros. Tempo do ver-
bo ser.
- 2 Tecido transparente com que se
cobre o rosto (pl). Amplexo.
- 3 Encerar. Lugar com vegeta-
ção, no meio de um deserto.
- 4 Enganos.
- 5 Pensar muito numa coisa. An-
tiga capital da Birmânia.
- 6 A mais velha de determinadas
mulheres. Arejaras (Bras).
- 7 Espera deferimento. Apanhei.
- 8 Muito pequena. Freguesia do
concelho da Covilhã.
- 9 Colina na Suécia. Zomba. Ri-
beira de Portugal.
- 10 Separados de outros. Ruim.
- 11 Indivíduos muito gordos.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

VERTICAIS:

- 1 Cidade dos Países Baixos. Mil
e cem em romano.
- 2 Capital do departamento do
Ródano, na confluência do
Ródano. Um dos estados dos
EUA nas montanhas Rochosas.
- 3 Abreviatura de Santíssimo.
Trezentos e dois em romano.
- 4 Tombara. Prefixo de privação.
- 5 Desampararam.
- 6 Causa nenhuma. Canoa de
casca de árvores com a proa e a
popa achatadas.
- 7 Cada um dos corpos que consti-
tuem o Exército. Preposição.
- 8 Primeira das três palavras que
formam o nome de uma fregue-
sia do concelho de Anadia.
Reis.
- 9 Vestimenta rústica (pl).
- 10 Arquipélago da Malásia, no
mar da China.
- 11 Nome de frutos. Manuscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 15925



HORIZONTAIS:

- 1 O mais. Disfarce (fig). Crença.
- 2 Suspiros. Cidade do Estado de
São Paulo.
- 3 Rachados. Nota musical.
- 4 Isolado. Envolve em pão rala-
do (inv). Consentimento.
- 5 Valente (fig). Oculto.
- 6 Plantas têxteis do Ceará. O
mesmo que amir.
- 7 Cidade da Galileia. Nome de
mulher.
- 8 Nome de homem. Aterroriza.
- 9 Ornamentos que os reis medos
e persas punham na cabeça.
Senhores.
- 10 Ruim. Em a.
- 11 Planeta. Meigos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17099

HORIZONTAIS:

- 1 A. OCASIÃO.
- 2 Ra. Avis. Lá.
- 3 Ríamos. Ocar.
- 4 Ur. Asta. Adi.
- 5 Lear. Arrá.
- 6 Cás. Aa.
- 7 Apodaria. Op.
- 8 Éramos.
- 9 Asoto. Ode.
- 10 At. Ratadas.
- 11 Zurca. Amará.

VERTICAIS:

- 1 Arrulha. FAZ.
- 2 Aire. Pe. Tu.
- 3 O. Açora.
- 4 Camaradas.
- 5 Avós. Samora.
- 6 Sisto. Rota.
- 7 Si. Risota.
- 8 Am.
- 9 Cara. Soda.
- 10 LADRÃO. Dar.
- 11 Caria. Presa.

PROVERBIO: A ocasião faz o lad-
rão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 15924

HORIZONTALIS:

- 1 Chapadas. Ga.
- 2 Aas. Coradas.
- 3 Riscaras. Li.
- 4 Alu. Mira. Há.
- 5 Mapa. Oso.
- 6 Élida.
- 7 Lá. Pepino.
- 8 Apertaremos.
- 9 Sama. Ras. Sá.
- 10 Somáticas.
- 11 Mo. Oral.

VERTICAIS:

- 1 Cabanelas.
- 2 Hail. Lapas.
- 3 Assumi. Some.
- 4 Adiram.
- 5 Acampa. Im.
- 6 Doria. Parto.
- 7 Arar. Gerai.
- 8 Sasão. Pescu.
- 9 Saim. Ar.
- 10 Galho. Nossa.
- 11 Ásia. Rosa.

Antena Um

16.00: Pequeno jornal rocklândia; 18.00: Regressos; 19.00: Informação e música; 20.00: No estúdio e no estádio; 20.25: Música portuguesa; 20.30: A voz da solidariedade; 21.00: Musical; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

15.30: Compositores portugueses; 16.30: Álbum musical; 17.00: Cancioneiro popular português; 17.25: Música programática; 18.40: Orquestras de câmara; 19.00: Integrais; 19.25: Sonoridades; 20.10: Grandes intérpretes; 20.40: Obras, com oboé; 21.00: Música, de Bocherini, William Cornish, autor anónimo e Ger-vaise; 21.25: Transmissão directa, das Ruínas do Carmo, em Lisboa, de um concerto pela Orquestra Sinfónica da RDP; 23.15: Trios; 00.00: Música religiosa; 00.25: Intercâmbio musical; 00.50: Último andamento; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; 17.00: Feira mágica; 20.00: Peça que a gente passa; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo e resultados; 23.00: 24.ª hora; 01.00: É de noite... já se vê; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Ao fim e ao cabo; 20.00: Nova geração; 21.00: O sabor da música 22.00: As mil e uma noites; 23.00: Em órbita; 00.00: Morrison Hotel; 02.00: O rock pode esperar; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fim-de-tarde; 20.00: Programa da LAR; 20.30: Cidade nova; 21.00: Luzes da ribalta; 23.00: Bola branca; 23.30: Suplemento especial; 23.55: Meditando.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Grande bazar.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; 18.00: Bola branca; 18.30: Sete colinas; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Música no espaço; 22.00: Vamos aos fados; 23.00: Bola branca; 23.30: As canções da meia-noite; 23.57: Meditando.

Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Informação e música; 20.00: Porto de abrigo; 20.30: Meia de música; 21.00: Palácio de Cristal; 23.00: Bola branca; 23.30: Porto final.

RTP

15.05 - Matinée

«Onde fica a Guerra?»

Um playboy milionário é chamado para a tropa, mas chumba na inspecção. Surge-lhe então a ideia brilhante de ocupar o seu ócio recrutando um exército privado para combater Hitler. Este filme assinalou o reaparecimento de Jerry Lewis em grande foma como actor e realizador.

Com Jerry Lewis, John Wood, Jan Murray, Kaye Ballard, Robert Middleton, Paul Winchell e Sifney Miller

Realização de Jerry Lewis

Duração 96 minutos

17.00 - Ponto por Ponto

18.00 - Sumário

18.35 - A Família Bellamy

19.45 - Trânsito

20.00 - Telejornal

20.30 - Bolsa Dia a Dia

20.35 - Boletim Meteorológico

20.45 - Dona Santa

21.45 - Telemundo

22.40 - Brigada Especial

23.25 - Notícias

23.40 - Estádio

Volta a Portugal em bicicleta



17.17 - Os Imigrantes

55º Episódio

18.00 - Countdown

19.00 - Simon Show

20.05 - Hitchcock apresenta

21.00 - Jornal das Nove

21.30 - Montra de Livros

21.35 - Cinemadois

«Werther»

Prosseguindo uma das suas preocupações fundamentais, a rubrica «Cinemadois» volta a apresentar um filme inédito em Portugal. É uma realização da espanhola pilar Miró, datada de 1986. Esta obra, daquela que é, há já alguns anos, directora-geral do cinema em Espanha inspira-se no clássico de Goethe, procurando inscrever a tragédia de Werther no mundo contemporâneo. Nesta adaptação livre, um jovem professor de grego regressa à povoação do norte de Espanha de onde a sua família é originária. Depois de começar as aulas, o director propõe-lhe que dê lições particulares ao filho do seu amigo Alber-



«Onde fica a Guerra?»: o regresso de Jerry Lewis



«Hitchcock Apresenta»

to. Aceitando a oferta, o professor acaba por conhecer a mãe da criança, Carlota, há alguns anos separada de Alberto. Carlota vê-se, então, alvo de uma paixão exacerbada por parte do professor. Interpretações de Eusébio Poncela, Mercedes Sampietro, Feodor Atkine e Vicky Peña

Duração 110 minutos

AMANHÃ

RTP-1

10.01 - Às Dez
12.15 - Cambalacho
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Desenhos Animados
13.50 - Foi Êxito na TV
14.45 - Roxanna Banana
15.00 - Clipomanias
17.00 - Ponto por Ponto
18.05 - Brinca Brincando
18.30 - A Família Bellamy
19.25 - Cinência - Invenção do Futuro
20.00 - Telejornal
20.30 - Bolsa Dia a Dia
20.35 - Boletim Meteorológico
20.40 - Vamos Jogar no Totobola
20.55 - Dona Santa
21.50 - Lotação Esgotada
23.40 - Notícias

RTP-2

17.15 - Os Imigrantes
18.00 - Countdown
19.10 - Simon Show
20.05 - Hitchcock Apresenta
20.30 - Um Família às Direitas
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - Coração a Quanto Obrigas
22.05 - Clube de Imprensa
22.50 - Música na América



AOS CONDUTORES

"Diminua a velocidade ao verificar que uma criança pode atravessar a rua, distraidamente, para ir ter com alguém que está do outro lado da mesma."



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1

22.40

Brigada Especial

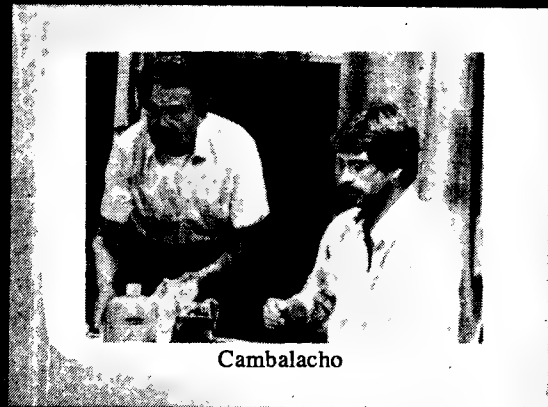
RTP 2

21.35

Cinemadois: Werther

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua Bento Jesus Caraca, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570



Cambalacho



PORTE
PAGO



Fundador **Joaquim Manso**

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRAFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 — 32 02 71 2 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico: DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte, 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 84

Preço do «DL» na Madeira: 40\$00

Director **A. Ruella Ramos**

Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

DEPÓSITO LEGAL: 1426/82



Desde o início da época balnear Já morreram 31 pessoas em praias, rios e barragens

A época balnear já fez 31 mortos, contando apenas com as que se verificaram desde o início oficial da época balnear, em 1 de Junho, mas incluindo os acidentes em praias, barragens e rios, segundo fontes do Instituto de Socorros a Náufragos.

O número de mortos até agora registado «é ligeiramente superior ao de igual período da época balnear passada», segundo as mesmas fontes.

A vigilância das 211 praias com os seus 120 quilómetros de extensão manter-se-á até 30 de Setembro, data do encerramento oficial da época balnear.

No Alto da Serafina e Beato

Gerente comercial e cadastrado apareceram mortos em Lisboa

Dois indivíduos apareceram ontem mortos a tiro na cidade de Lisboa em circunstâncias que apontavam em princípio para suicídio. No entanto e quanto a um deles, investigadores da Polícia Judiciária depois de analisarem o corpo admitem tratar-se de homicídio.

O primeiro caso refere-se ao corpo de um gerente comercial, de 39 anos, encontrado dentro do seu próprio automóvel, parado no Alto da Serafina, próximo da estação ferroviária de Campolide.

Apresentava vestígios de um disparo de arma de fogo na cabeça e tinha junto de si uma pistola de defesa, calibre 6,35, que lhe pertencia e se presume ter sido por ele usada.

Por razões que não foi possível averiguar junto das autoridades policiais, não foi divulgada a identidade do falecido.

Também na madrugada de ontem foi encontrado morto junto do campo de futebol do Clube Oriental de Lisboa, em Marvila, João Carlos Santos da Silva, de 23 anos, residente na Quinta dos Embrechados, ao Beato, nas imediações do local onde a morte ocorreu.

Apresentava um orifício de entrada de projectil de arma de fogo do lado esquerdo do pescoço sobre a carótida.

Segundo fontes próximas da Judiciária, trata-se de um indivíduo com antecedentes penais evadido da cadeia por se não ter apresentado finda uma liberdade precária concedida para visitar a família.

Até ao fim da manhã a PJ ainda não tinha divulgado o resultado das investigações, ignorando-se se confirma ou não a hipótese de homicídio e qual o motivo do crime e seus eventuais autores.

Lotaria Popular

1º—231210.....	1 000 000\$00
2º—370875.....	250 000\$00
3º—190323.....	150 000\$00
4º—326048.....	100 000\$00
Números terminados em 210	50 000\$00
Números terminados em 875	10 000\$00
Números terminados em 323	2 500\$00
Números terminados em 048	1 000\$00
Números cujos dois algarismos finais sejam 23, 38, 62 e 81	400\$00

Nota— Esta informação não contempla a anulação de prémios nem dispensa a consulta da lista oficial.

D/E/C/A/R/A/S/



JOSÉ CARDOSO PIRES, quarenta e um anos, autor de «O Delfim» e de «A Balada da Praia dos Cães», entregou à sua editora, a «D. Quixote», o original de um novo romance: «Alexandra Alpha». Com efeito, desde a publicação, em 1946, do conto «Salão de Vintém» — e já lá vão 41 anos — José Cardoso Pires, do conto passando ao romance e ao teatro, tem publicado um conjunto de obras que a crítica e o público acolheram com agrado e até com entusiasmo. Obras que levantaram reacções polémicas como «A Cartilha do Marialva» e «Dinossauro Excelentíssimo» ou que marcaram sucessos como «O Ren-der dos Heróis» e «O Delfim».

DIANA quebra a timidez, aquilo a que nela chamam timidez, e faz um discurso sem tremuras e sem corar, durante um almoço em sua honra oferecido pela Câmara de Londres. O espanto de quantos esperavam menos à vontade da parte de Diana foi reforçado com o brilho que lhe bailava nos olhos e a afirmação de que nem tinha precisado de uma bebida para acalmar os nervos. Aproveitaria ainda para elogiar a presença de vinho branco num almoço de homenagem e fazer um desmentido: «Contrariamente ao que disseram, recentemente, alguns dos nossos jornais mais sensacionalistas, eu não tenho andado a beber e não estou,



asseguro-vos, à beira de tornar-me uma alcoólica».

EÇA DE QUEIROZ está presente, página a página, nas «Imagens do Portugal Queirosiano», tema do volume que, na colecção «Presenças da Imagem», a Imprensa Nacional/Casa da Moeda editou. O autor, o arquitecto A. Campos de Matos, é um profundo conhecedor da obra de Eça. Prefacia o volume outro especialista queirosiano, o professor João Medina. Estas imagens de Portugal do tempo de Eça permitem, ao leitor, localizar, no rigor naturalista da ficção queirosiana, os episódios romanes- cos, as residências da personagem, os itinerários. No prefácio, João Medina, sem deixar de render homenagem ao meritório trabalho de A. Campos Matos, argumenta que a verdadeira Lisboa de Eça é «a cidade de papel e sílabas erguida pelo arquitecto José Maria Eça de Queiroz».

POLA NEGRI, estrela do cinema mudo, faleceu. A sua carreira abrange desde um papel de adolescente num filme alemão de 1917 a uma fita de Walt Disney, em 1964. Nas- cida na Polónia, provavelmente há 88 anos, tinha vi-vido romances com Charlie Chaplin e Rudolfo Valentino. Moreu no sábado numa clínica da cidade texana de San António, depois de várias semanas de doença que a debilitou. A propósito dos seus romances, diz-se que



quando Valentino morreu, em 1926, tinha o nome de Pola Negri nos lábios. Foi ela, de resto, quem levou o corpo de comboio para a Califórnia, parando em muitas estações para que as suas admiradoras pudessem prestar-lhe uma última homenagem. «Foi o grande amor da sua vida», segundo Gilbert Dennen, um amigo que a acompanhou até aos últimos momentos da sua vida.

ROBERT MAXWELL, o magnata da Imprensa britânica, anunciou que prepara a publicação, até à próxima Primavera, de três novos jornais — um nacional, um vespertino londrino e um outro de distribuição gratuita em Londres. Segundo um representante do grupo «Mirror», propriedade de Maxwell, vários quadros do «London Daily News», recentemente encerrado, foram encarregados de pôr em prática os novos projectos.

ANTHONY QUINN deverá protagonizar a película «Viejo, mi querido viejo», sobre a situação da terceira idade na sociedade moderna. O argumento é da autoria do escritor mexicano Pedro de Urdinales, responsável por guíões de êxito considerável no seu país, como é o caso de «Nosotros los pobres», que teve Pedro Infante no papel principal. Ainda não é conhecida a data e o local do começo das filmagens.

ÚLTIMA HORA

O Sporting recordou esta manhã, a propósito do caso Cascavel, a posição assumida pelos dirigentes benfiquistas aquando da aquisição do jogador Chiquinho, reconhecendo que, então, o clube da Luz teve uma «posição totalmente correcta». Em comunicado emitido ao fim da manhã de hoje, os dirigentes sportinguistas referem ainda que «as diversas versões vindas a público acerca das condições económicas em que a transferência se concretizou são, para além de contraditórias, manifestamente especulativas».

CTT/TLP PREPARAM NOVAS LISTAS E NOVAS ENCOMENDAS

Saber qual o médico ou canalizador mais próximo de casa ou onde arranjar a televisão vai ser mais fácil proximamente.

O Gabinete dos CTT/TLP anunciou que vão ser editadas as listas de código postal, que incluirão «quase tudo» desde áreas, pessoas, bens e serviços.

As listas terão áreas definidas que irão das listagens do código postal e codex a nível nacional, endereços de bens e serviços organizados por ruas ou por actividades sobre a área a que a lista respeita.

A distribuição das listas será gratuita, sendo a primeira referente à região de Setúbal, seguindo-se Leiria e Coimbra.

Para 1988 está prevista a edição das listas das regiões de Lisboa e Porto.

O gabinete de Imprensa dos CTT anunciou igualmente a entrada em funcionamento de duas novas modalidades de encomendas postais: a Eurocolis e a Sal que permitem maior rapidez e segurança na circulação de encomendas internacionais.

A Eurocolis utiliza expedição por via aérea ou superfície nas encomendas até 10 ou 20 quilos entre países da Europa, a Sal destina-se a encomendas via aérea para países mais distantes, quer da Europa quer de outros continentes, por preços inferiores aos de encomenda por avião.

A Eurocolis aderia na primeira fase Portugal, RFA, Bélgica, Dinamarca, Finlândia, França, Luxemburgo, Países Baixos, Suécia, Suíça e Vaticano.

Os países que para já admitem encomendas Sal são África do Sul, Angola, Brasil, EUA, Finlândia, Inglaterra, Grécia, Irlanda, Itália, Japão, Macau, Moçambique, Noruega e S. Tomé e Príncipe.

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.

A Ecologia no Mundo

Tecnologia sim, mas qual?

José Carlos Marques

Nos Estados Unidos e Inglaterra, a parte dos impostos gasta no desenvolvimento de tecnologia militar é superior à parte gasta em todos os outros programas de investigação somados que os Governos desses países financiam. ¹⁾

TODOS os que gostariam de ver terminada a corrida aos armamentos sabem que os povos beneficiariam imenso se o desmesurado esforço hoje aplicado na preparação da guerra fosse canalizado para tarefas de paz. Mas como seriam de facto essas tarefas de paz?

Por vezes, o que se tem em mente é uma simples transferência para o sector civil do aparelho tecnológico hoje aplicado no sector militar. Mas não haverá um parentesco profundo entre a tecnologia civil e a tecnologia militar? Sabe-se como as duas estão interligadas, como tantas vezes as realizações de uma dependem de descobertas feitas na outra.

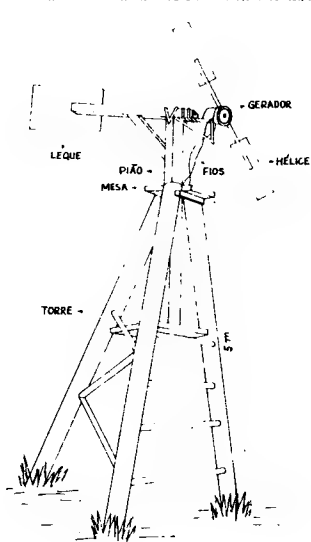
A tecnologia civil, ou assim considerada, será adequada às tarefas da paz? Nesse caso, aplicados os recursos hoje malbaratados na corrida aos armamentos, tudo correria bem. Porém, se olharmos para os resultados que a preocupação exagerada de multiplicar o poderio tecnológico tem trazido à Humanidade, teremos que ser mais cautelosos. Além das grandes catástrofes naturais (sismos, vulcões, inundações), a nossa época tem vindo a conhecer

cada vez em maior número grandes catástrofes tecnológicas. Todos lembram Seveso, Harrisburg, Bhopal, Chernobyl.

Por isso, a reflexão sobre o sistema tecnológico moderno tem sido um dos grandes eixos do movimento ecológico universal. Quando se pretende encontrar uma relação mais harmoniosa e menos destrutiva da sociedade humana com o ambiente natural onde se insere, deixa de ser possível aderir à obsessão do progresso a qualquer preço ou de identificar progresso e desenvolvimento humano com cada vez mais tecnologia ou cada vez mais crescimento económico.

Aqueles que têm uma confiança cega na modernização e na técnica qualificam qualquer crítica da tecnologia actual como uma negação da tecnologia. É que não concebem outra a não ser aquela que hoje se manifesta baseada na glorificação da energia e do poder. No entanto, conhecidas as consequências desastrosas que sobre a Natureza, portanto sobre o próprio Homem, tem e terá essa tecnologia, o caminho necessário passa por uma tecnologia outra: uma

CATA-VENTO GERADOR DE ENERGIA - ASPECTO GERAL



Este catavento ilustra uma das fichas recentes do **Fichário de tecnologias adaptadas**, editado pela Embrater, organismo do Ministério da Agricultura do Brasil.

tecnologia adequada ou apropriada, que tenha em conta as pessoas e os povos a quem se destine, por um lado, e, por outro, o respectivo impacto sobre o ambiente natural que se procurará reduzir ao mínimo.

Não há hoje entre nós quem não fale no ambiente e da defesa da Natureza. Mas a fragilidade do movimento ecológico português pode bem avaliar-se pela quase inexistência de uma corrente que investigue e ponha em prática tecnologias de baixo impacto em todos os sectores da actividade económica, especialmente na agricultura. Pelo contrário, vive-se a obsessão de imitar as tecnologias destrutivas dos países mais ricos, fechando os olhos ao preço que eles pagaram, e vão continuar a pagar, por terem poluído os seus rios, solos e mares com o seu aparelho industrial de ponta e agricultura avançada.

Para aqueles que se esforçam por encontrar alternativas ao sistema ultratecnista, recomenda-se o **Fichário de Tecnologias Adaptadas**, que há vários anos vem sendo editado pelo Serviço de Extensão Rural, do Ministério da Agricultura do Brasil. Inicialmente inspira-

do num projecto semelhante elaborado em França, em pouco tempo este **fichário** passou a alimentar-se basicamente nas fontes da tecnologia tradicional local e no trabalho de técnicos e agricultores brasileiros.

As tecnologias adaptadas, para os autores deste fichário, são aquelas que envolvem processos técnicos simples, com fácil controlo da sua aplicação, e que aproveitam ao máximo os recursos locais e matérias-primas, energia e equipamentos. São técnicas que requerem menos capital e utilização mais intensiva da mão-de-obra; as máquinas, equipamentos, unidades de produção e processamento são de tamanho reduzido.

Para maiores informações, pode contactar-se: Projecto de Captação de Difusão de Tecnologias Adaptadas, EMBRATER, Caixa Postal 07 — 0530, 70 770 Brasília, DF — Brasil.

Nota:

1) Norman, Colin, *Knowledge and Power; The Global Research and Development Budget*. **Worldwatch Paper 31**. Washington, 1979.

Sorrisos de Agosto

A situação no Golfo



«Sim, homens, o Presidente segue com atenção cada um dos vossos movimentos!»

Teatro



Viagem a Montedemo

Págs. 4 e 5



Rita Blanco

Pág. 3

Medicina

Por onde regressam os objectos perdidos pela memória

Uma experiência inédita demonstra o papel do inconsciente no despertar das recordações. É uma pista interessante para a reeducação do amnésicos.

TODOS nós conhecemos os «buracos de memória» e sabemos como é, geralmente, vã a busca de uma palavra que nós falta, e que parece depois voltar «sozinha», algum tempo depois. É uma banalidade do dia-a-dia, mas que coloca a questão seguinte: como é que os mecanismos da recordação, que falharam, voltam a funcionar?

Eis a hipótese de resposta: no momento em que esses mecanismos não respondem à actividade de busca que a nossa memória faz, recusando satisfazer-nos, o cérebro envia uma espécie de ordem aos processos neurofisiológicos (desconhecidos) do inconsciente. Estes continuam a explorar os traços do longo prazo, suportes das recordações, enquanto o pensamento consciente prossegue o seu curso em temas diferentes. Quando o alvo é tocado, ele é posto em actividade, daí derivando a sua irrupção inesperada na vida mental consciente: «O tal nome é Fulano!»

A verificação desta hipótese no sujeito normal choca contra obstáculos metodológicos quase inultrapassáveis. Citemos um deles: no intervalo que separa o momento em que a perturbação mnésica se manifestou e a entrevista posterior, o sujeito não deve ter pensado no tema ou nas recordações que lhe falharam. Ora isto é inimaginável. O próprio esforço de não pensar nisso é, já, pensar nisso.

Veio-nos a ideia de contornar esta dificuldade recorrendo a pacientes atingidos por uma «síndrome amnésica pura». A formação dos «traços a longo prazo» no córtex cerebral, contrapartidas bioquímicas das recordações, e o seu reavivar realizam-se graças a um circuito complexo, afundado no cérebro, que desempenha o papel de «activador». A sua destruição (por traumatismo, encefalite viral, enfarte, etc.) provoca a «síndrome amnésica». Os pacientes esquecem os acontecimentos em que participam com uma inteligência normal (amnésia anterógrada) e mostram-se incapazes de evocar as recordações que lhes eram familiares (amnésia retrógrada). Estas duas perturbações eram necessárias à experiência empreendida.

A experiência consistiu numa curta série de interrogatórios separados por intervalos de dois ou três dias. Cada um deles tratava de três temas: dois correspondiam a lugares perfeitamente conhecidos do paciente, e um outro a um acontecimento notório da vida pessoal.

O examinador colocava as questões sem fornecer a menor informação. A amnésia retrógrada e a amnésia anterógrada desempenharam, cada uma delas, o seu papel próprio.

A primeira, sobre os temas do questionário, para a recolha dos esquecimentos; a segunda, para responder à condição *sine qua non*, quer dizer: o sujeito ia esquecendo o interrogatório à medida que ele se desenvolvia, e não conseguia pensar nele mais tarde. Este esquecimento foi

verificado e confirmado.

O estudo incidiu em três mulheres, de 45, 37 e 20 anos. Eis os temas sobre que foram interrogadas: **Caso 1** — O bairro de Passy (Paris), o trajeto de automóvel Paris-Poitiers-Gençay, onde nasceu e passa férias, e o dia do seu casamento com um argelino, em 1962. **Caso 2** — O Bairro Latino (Paris), a região de Lozère onde a paciente nasceu e onde volta todos os anos, e o dia em que, em Paris, soube da morte de mãe em Israel. **Caso 3** — O bairro de Passy, o lugar onde passava férias e o dia em que se rompeu o noivado de sua melhor amiga.

Os resultados obtidos foram idênticos nas três pacientes. Apenas mencionamos aqui os do **caso 1**. O aumento de informações fornecidas de sessão em sessão, sobre os itens dos lugares, foi espectacular. Planos geográficos foram progressivamente desenhados pelo examinador, que parava em caso de não haver resposta.

Damos conta da extrema precisão das informações: nome de todas as lojas de determinada calçada (por vezes acrescida do nome do proprietário), identificação precisa do lugar da praça de táxis, do quiosque de jornais, da entrada para o metro, da farmácia, etc., etc...

Repovoar o passado

O crescimento do número das recordações evocadas não pode ser devido senão a uma actividade dos processos mentais inconscientes. Esta afirmação repousa na prova que obtivemos do olvido dos interrogatórios precedentes, quer dizer: sabemos que a paciente não voltava a pensar nas perguntas feitas entre duas sessões.

Assim, no decurso de cada interrogatório, cada pergunta anteriormente abandonada devido à falta de resposta ia de novo pondo em actividade processos neurofisiológicos inconscientes que serviam ao regresso da memória.

Duas notas salientes:

Nenhuma das recordações regressadas à consciência nesta ou naquela sessão foi depois esquecida nas sessões seguintes, o que significa que o processo de lembrança, uma vez posta em actividade, permanece. O regresso crescente das recordações relativas a um ponto do mapa ou de um trajeto implicou, por outro lado, uma difusão do mesmo processo noutros pontos que não tinham ainda sido evocados (fenómeno de generalização da recordação).

Em contrapartida, as recordações ligadas a determinado dia da vida não foram enriquecidas, e certas narrativas comportaram inúmeras efabulações.



Retratos no Teatro

Rita Blanco

Por Manuel Cintra

Não liguem muito ao ar agressivo da atriz na fotografia; ou então, se ligarem, compreendam que é sincero, não é para agredir ninguém. Esta mulher está a ficar mais sólida. O teatro está a transformar-lhe os gestos, as atitudes, o estar, a franqueza. Se vissem, como eu vi, este mesmo olhar há coisa de cinco anos, quando toda a aventura ainda estava a começar, talvez a arrogância vos parecesse infantil. Agora, não. Agora continua lá, mas transformou-se na luta de uma atriz a sério, quando procura a sério no teatro aquilo que faz com que, como se fosse a brincar, a verdade se transforme numa força. Capaz de deixar de ser séria, de passar a ser sólida, como a arte de representar.



João Canijo, em fase de acabamento) como teve, paralelamente a isso, muito pouca rodagem de palco, resumindo-se a sua experiência teatral, a nível profissional, a dois espectáculos: uma substituição, no Teatro da Cornucópia, na fase de reposição da peça MARIANA ESPERA CASAMENTO, de Jean-Paul Wenzel, e recentemente o espectáculo ainda em cena entre nós JOGOS DE PRAIA, de E.A. Whitehead, numa encenação de João Canijo e Diogo Dória.

Este exemplo de atriz que evolui, na arte de representar, quase exclusivamente através do cinema e que de repente tem, com enorme sucesso, a sua primeira apresentação de peso como é o caso em **Jogos de Praia** coloca um problema já antigo, o da diferença de tipo de representação em cinema e em teatro. E se em cinema tudo se passa mais depressa, sem haver os meses de ensaio que para montar uma peça são sempre necessários, se em cinema tudo depende de uma magia quase geométrica encontrada ou não entre a arte manipuladora do realizador e as potencialidades do actor em causa, em teatro, para quem esteve meses a ensaiar, tudo se torna mais consciente, de um modo geral. Pelo menos para quem seja actor ou atriz, pois em cinema acontece resultarem muito bem não-actores ou não-actrizes. E foi exactamente isso que se deu com a Rita, ao trabalhar neste último espectáculo, **JOGOS DE PRAIA**: aquela espontaneidade que lhe permitia com eficiência ir ao encontro daquilo que lhe tem sido pedido em cinema teve que ser substituída por outra técnica, para ela muito mais difícil, e que a coloca

faltando-lhe no entanto o essencial: a verdade. E em cinema, é claro que essa verdade talvez seja a mesma no local de chegada, pois, nós, espectadores, estamos todos vivos. Os actores é que só estão vivos naquele momento fixado, em que a efemeridade da representação é executada num crime, perfeito ou imperfeito, mas total. Aí, se a espontaneidade resultou, se a velocidade resultou, o momento será talvez eterno, se nunca ninguém destruir a última cópia existente dessa película. Mas no teatro, é possível ver vinte vezes a mesma peça sem ver uma única vez a mesma peça. E é isso que Rita Blanco acaba de conseguir, sabendo a que ponto a capacidade mágica que apenas sentiu duas ou três vezes ao longo de muitas representações, é fugaz.

Agora quer continuar. Lembra-se dos tempos em que a timidez a tornava arrogante e pouco tímida na aparência, dos tempos em que a exuberância involuntária chegava a enervar aqueles que, como eu, a conheceram na altura em que tudo nasceu. Agora, ser atriz não só é assumido como também é certo, basta ver a transformação que se deu, basta sentir a nova tranquilidade, misturada de alegria e de inquietação, com que me fala de tudo isto. Agora, sabe. Sabe o que quer, sabe que vai continuar a tentar. E se for necessário passar uns meses a servir num restaurante, como já lhe aconteceu, enquanto o trabalho não chega, isso que importa?

Cheguei a pensar, através de outros exemplos de pessoas da sua geração, que o teatro se ia esvaír, nos próximos anos, em companhias há muito estabelecidas e que vão assimilando, ainda que pontualmente, este ou aquele actor jovem. Enganei-me. Não é bem isso, felizmente. Há, em casos como este, uma atitude. Essa atitude passa pela alegria de conseguir, mas também pela inquietação de ainda não ter conseguido. Um fenómeno raro, como a Companhia das Luzes, que assina a produção de **JOGOS DE PRAIA**, talvez seja efémero, talvez não. Mas acredito agora que se esteja a assistir a uma força nova, e que alguns dos mais jovens actores se reúnam, qualquer dia, em um ou dois ou vários grupos, com continuidade, e desta vez para ficar.

Seja como for, se isso não acontecer, olhem bem para a Rita, que está a olhar para vocês. Olhem e acreditem que é verdade, olhar assim. É verdade, é exigência, é paixão. E se nunca mais ouvirem alar dela (o que me parece pouco provável) lembrem-se, ao menos, alguns de vós, de aprender a olhar também.

Nota:

Por lapso, na semana passada, no artigo sobre Ruy Furtado, foi trocado o nome da peça Páscoa, de August Strindberg, pela de Pai; aqui ficam as minhas desculpas; leia-se Páscoa, onde está Pai.

CONTA-ME que em pequenina passava horas ao espelho, um espelho que ainda hoje, quando o vê em casa dos pais, a toca, como se fosse um segundo irmão. E era com o irmão, poucos anos mais novo, que gostava de passar horas a mascarar-se a vestir aos dois outras roupas, a pintar sobre aquelas outras caras, e a fazer nascer um pequeno mundo que não vinha de lado nenhum nem pretendia mais, provavelmente, do que o prazer de se conseguir diferente, esse prazer que ainda hoje a acompanha, que ainda hoje lhe lembra os tempos em que não sabia sequer que o teatro existia. Era como brincar às bonecas, não ao carnaval. Tudo se passava num quarto fechado, sem espectadores. Até que passou a ser mostrado à família: então cantava, inventava e servindo-se ainda do irmão como elemento para «contracenar», mostrava a todos aquilo que tinha nascido primeiro num quarto, em frente de um espelho.

Agora o espelho talvez seja o gravador. Talvez nem seja preciso para mim, que conheço a Rita Blanco precisamente desde o ano em que deu início ao seu curso de teatro no Conservatório de Lisboa, talvez não seja preciso, dizia eu, carregar no botão ou gravar a conversa. Assisti, de longe, por intermitência, a toda a transformação. E isso leva-me a desejar que agora o público vá assistindo àquela que se vier a dar. Ao entrar para o Conservatório, a conselho da família, após concluídos os estudos de liceu, a Rita teve oportunidade de começar a concretizar essas energias de outra maneira. Já não era bem um quarto, nem uma família para a qual se mostrava aqueles fingimentos. Agora era

preciso aprender. E o Conservatório Nacional, a meu ver, nem sempre ensina. O caso é que teve a sorte de calhar num ano em que vários dos seus colegas tinham como ela muita energia e vontade de ir para a frente com força. Veja-se por exemplo o caso de Fernando José Oliveira, que o público teve oportunidade de ver já bastantes vezes (por exemplo na versão de Mário Feliciano de «Filhos de um Deus Menor») ou Custódia Gallego, actualmente integrada num espectáculo em cena em Lisboa. E é claro que estas coisas contam muito. E então no Conservatório, infelizmente, continua a contar quase mais do que aquilo que se aprende, o tipo de pessoas com quem se aprende: os colegas. Não direi que não haja professores ou que não ensinem, mas repito, como já aqui disse, que um bom encenador ou um bom actor não corresponde obrigatoriamente a um bom professor de teatro, e vice-versa.

Foi ainda durante o curso do Conservatório que Rita Blanco teve a sua primeira oportunidade a nível profissional: além de uma figuração na produção que o Teatro Nacional D. Maria II fez de PEDRO O CRU, de António Patrício, coube-lhe um filme francês rodado nesse ano em Portugal, interpretar um pequeno papel. Desde então, têm-lhe surgido muito mais oportunidades no cinema do que em teatro, e isso torna-se num caso um pouco particular no panorama dos actores da sua geração, no nosso país. De facto, não só já participou bastante em cinema (NINGUÉM DUAS VEZES de Jorge Silva e Melo, LE SOULIER DE SATIN de Manoel de Oliveira, AGOSTO de Jorge Silva Melo e ainda a primeira longa-metragem de

Na quinta-feira

TER-ESCREVER

Viagem a Montedemo

Por Carlos Porto

Leitor, propomos-lhe uma viagem por dois países: um país literário — **Montedemo**, escrita de Hélia Correia; país teatral — **Montedemo**, espectáculo de O Bando, com adaptação e encenação de João Brites; espectáculo apresentado em três noites de Julho numa mata da vila beiroa de Tondela.

Devemos preveni-lo que vamos ser excessivos: só assim se poderá falar de uma coisa também ela excessiva, como o foi este espectáculo, um acontecimento sem paralelo no teatro português dos anos recentes.

Representa um bem para o viajante o ter adquirido um fundo de emoções amáveis e vivas, de que a memória se renova durante toda a vida; no entanto ele não poderia partilhá-la com aqueles que não as tendo experimentado, se interessam sempre mais pela descrição dos azares do que pela dos prazeres.

Viagem do Jovem Anárcase pela Grécia

Não é no palco que o teatro se cria mas sim no coração dos espectadores.

Ingmar Bergman

MONTEDEMO provavelmente não existe no cadastro corográfico de Portugal, mas é certo que faz parte da sua tradição popular e sobretudo da geografia da literatura portuguesa. Por isso é possível visitar Montedemo como é possível visitar a Serra do Caramulo, com uma diferença — a de que Montedemo é muito mais arripante do que qualquer abismo natural, e muito mais enigmático.

João Brites conta num texto do programa do espectáculo de O Bando como andou pela zona da Nazaré onde foi buscar material etnográfico de que se serviu para erguer em teatro o espantoso conto de Hélia Correia que o contou em termos espantosos no seu livro (edição Ulmeiro). Aí, perto da Nazaré, existe um monte onde se vai, nas proximidades do Carnaval, em romaria, **uma festa que não é organizada por ninguém... Um monte de musgo de fogueiras, templo e antro.**

A escritora traça na sua narrativa o percurso de uma virgem solteirona — Milena — que um dia chega tarde a casa, onde vivia com sua tia — Dona Ercília Silveira. Não foi num dia qualquer que isso aconteceu mas naquele a que poderíamos chamar o dia dos prodígios, evocando e não por acaso Lídia Jorge:

Mais tarde alguns lembraram que tudo começou naquele domingo seco em que a terra tremeu. (...) Mais numerosos são os que dataram o início de tudo naquele dia em que os gatos correram pelos becos como se os perseguissem cães raivosos. (...) Até para o facto de o mar ter aparecido três manhãs de Fevereiro com grandes ondas roxas que pareciam imóveis e mal faziam espuma ao tocar as areias... (Hélia Correia — «Montedemo») Também nesse dia a Dona Ercília Silveira teve suspeitosos contactos com um cauteleiro da vila e tão suspeitosos que ela resolveu fechar-se em casa de onde não sairá até que o cauteleiro morra, o que levará anos e anos.

O maior dos prodígios, no entanto, está ainda por vir: é quando a vila descobre que Milena, a solteirona, está grávida, facto que a leva a sair de casa, «dois minutos antes» da tia a expulsar, indo viver para a cabana da praia de Irene, a Louca. Mas nisto de prodígios nunca se sabe quando se atinge o máximo: é que Milena auxiliada pela louca, por uma amiga, Dulcinha, e pelo farmacêutico, Tenório (e estes dois virão a amar-se), dá à luz um menino preto. Que a sol-

teirona houvesse saído de caso era já um mistério algo escandaloso, que aparecesse grávida era qualquer coisa de terrível, mas possível num meio a isso habituado, que fosse da criança o pai incógnito, como se dizia, era coisa que decorria da situação anterior, mas que além de incógnito fosse impossível descobri-lo já atingia um grau mais inquietante, mas que ainda por cima fosse o bebé preto — eis qualquer coisa de intolerável que o povo não podia aceitar e por isso fosse ao extremo de apedrejar a mãe, que pela praia se passeava, bem como os seus suspeitos aliados.

Há na narrativa de Hélia Correia, tão bela, depurada, todas as palavras necessárias mas só essas, uma zona de enigma que a literatura, por assim dizer, pressupõe. Quem é o pai? O leitor sabe-o não pelo que lhe é dito mas pelo que intui nas linhas e nas entrelinhas da escrita. Utilizemos os termos da autora para que o leitor destas notas possa entender essa espantosa paternidade:

O povo lhe chamara Montedemo e ainda hoje se conta que lá iam, cobertos pela noite e embuçados, os pares de noivos prestes a casar. Contra as leis da Igreja, contra os ditames da prudência iam. E encostavam à terra a boca e a barriga, pedindo para os corpos prazer e harmonia e para o sangue filhos são e machos. (Hélia Correia — «Montedemo»). O teatro pode ser mais objectivo, mais evidente, sem desprestear o mistério do não-dito proposto pela escrita porque também o teatro pode utilizar metáforas que exprimem esse não-dito ao mesmo tempo que o dizem.

Veremos daqui a pouco em que termos se deu a passagem do enigma literário ao enigma teatral. Antes disso, interessa sublinhar o problemático da passagem do texto, uma narrativa densa, sem diálogos, necessariamente hermética nalguns pontos do seu percurso, ao teatro.

João Brites seguiu aqui o único processo possível no respeito pelo texto que a si próprio exige e que é nele indiscutível como se pôde ver em anos recentes em espectáculos como *O Cágado*, sobre textos de Almada ('DL'/7-6-85), e *A Viagem*, sobre a novela de Sophia de M.B. Andresen. ('DL'/13-3-87). Os intérpretes dizem o texto, individualmente ou em coro, por vezes passam da fala ao canto, raramente com uma mudança dos tempos dos verbos. Convém ter em atenção que Hélia Correia trabalhou com o grupo durante os ensaios.

As dificuldades do texto como material de fala são ultrapassados pelo trabalho que foi feito com as vozes dos intérpretes, com a articulação das frases, da



Hélia, João, Jaime, Natércia... a produção de Montedemo

relação dos vários segmentos textuais. Também sob esse aspecto um trabalho notável. Na verdade, o espectáculo é, no seu todo, genial, uma das grandes criações do teatro português dos anos 80.

Montedemo foi representado numa mata bem conhecida de Tondela onde se realizam anualmente festejos populares (na novela os festejos são em honra de S. Jorge). A mata, extensa, coberta de grandes árvores mas ao mesmo tempo com grandes clareiras, limpa, surge assim como o lugar ideal, até porque contaminado pela realização desses festejos de carácter popular.

Se o espaço estava encontrado, um outro problema surgia: o da luz. Representar à noite numa mata sem iluminação implicava uma solução qualquer. A solução, verdadeiramente engenhosa, consistiu em munir cada espectador de uma lanterna eléctrica, além de um banco de desarmar: desse modo aos espectadores competia iluminar as cenas que eram criadas num percurso em que o público seguia as suas indicações. Efeito duplamente fantástico: cada espectador ao iluminar a cena criava, ao mesmo tempo, as sombras que eram propícias ao espectáculo; alterando o próprio espaço pela maneira como os focos eram dirigidos, para a cara, para o corpo, para os pés dos intérpretes, procurando alures outros actores a fazer outras cenas, num surpreendente jogo de luz e sombra. Mas esse efeito era duplamente fantástico escrevi: é que, visto de fora, o conjunto de espectadores com as suas lâmpadas acesas criavam um efeito luminoso, no meio da noite densa, extremamente belo. Os ruídos do ambiente ajudavam a fazer o resto.

Não tenho conhecimento de outro espectáculo, em Portugal, que como este conseguisse uma tão funda, tão perfeita, harmonia entre a literatura, o teatro, a música e os sons, a noite, a natureza e o público. Verdadeiramente prodigioso. Nunca, que se saiba, pelo menos em tempos recentes, foi possível assistir a um relaciona-

mento tão íntimo, tão intenso, entre os vários elementos que se constituíram num espectáculo único, transformando-se numa realidade única, em que actores e personagens, elementos cénicos e marcação, música e canto, vozes e gestos, fatos e «máscaras», luz e sombra, constituíram com o público que participava vivamente em tudo isso, um espaço e um tempo outros, vida e teatro, teatro e vida.

Entre outras dificuldades com que João Brites deparou, alguns pareciam de facto insolúveis, em especial a que dizia respeito à caracterização social das personagens e das situações. O texto de Hélia Correia propunha um cenário natural — o monte, a praia — e um cenário social — a vila, a casa. No espectáculo, esses dois elementos são magistralmente expressos não só através do cenário natural como do tratamento das figuras e sobretudo na construção da casa burguesa da Dona Ercília Silveira, que é representada por armários de estilo, colocados em dois carros de bois, e semicobertos por terra que cobre também duas personagens, as portas desses armários com superfícies que ora são transparentes ora reflectoras; debaixo de um dos carros há um jogo de foles construído por um grande especialista — elementos fundamentais neste jogo de significantes da natureza e da comunidade, do interior e do exterior, da realidade e da magia (ou do teatro). Mas também os admiráveis figurinos, de Jasmim, e as «máscaras» criadas por pinturas e narizes, para as quais João Brites, de acordo com o texto do programa, se inspirou na pintura expressionista do flamengo Jales Ensor — participam nessa definição das personagens. Desse modo, figuras existem cuja composição social é muito bem sinalizada: em especial, Milena, Irene, Dona Ercília Silveira, o farmacêutico, Dulcinha.

Um outro elemento que João Brites se serviu foi a turfa («rocha sedimentar, combustível, rica de restos

vegetais... pouco carbonizados, fofa e porosa...», como dizem os dicionários) — com ela criou uma das mais belas cenas que vimos até hoje em teatro. Aqui um outro carro de bois, puxado por alguns intérpretes, ergue-se, e nele, barriga imensa, surge Milena: é a hora do parto. E, como que o rebanhar das águas, saem dela camadas sucessivas de turfa bem negra — Montedemo! — e no meio dela um boneco também preto, ao qual momentos depois com os seios nus a actriz parece dar de mamar.

Assim o espectador chega à cognição do mistério a que me referi, desse ser invisível, bem como a singularidade da cor da pele do filho. Esse conhecimento é no espectáculo mais óbvio e teatralmente genial: é a terra, a turfa, porque é ela que representa o Pai, Montedemo a Terra-Mãe, neste caso a Terra-Pai de que Milena recebeu a semente, achado maravilhoso de Hélia Correia.

A luz e as sombras, as «máscaras» e os fatos, os armários e os carros de bois, as vozes isoladas e os coros, os grupos de actores e as cenas solitárias, a música, bela música de Luís Pedro Faro, no órgão, na gaita de foles, nos biddes dependurados em árvores e iluminados (uma outra fonte de luz na cena da casa), com cordas que puxadas provocavam sons cavos, estranhos; mas música também nas vozes dos actores, alguns deles cantores, que passavam da fala ao canto, um outro admirável achado desta leitura do texto de Hélia Correia, mas também as fogueiras, os fogos de artifícios, mesmo quando falhavam.

Perguntar-se-á: será *Montedemo* um espectáculo perfeito? Há duas ou três notas negativas que se citam para que não haja apenas flores. Diria que nem sempre o coro surgiu tão homogêneo como se desejaria (problema que a rotação do espectáculo resolverá); há dois elementos sem importância que me pareceram desnecessários num espectá-

Continua na pág. 5

culo tão forte, tão denso, como este: a entrega aos espectadores, numa cena, de pequenos seixos, símbolo do acto de apedrejar Milena (quem é capaz de atirar a primeira pedra?); numa outra cena, inicial, cada espectador recebe uma mão-cheia de turfa. Bem sei que com estes actos o espectáculo quer simbolizar as relações do espectador com as vivências da história. Repete-se: num espectáculo tão forte e denso como este, esses elementos acabam por parecer maneirismos.

Este espectáculo consegue qualquer coisa de muito raro: o relacionamento entre os elementos populares, na aceção mais genuína da palavra — o carro de bois (apesar dos esforços feitos pelo grupo não foi possível pô-los a chiar, o que demonstra o que nos separa de Júlio Dinis!) (1), as fogueiras, as «máscaras»; o ritual; e dos elementos — o texto, a luz, a música, as relações com a pintura, a passagem da fala ao canto operático — esses elementos populares e eruditos fundem-se perfeitamente jogando num plano comum o dessa dupla tradição: a festa, o jogo, o ritual, a poesia, o mito, o teatro. O todo inscrevendo-se na própria Natureza: a noite, a floresta, os sons, a luz das estrelas, as sombras. Entre inúmeras imagens que a memória retém vejo uma árvore enorme servindo de fumo ao corpo franzino de Paula Só.

Muito belo. Quando o espectáculo termina, as personagens dispõem-se e perdem-se longe nas sombras. Nas duas noites em que o vimos, tivemos um comportamento diferente. Da primeira vez, acompanhámos a Milena e a louca que se distanciaram: da segunda, deixámos-nos ficar junto do público enquanto aquelas duas personagens se afastavam sozinhas. De repente ficam sós, muito longe, engolidas pela sombra, apesar de uma lanterna de azeite que Irene tem na mão. Só nos chegam as suas vozes que o silêncio da noite torna puríssimas. Pode o leitor estar certo disto: ainda no momento em que escrevo estas notas, quase uma semana mais tarde, ouço essas vozes e ainda o meu coração treme:

Não há limites para o que é humano.

Amem-se. Nunca se sabe o fim

Que beleza!

Sobre Tondela

Esta iniciativa da estreia em Tondela do novo espectáculo de O Bando exigia a criação de infra-estruturas, exigia esforços que o grupo não estava em condições de fazer isoladamente. Tendo deslocado para Tondela uma equipa de vinte pessoas, uma semana antes da festa (para citar o título da admirável peça maldita de Carlos Coutinho), o grupo contou com a colaboração preciosa e decisiva da ACERT, Associação de Cultura e Recreio de Tondela, organismo que partiu da existência de um grupo de teatro de amadores — Trigo Limpo — e tem hoje uma actividade impressionante em vários campos da intervenção cultural, desde a música às artes plásticas e ao vídeo. Há três anos, a ACERT celebrou um protocolo com a Misericórdia local para utilizar as instalações do antigo hospital. O edifício, de uma bonita traça, estava em ruínas e tem sido recuperado graças ao trabalho de dezenas de jovens associados e ao apoio financeiro de algumas entidades, entre elas a Fundação Gulbenkian. Hoje a ACERT é certamente uma das mais dinâmicas organizações culturais da província. Porque é assim, como se há-de estranhar que paire sobre ela a ameaça de ter que abandonar a sua sede, que lhe é literalmente indispensável, para que nela seja instalada um lar para a terceira idade? Ideia meritória, como se calcula, quem poderá e quererá opor-se-lhe? O problema que se põe é o seguinte: não



Montedemo, ensaio ao sol

seria mais lógico e produtivo construir um edifício para o efeito, dotado portanto dos requisitos que um lar moderno exige, ou adaptar um outro edifício disponível, que há, mais facilmente adaptável para esse efeito, e deixar que a ACERT continue uma actividade que interessa a tanta gente, ocupa os lares de tantos jovens, é uma manifestação de vitalidade, de criatividade que seria de todo inaceitável estancar? Espero que seja permitido a um visitante de Tondela, encantado por tudo o que lá viu, e pela maneira como foi tratado, propor que o caso da ACERT seja devidamente ponderado e finalmente salvaguardado.

Visita ao Caramulo

Tondela tem à sua frente o maciço verde, lindíssimo da serra do Caramulo, onde outrora se armazenavam numerosos tuberculosos, para salvar os que fosse possível, e deixar morrer os outros. Existiram no Caramulo cerca de duas dezenas de sanatórios dos quais alguns já desapareceram e outros correm esse risco imediato. A povoação que outrora comercializou prosperamente graças às centenas de doentes e familiares que por lá passaram, é hoje um lugar fantasmático esmagado pelas enormes construções desabitadas, conservando ainda a memória de um tempo vivo que era também um tempo da morte, ainda que por vezes as relações entre a população local e a população exógena assumissem um carácter conflituoso por vezes dramático. Não se acredita como é possível deixar malbaratar um património daqueles quando o Caramulo podia ser uma excepção estância de repouso para trabalhadores, para jovens, para velhos. Existem infra-estruturas, embora precisem ser recuperadas; existe um lugar maravilhoso que é a própria serra; existem até dois museus, de automóveis antigos (com alguns objectos esteticamente fascinantes) e de arte moderna, este infelizmente fechado por razões perfeitamente compreensíveis, símbolo de um espaço desaproveitado que podia ser finalmente um espaço vivo para pessoas vivas, já não uma espécie de Montanha Mágica sem Thomas Mann.

O colóquio aquático

Do programa das festas de Tondela fazia parte um colóquio, menos insólito pelo tema do que pelo lugar em que seria realizado, junto ao rio entre um banho e uma fritada. O tema era complicado: «Loucura, Festa, Marginalidade e Subversão na Narrativa e no Drama Portugueses», e estava prevista a participação de vários escritores que na sua maioria não apareceram. No entanto, não deixa-

ram de passar por estes dias de Tondela, pelo colóquio e pelos espectáculos, entre outros, Jorge Listopad, José Oliveira

Barata, Fernando Dacosta, Manuel Guerra, Vítor Valente, (Realejo-Porto), João Luís (Pé de Vento-Porto), Rodri-

«Para meu espanto e maravilhamento, eis que o Montedemo e a sua gente me aparecem agora, passados alguns anos — e armados de um esplendor, de uma frescura, de tão bela e dramática energia que confesso me enchi do desumano orgulho com que Pigmaleão viu mexer-se a sua estátua. «Qual! exclamaram então as personagens. — Que diabo tens tu a ver com isto? Sorte nossa encontrarmos quem nos deitasse a mão e nos tratasse assim com tanto amor. Qual! Estávamos servidas, se o João calhasse com os olhos em nós...»

Não sei onde elas foram buscar aquele «Qual!» Já não meu, garanto. E por isso faz parte desta experiência tão comovedora, que é ver as criaturas a ganharem um corpo, um riso, um movimento, a expressarem por força da idade e da memória, e surgirem assim, completas, animadas e cheias de saúde por outros as amaram: o João concebeu-as com aquela minúcia e aquela ternura, que são, acho, o segredo das suas cenas mágicas; vestiu-as o Jasmim, fazendo flores e tranças com materiais caóticos, tão facilmente como Deus faria o mundo; a Paula veio dar um sentido e uma beleza ao espaço e às deslocacões: e o Luís Pedro tratou de arrancar-lhes um som com que se recobrissem. E aqueles actores mais uma vez fizeram o passe misterioso que no mesmo minuto os desagrega e os recompõe com outra voz e outra aparência. De um instante para o outro aqueles corpos de quem eu sei o nome, com quem comi, falei e passei e aos quais me liga a vulgaríssima amizade — dão lugar à Milena e ao Tenório, à Dulcinha, à Isaura, ao Padre e à Irene e eu fico a olhá-los, um tanto intimidado, com receio que possam) acusar-me de tudo o que lhes venha a ser incómodo na existência. Mas não. Eu sou apenas espectadora. Sento-me e deixo que elas me fascinem. Montedemo é agora do João e do Bando...»

Hélia Correia no Programa

«Cruzamo-nos por vezes com aquelas palavras que nos deixam grudados à vontade de as possuir, despidoradamente. Ficamos até capazes de as roubar e fugir com elas. Confesso que me apropriei de Montedemo.

Quando as relia, novas imagens irrompiam e eu deixava-as ir sem me interessarem os «porquês». Ficava, isso sim, cada vez mais intrigado porque o segredo se mantinha. Como se essas séries ocasionais de palavras mantivessem sempre uma face oculta como a da lua, que está bem à vista mas que do lado de cá não se vê.

A 3 de Fevereiro, todo o Bando ia em romagem a S. Brás. Muitas pessoas numa festa que não é organizada por ninguém... Um monte de musgo e fumo de fogueiras, templo e antro. Um carnaval que ainda não é.

Imagino, há muitos milhares de anos outras gentes, outro rito com a mesma dúvida, e a mesma atracção pelo monte.

Noutro tempo mais recente, como a lenda conta, o último rei dos godos, ao morrer, deixaria de acender a fogueira que lhe sinalizava a vida. E, tecendo conjecturas, a melhor maneira de festejar o aniversário dessa morte solitária, seria o acender de dezenas, centenas de fogueiras, no sopé dessa anta. Contentes os vivos por continuarem vivos.

Em Maio voltei à Nazaré, com o Rui e encontramos na Biblioteca, no Museu, no cemitério, nas pessoas do Sítio, indícios do mistério do monte.

Propositadamente não queria estar ali a absorver tudo em função do espectáculo futuro. Aceitava perder tempo. Factor indispensável e infelizmente arredado do trabalho de criação actual, dada a necessidade crescente de «eficiência e economia». Quer dizer: ir encontrando sem andar à procura... mas fazendo alguma coisa por isso.

Deliciei-me com o arroz de safio, sem espinhas, que os pais do meu amigo nos prepararam.

Dois meses depois, voltei pela terceira vez com mais dois companheiros: o Jasmim e o Luís Pedro pisavam agora a mesma terra que a Hélia pisara. Fizemos os quatro, outra vez, quase o mesmo percurso; comemos na «oficina» e, quando a noite trouxe a outra face do dia, sentimos o que as reuniões de trabalhos anteriores não tinham conseguido: o mesmo ar do mar e do monte empurravam Montedemo como um mesmo barco que nos arrastava.

Companheiros do Bando e colaboradores tínhamos feito, com sucesso, a abordagem do «monstro».

João Brites
no Programa

gues da Silva, Maria do Céu Guerra, Hélder Costa, Manuel Guerra, Eugénia Vasques, Maria Emília Correia, Fernando Gomes.

O espanto do colóquio consistiu na organização do respectivo espaço: a mesa, coberta com um pano vermelho, e com as três garrafas de água mineral da ordem, estava colocada no meio de uma pequena enseada do rio. E foi lá que se sentaram em bancos que levaram a Hélia Correia, a Maria do Céu Guerra, o Fernando Dacosta, o Jorge Listopad e o João Brites, este aliás devidamente vestido e molhado. Mesmo que o colóquio não tivesse interesse (o que o ambiente explica) só a frescura que por ele passou, as crianças e os adultos em fato de banho ou nadando no rio, o teriam justificado; quanto à fritada que se seguiu é bom nem falar.

No dia seguinte foi possível recordar esses momentos através de um vídeo realizado pelos responsáveis da secção da ACERT, que abrangia desde excitantes cenas dos ensaios até às duplamente molhadas cenas do colóquio e da fritada. Tratava-se, aliás, de um excelente trabalho de realização, apesar do pouco tempo disponível.

Montedemo, outra vez

Este intermédio indispensável para que pudéssemos levantar alguns marcos do contexto social em que decorreu a apresentação do espectáculo de O Bando, não nos deve fazer esquecer que foi a estreia de Montedemo o factor determinante deste fim-de-semana tondelense, duplamente inesquecível, pelo impacto provocado pela criação teatral e pela consabida mas sempre surpreendente arte de bem receber e pela amizade manifestadas pelos beirões.

Montedemo — vai ser possível noutros lugares, a começar já em Setembro nos jardins da Gulbenkian. Será sempre um grande espectáculo — mas provavelmente não voltará a ser a experiência arripante que foi para nós, os que tivemos a sorte de ter estado lá, participantes e expectantes numa festa teatral sem paralelo.

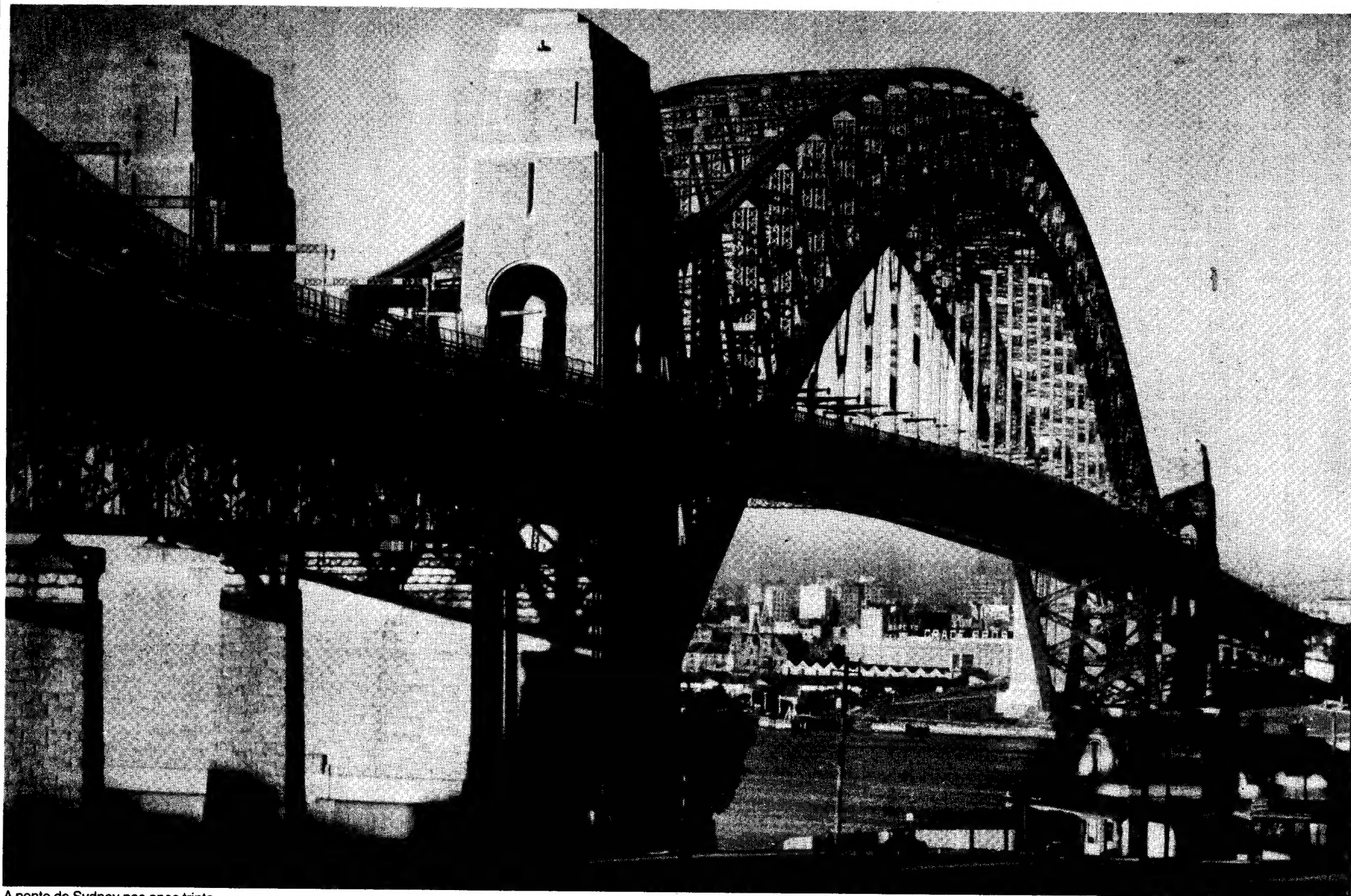
Festa teatral que se deve a muita gente, naturalmente. Alguns nomes — Hélia Correia, João Brites, Paulo Só — já foram citados. Mas muitos outros, todos, porque foi este um espectáculo de um magnífico colectivo, deviam sê-lo. Por isso chamamos a atenção do leitor para a ficha com que fecha esta crónica.

Mas também alguns nomes locais deviam aqui ser chamados; na impossibilidade de o fazer a todos, quero colocar aqui o nome de José Rui, a quem dedico este texto, não apenas por ser ele uma das almas e um dos corpos da ACEAT e desta festa, mas por nele simbolizar, com justiça, todos aqueles que a tornaram possível. (As melhores, Zé).

MONTEDEMO, de Hélia Correia. *Adaptação cénica* de João Brites revista por Hélia Correia. *Levantamento etnográfico*: Jaime Rocha. *Encenação e Cenografia*: João Brites. *Música*: Luís Pedro Faro. *Colaboração (Movimento)*: Paula Massano. *Guarda-Roupa*: Jasmim. *Colaboração*: Sofia Pinto Leite. *Interpretação*: Antónia Terrinha, Eduarda Dionísio, Horácio Manuel, Jorge Laurentino, Maria Almeida, Maruga, Paulo Só, Raul Atalaia. *Cantores*: Fernando Luís, Filipa Pais e Luís Castanheira. *Colaboração*: Mestra Amélia Varejão, Lurdes Simões, Sofia Pinto, Suzete Rodrigues, Mestre David, Ilídio Araújo, Luís Silva, Ricardo Rosa, Constantino, Francisco Pereira, Manuel Ribeiro. *Fotografia*: João Paulo. *Organizador*: António Simões. *Secretariado*: Natércia de Campos e Tiza Gonçalves. *Grupo O BANDO*. Estreia: Mata de Tondela/24-07-1987.

(1) «Barreti (?) atribui-lhes injustamente a crença de que esse ruído faz fugir o diabo». — C. I. Ruders — «Viagem em Portugal».

Em Sydney a mutante



A ponte de Sydney nos anos trinta

TUDO o que corre, sobe, voa, rola, nada, flutua, escorrega, com ou sem motor, vai entrar na festa. Prioridade aos desportos. Mas também haverá tudo o que se pode imaginar de festivais e de manifestações para as artes, as religiões, as ciências, as técnicas e os «hobbies» mais inesperados. A Austrália prepara-se para celebrar fervorosamente, durante todo o ano de 1988, o 200.º aniversário do seu estatuto de colónia membro do Império britânico. É uma maneira de esconjurar a gravidade dos seus problemas económicos, de lutar contra a morosidade resultante da sua crise de crescimento, de reavivar o espírito pioneiro que marcou o seu nascimento.

Ainda há não muito tempo, um bom burguês australiano não apreciaria provavelmente que lhe lembrassem o seu mais antigo familiar no país — que ali deve ter chegado de cadeias nos pés, oriundo da Grã-Bretanha e transportado no sórdido porão de um barco de prisioneiros.

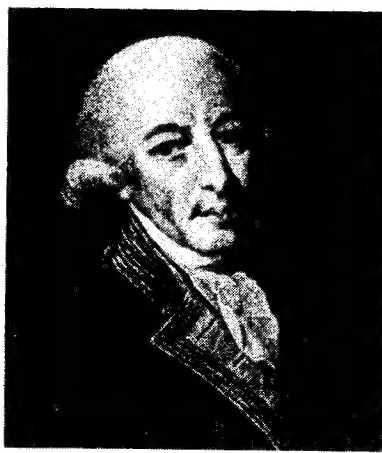
Hoje, a genealogia está na moda. Esgotam-se todas as obras do género *Como descobrir quem foi o seu trisavô degredado*; as reproduções, em «facsimile», das listas de administração penitenciária enumerando as identidades e o cadastro de cada um dos condenados aos antípodas vendem-se como pão. A Austrália reencontra-se consigo própria.

É em Sydney que o verdadeiro pontapé de saída do ano do bicentenário terá lugar, quando sete navios acostarem, a 27 de Janeiro, ao cais dos *Rocks*, onde há dois séculos atracou a *First Fleet*, comandada por aquele que ia tornar-se no primeiro governador da Austrália, Arthur Phillip. Ele acabava de descobrir «um dos melhores portos do mundo» e ia dar-lhe o nome do seu ministro, lorde Sidney, secretário do Interior.

Nos *Rocks*, desde há meses, estão em vias de restauro as lojas estilo Old Britain, ali mesmo onde há vinte anos planos ambiciosos previam a construção de arranha-céus e de ancoradouros de *fly-over*. A dois passos da mais velha casa de Sydney, uma humilde *cottage* de 1815, uma exposição mostra ao visitante aliviado as maquetas desse plano de urbanização que teve o bom gosto de não ir por diante.

Esta procura de uma identidade, encontramos-a em cada esquina na Sydney de 1987, mesmo na City, tornada numa das mais belas selvas de betão do mundo inteiro. Diferentemente de Hong Kong ou de Singapura, os vestígios mais representativos do passado — fachadas victorianas, *squares* plantados com vegetação rara, cortam a monotonia dos paralelepípedos severos, retendo cativa a herança histórica.

Projectos de futuro também não faltam à cidade. O mais ambicioso: uma



Arthur Phillip

torre de cento e vinte andares que quer ser a mais alta do mundo, destinada a albergar um centro financeiro internacional que opere sobre todo o Pacífico. O objectivo é suplantir Hong Kong, apostando na deliquescência do terceiro principal centro financeiro do globo a partir do momento em que ele regresse à China, em 1997. A maior das cidades australianas reencontraria assim uma vocação que assumiu pouco depois da chegada dos forçados, quando se tornou no centro do comércio das grandes casas de Londres com a Ásia do sudeste.

A cidade, construída num local de rara beleza, e que beneficia de um clima

mais doce do que nenhuma outra metrópole no mundo, sofre, no entanto, dos mesmos males que as suas consortes.

Em primeiro lugar, conta com uma delinquência que tem aumentado de forma inquietante, e que começa nos roubos de automóveis: mais de 60 mil carros roubados em 1986, e um aumento anual destes roubos da ordem dos 30 por cento. Os seguros vingam-se nos proprietários vítimas destas indelicadezas, partindo do princípio que boa parte deles encontraram assim uma boa maneira de se desembaraçarem de carros demasiado velhos para serem revendidos.

As drogas duras circulam ainda sem grandes entraves na Kingscross, lugar alto e sinistro da prostituição: é uma zona sobre a qual a comissão de turismo do Estado de New-South-Wales reconhece que foram precisos «esforços prolongados» para «sanear a atmosfera, maravilhosamente boémia». Uma atmosfera que contrasta aliás, com a primeira imagem que Sydney dá de si, ao visitante que chega ao seu aeroporto: como em todas as cidades australianas, os oficiais do controlo higiénico vêm vaporizar com insecticida a cabina do avião, e os empregados da alfândega analisam minuciosamente todas as bagagens, à procura da menor parcela de alimentos, de extractos vegetais ou animais, rigorosamente interditos, de tal modo o país-continente está preocu-

pado com a manutenção e a defesa do seu frágil ambiente.

Quanto à marijuana cultivada localmente, o «habitat» em edifícios familiares e o clima ajudam-na, e a Polícia já nem se preocupa muito como identificá-la e destruí-la. No máximo, ela tenta evitar a sua proliferação, mantendo um olhar atento aos quintais das traseiras nos bairros mais densamente povoados por gente de origem estrangeira. Conta-se que um brincalhão aproveitou a campanha a favor do verde na cidade para plantar um canteiro de erva aos pés do City Hall...

Crescimento desmedido

Multirracial, Sydney é-o resolutamente. Sem grandes problemas, de resto, até a estes últimos anos. Italianos, gregos, turcos, jugoslavos, libaneses assimilaram-se progressivamente. Mas os recém-chegados, refugiados do sudeste asiático, enfrentam dificuldades com que as autoridades nem sonhavam, «ao ponto de constituírem um sério problema», como diz um responsável da municipalidade.

Os conflitos de interesses já deram origem a vias de facto. A Polícia teve de montar uma «brigada vietnamita» e passou a reunir regularmente com os chefes das comunidades vietnamita e libanesa para tentar levá-los a pactuar.

Outra doença é o fluxo e refluxo diário dos *commuter*, que vêm trabalhar na

Continua na pag. 7

Autoscopia dos lugares

A pequenez da imagem-video é sintoma e metáfora da dissecação que os dispositivos *protésicos* da visão intensificaram num contexto de apropriação cujo «epicentro» poderá ser formulado e submetido à re-construção da *janela violada*. E, se bem que os pioneiros da arte-video reconheçam e cite as inovações do cinema dos anos 20, por exemplo, a distância cronológica, acelerada pela diferença tecnológica, insere a imagem-video num processo de *retoma* temporal. Não só a diferença é um desejo de diferença, mas instala, também, toda a nossa herança visual num ilhéu de temporalidades onde são inventadas e descobertas, com toda a significação pragmática, as *inerências movediças do visual*.

O sintoma recolhe o que o corpo vislumbra em pontos-síntese que vertem em elementos percursos do metabolismo. No silêncio dos órgãos circula, indefinido, em cacofonia o brilho pressuposto da sumptuosidade artificial. A operação liquidou as incertezas. A imagem saiu da topografia instável das sensações e entrou na instabilidade diferente da tecnologia. O fermento metabólico foi assimilado por *operações transmutativas*, a *poïesis* do estar repetiu-se no fazer.

A dificuldade, e mesmo uma certa relutância, em incorporar a tecnologia sobrevém da integração imprevisível que resulta do fenómeno de *deveras* incontornável que está patente na imagem-video e que consiste na *miniaturização*. Diríamos mesmo que esse fenómeno transcende a tal ponto os hábitos visuais que se torna, simultaneamente, revelação e demonstração do seu próprio funcionamento, além de pôr em exagero a própria diferença que constitui o narcisismo intrínseco da apropriação.

A pequenez da imagem não deve ser compreendida no sentido redutor do termo. O valor da imagem situa-se no que chamamos o processo de *LILIPUTIANIZAÇÃO* dos media, não no encerramento corporal, mas no desfazimento dos contornos que a inovação tecnológica tende a «empurrar» para o nível extremo da abstracção, intimamente correlativo à *GULIBERIZAÇÃO* dos meios. Entre esses dois extremos inteiramente impalpáveis, entre a concretização gigantesca e a *mutação acelerada das escalas*, fenomenaliza-se um

novo espaço sem definições territoriais funcionando sem qualquer lógica das modificações e que na transumância perpétua dos movimentos atinge o que Nam June Paik nomeou espaço das neo-navegações, e que Paul Virilio, ao sublinhar o seu «aspecto» anti-goravital, prefere designar como espaço de flutuação.

A nova escala que a imagem videográfica nos impõe está, com efeito, saturada de vibrações, de pulsações, de varrimentos e de energia pura. A transmutação dos meios tecnológicos opera em nós uma verdadeira metamorfose do sistema perceptivo, seduz-nos através da oscilação das escalas no interior do «écran», corporaliza, talvez, na velocidade da luz o fantasma do corpo, e, por ser(?) VAZIO nos escandaliza ainda. Todavia, no espaço inacabado das existências e das obras reluzem novos imbricados de porvir que a prática videográfica tenta incorporar. Nam June Paik, por exemplo, sempre se empenhou em trasladar para o vídeo uma nova sensibilidade mediática, criando novas categorias de imagem através de uma sábia refilagem, distribuindo nas suas obras a difracção do ver, integrando o espaço fraccionário a imagens sequenciais.

A metáfora, na pequenez da imagem, é possuída pelo movimento endoscópico do ponto, pela oscilação «pisca-pisca» da velocidade da luz, que no dispositivo técnico se actualiza em um bombardeamento de electrões. A multiplicidade dos pontos da trama-eclã cresce por divisões internas, de tal maneira que a maior fragmentação corresponde a maior nitidez. Esta proporção não é, pois, o que cresce, mas, como o deserto, o que «regressa», lá onde a infinitesimalização dos pontos se coaduna e, ao mesmo tempo, se transmuta em espaço *liso* (Deleuze). A porosidade extensiva da imagem mede-se e esvanece-se na incorporalidade da sua existência, sacia-se da sua virtualidade frágil, *inexistente-se*.

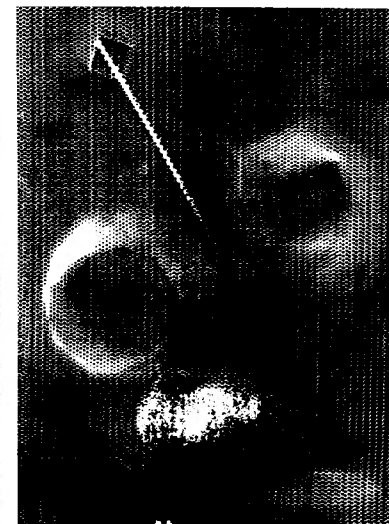
A imagem coloca-nos no abismo do fazer, actualiza a conjectura em *objecto mental*, põe-nos a flutuar no espaço das virtualidades.

Como escrevia Manet a Fantin-Latour a propósito do seu «Fifre»: «O fundo desaparece; o que rodeia o sujeito é o ar» (1).

Rafael Godinho



Manet, «Le fifre», 1866



Man Ray, «Rayograph», 1922



A partir de meados dos anos sessenta, o tráfego vindo das periferias saturou a cidade

Continuação da pág. 6

«City» a partir das suas longínquas residências dos arredores. O «City Council» reina sobre 24 quilómetros quadrados, que apenas contam 80 000 habitantes. Mas durante o dia, mais meio milhão de pessoas vem ali para trabalhar.

As carências em transportes colectivos agravam ainda mais as dificuldades da circulação automóvel, que se torna num inferno para esses «periféricos» que chegam a vir de distâncias como 90 quilómetros a Norte ou a Sul, e 55 para Leste ou Oeste.

Eis porque o habitante médio começa a duvidar muito seriamente do seu «direito», fundamental na mentalidade australiana, a possuir um pedaço de terra para aí construir a sua casa. Os terrenos para construção situam-se hoje tão longe da cidade, que muitos habitantes procuram voltar ao centro, mesmo sob condição de alugarem os seus apartamentos...

A City conhece, não só um *boom* de torres de serviços, mas também pedidos de residência permanente cada vez mais numerosos — fenómeno que as autoridades querem, o mais possível, irradicar. Mas, para isso, terão de melhorar muito substancialmente a rede de transportes colectivos, as vias de acesso às periferias da City e os *parkings extra-muros*.

Outro desequilíbrio é o da actividade industrial: desde 1982, o City Council recuperou a administração dos bairros industriais que se tinham desenvolvido ao sul da cidade, zonas imensas desprovidas de habitantes permanentes. Estes bairros são particularmente sensíveis a qualquer inflexão do sector industrial. A sua própria existência pareceu mesmo, temporariamente, ameaçada: nos anos 70, Sydney perdeu cerca de 40 por cento da sua população industrial, por causa da reconversão de muitas empresas do sector de transportes, que passaram a pedir menos mão-de-obra.

Esta evolução dependia directamente do tipo de desenvolvimento do trabalho portuário. Este, ao contrário do que se passa em numerosas outras cidades marítimas, exerce-se, em Sydney, no coração mesmo da urbe, o que facilitou o seu crescimento. Este fenómeno tornou-se mais amplo com a criação, em 1969, de Port-Botany, um complexo situado a sul de Sydney, para o tráfego dos *containers*.

A estes problemas socioeconómicos acrescenta-se o que não se hesita em classificar, no City Hall, de «assustadora confusão» que reinou, nos últimos anos, à cabeça da municipalidade. Os trabalhistas dominaram o City Council durante uma dezena de anos, até que o

Estado de New-South-Wales decidiu demitir todos os seus membros eleitos, para pôr termo a uma deriva contínua da administração que se mostrava incapaz de governar a não ser sob a forma de forum político.

Uma administração provisória foi então empossada, que terá de apresentar, até Abril de 1988, um relatório sobre as reformas necessárias antes de se proceder a nova eleição.

Segundo um esquema já experimentado, a municipalidade talvez venha a pertencer então aos conservadores, que estão na oposição ao nível federal, por uma espécie de reflexo do eleitorado, desejoso de fazer ouvir a sua voz mais claramente junto do governo de Camberra.

Entretanto, Sydney terá visto transitar um bom milhão de visitantes estrangeiros vindos assistir às manifestações do bicentenário. Um quebra-cabeças temido pelas autoridades, que suam sobretudo perante as insuficiências do sector hoteleiro. «Será difícil, mas é uma etapa na vida de uma cidade, como uma puberdade», diz, resignado, o motorista de táxi que nos transporta, fazendo girar o seu volante para a direita e para a esquerda, no meio de um enorme engarrafamento mais ou menos móvel.

Francis Déron

Se é verdade que o método de Morelli correspondia a uma nova compreensão do estatuto do detalhe na formação de um saber possível sobre as obras dos grandes Mestres da pintura europeia, não o é menos que esse método traía, nos seus procedimentos, a influência poderosa de um meio absolutamente novo de proceder ao detalhe — literalmente ao recorte — da obra de arte. A esse novo «imprescindível» do «connoisseur» rendeu homenagem o dr. Morelli logo no início do seu livro «Italian Masters in German Galleries. A critical essay on the Italian Pictures in the Galleries of Munich-Dresden-Berlin», editado em Londres, 1883, onde a fotografia é considerada como «o auxílio mais precioso para um sério estudo de arte» (1).

Esta homenagem de Morelli, bem como, por exemplo, os seus, prestígio médico-judiciários na «Salpêtrière» e na «Préfecture de Police» de Paris, mostram bem que a fotografia não se limitou a promover a configuração nas massas, «de uma percepção suficientemente apta para sentir o que é idêntico no mundo» para ser capaz de apreender na reprodução, aquilo que acontece apenas uma vez» (2).

Na verdade, a fotografia não permitia apenas diluir a singularidade única de uma existência na persistência de uma sua imagem e semelhança, conseguida através de um contacto quase-imaterial com o existente; ela permitia ainda, pelo recorte, pela modificação dos ângulos de tomada de vistas, pela ampliação «fazer ressaltar aspectos do original que escapam ao olho e não são apreensíveis se não por uma objectiva» (3) e, ainda, reter comodamente o resultado desses desvelamentos.

Para o historiador ou crítico de arte do século XIX, a possibilidade de se assegurar do concurso eficaz e algumas facilidades fotográficas para o bom sucesso das suas pesquisas não era, decerto, nada remota. Desde muito cedo que os peritos em arte de todo o mundo civilizado procuraram dotar-se de reproduções fotográficas das obras que pretendiam estudar: e poder dispor de boas reproduções representava seguramente um inacreditável acréscimo da informação imediatamente manipulável. Não só pelo carácter inusitado de algumas reproduções que, por serem muito exactas na restituição dos seus pormenores parecem estranhamente suficientes no seu recorte mas, sobretudo, porque toda a massa de informação assim reunida se tornava susceptível de comparação e de confronto, capaz de reagir aqui a uma contiguidade inesperada, ali ficando inerte e desmentindo uma familiaridade suspeitada. Esta possibilidade, aliás, corresponde na sua realização ao que Benjamin assinalava em «A obra-de-arte na era da reprodutibilidade técnica»: com efeito, esta co-presença em imagem testemunha bem do poder que tem a técnica de «transportar a reprodução para situações em que o original jamais poderia encontrar-se» (4). A fotografia permitia, portanto, obter detalhes precisos — e, num certo sentido, preciosos — e, ainda, jogar com

Figuras do Espanto (24) Morelli e a fotografia



Contracção histórica (Nouvelle iconographie)



Contracção histórica (gesso)

esses detalhes, juntando o que sem isso jamais deixaria de estar separado com a mesma facilidade com que juntava o que até então se pensava que devia ficar separado para sempre.

Com Morelli, a fotografia pôde efectivamente revolucionar a crítica de arte, e podemos entender aqui a revolução em diversos sentidos. Em primeiro lugar, ela correspondeu positivamente à exigência de uma

frequência cada vez mais próxima e mais assídua do original, tornando possível que grande parte do conhecimento que se pode ter sobre ele seja, de facto, mediado pelas suas reproduções: na verdade, um dos traços distintivos da fotografia, do seu modo de ser como signo, é o de permitir saber coisas sobre os seus originais que seriam muito penosas de descobrir, ou mesmo impossíveis, se acaso a investigação devesse incidir directamente sobre eles. Charles Sanders Peirce, fundador da semiótica moderna pôde caracterizar esta facilidade particular do ícone (e em especial do ícone fotográfico) como «uma capacidade de revelar uma verdade inesperada»: para Peirce, «uma das grandes propriedades distintivas do ícone é a de que pela sua observação directa podem ser descobertas, diz respeito ao seu objecto, outras verdades do que as que são suficientes para determinar a sua construção. Assim, por meio de duas fotografias pode traçar-se um mapa, etc. (5).»

Morelli tinha uma concepção detectivesca da história da arte, uma concepção que apenas se revela mais judiciária quando comparamos os seus métodos com os do polícia francês Bertillon, ou com o italiano Ellero: por todo o lado os detalhes de orelhas, dedos, pés, mãos, e em todo o lado eles devem contribuir para uma atribuição... de um nome a um crime, de uma assinatura a uma obra. A importância do modelo epistemológico da identificação, presente em todo um conjunto de práticas de gestão da informação obtida por vários processos — que não necessariamente os fotográficos — apenas se pode tornar mais manifesta numa crítica de arte devotada ao culto dos mistérios da criação, e de uma história da arte que se dava essencialmente como projecto a reconstrução das linhagens dos artistas ilustres, e o relatório exacto das respectivas famílias de obras. Esta ênfase do papel do artista na criação das suas obras, a ênfase no próprio problema da criação, apenas pode ser concebido no quadro daquele processo que Benjamin descreve, o de uma dissolução dos laços tradicionais que sustentavam o valor cultural de uma imagem original e cada vez mais a atiravam para a indeterminação de fundamentos que a constituía no seu valor de exposição; ou, como o colocou o próprio Benjamin, «à medida que se seculariza o valor cultural da imagem, representa-se de um modo cada vez mais indeterminado o substrato que faz dela qualquer coisa que apenas é dada uma vez. Cada vez mais, à unicidade dos fenómenos, reinante na imagem cultural, o espectador tende a substituir a unicidade empírica do artista ou da sua actividade criadora»... (6)

Pedro Miguel Freire

Notas

- (1) Morelli, op. cit. p. 7.
- (2) Walter Benjamin, in *L'oeuvre d'art à l'ère de la reproductibilité technique*, in *Essais 2 — 1935 — 1940*, Denoel — Gonthier, Paris 1983, p. 95.
- (3) Idem., p. 91.
- (4) Ibidem., p. 91.
- (5) Charles Peirce, *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*, 2.279.
- (6) Benjamin, op. Cit. p. 96, n. 2.

Mensagens Pessoais

Revista «Vértice»

Vendo completa, 45 volumes encadernados por 45 000\$00. Resposta ao telefone 848365.

Jornal «o diário»

Vendo colecção completa até ao n.º 3000, e totalmente encadernada e dourada desde os números 0 e 00 até ao n.º 2500.

Os dois primeiros volumes autografados pelo director e redactores. Telefone 664848.

As editoras

Tradutora longa prática boa cultura aceita leituras textos literários estrangeiros para dar parecer, assim como outros trabalhos relacionados com a edição, regime avença. Telefone 897192.

Mobiliário

Para externato infantil vende-se, incluindo instrumentos musicais. Telefone 847622.

2Alvissaras

Dou a quem souber do paradeiro de um gato «tigre» de grande estimação. Chama-se Ron-Ron e tem coleira castanha. Desapareceu no Bairro Alvalade.

Telefone 898336.

Fuzeta — vende-se

Motor para barco, marca Mercury 20cv. Tel — 570802 (Lisboa).

Armação de Pêra

Aluga-se apartamento para férias a 2.ª quinzena de Junho e a 1.ª quinzena de Julho.

Telef. 082 - 82114.

Emprego

Sou um jovem com 18 anos e o 10.º ano, procuro emprego em qualquer ramo. Telef. 32 36 19.

Correspondente Bissau

Jovem guineense de 24 anos deseja corresponder-se com portugueses e guineenses residentes em Portugal. Chama-se Seco Camará e deve-se dirigir a correspondência ao cuidado de Homem André. Banco Nacional da Guiné-Bissau, Caixa Postal n.º 38, Bissau, Guiné-Bissau.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o Diário de Lisboa de Lisboa podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais» Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.